Depois de afundar na lama, **Depeche Mode** emerge careta e feliz

Edição 190 - Ano 16
nº 5 - maio 2001 - R$ 5,00

SHOW

Bizz

R.E.M.

A maior banda de rock da atualidade? Michael Stipe responde

Bob Marley
Música do mestre do reggae não perdeu força com sua morte, há 20 anos

Samuel Rosa cutuca a geração dos anos 80: "Eles viraram as costas para o Skank"

Daft Punk
Esses humanos são uns neuróticos!

SÍMBOLO

Eric Clapton • Iron Maiden • Bon Jovi • Tiazinha (ela mesma!)

MILESDAVIS
GARTHBROOKS
MARIABE
BRUCESPRIN
CHICOBUARQUE
ERICCLAPTON
SANTANA
STING
BOBDYLAN
ROLLINGSTONES
SKANK
QUEEN
JOTAQUEST
LOSHERMANOS
OASIS
CARLINHOSBROWN
SANDY&JUNIOR
MARKKNOPFLER
NEILYOUNG
SIMONINHA
PARALAMAS
JAMESBROWN
LENINE
ZECABALEIRO
RAYCHARLES
MARINALIMA
IRA!
BEATLES
DAVIDBOWIE
MILTONNASCIMENTO
LEGIÃOURBANA
ENYA
CAETANOVELOSO
ANACAROLINA
JOÃOGILBERTO
DAVEMATTHEWS
ERYKABADU
RODSTEWART
GILBERTOGIL
WILLIENELSON
DOMINGUINHOS
SHANIATWAIN
MARISAMONTE

O Melhor da Música Está no MC

Em maio, programe-se para visitar o País da Música todos os dias!
Grandes artistas da música brasileira e internacional estarão no canal MusicCountry com o melhor da música de todos os tempos.
Um mundo de emoções 24 horas por dia na sua TV por assinatura.

The Eagles

No programa Cantarolando, a atribulada história deste grupo que em 1976 vendeu 25 milhões de cópias nos EUA, competindo com Thriller, de Michael Jackson. Curta clipes como The Girl From Yesterday e a clássica Hotel California.

Dia	Hora
15	20:00
16	23:30
19	01:30
	20:00
20	15:30
21	13:30

Lou Reed:
Magic & Loss

Você vai adorar o especial com a história e muitos clipes deste cantor fantástico que mudou a história do rock de vanguarda.

Dia	Hora
10	22:00
12	19:00
13	11:00
19	18:00
21	22:00
27	18:00
31	22:00

Lobão

Na Hora do Cachorro Louco, Lobão faz e acontece durante a "caçada" ao seu CD independente por São Paulo. E ainda encontra uma figura folclórica que transforma a "expedição" numa verdadeira farral

Dia	Hora
15	23:00
16	13:00
17	20:00
19	02:00
	22:00
20	03:00
	21:00
31	20:00

É mais:
- A história do The Corrs no *Cantarolando*
- Mestre Ambrósio passeia e diverte na *Hora do Cachorro Louco*
- Os papas do blues Albert King, John Mayall e Mick Taylor fazem um superespecial no *Blues Alive*
- Jimmi Hendrix, The Who e outros famosos estão no documentário de celebração dos 25 anos do The Marquee.

MC
MUSICCOUNTRY

www.musiccountry.tv
Adquira a programação MusicCountry com o Operador de TV por Assinatura de sua região.
Rua Gomes de Carvalho, 1765 - 5º andar - São Paulo - SP Fone: (11) 3044-7122 - Fax: (11) 3044-6513

O País da Música

Foto de capa: Divulgação

Noite dessas, encontrei um empresário de uma banda famosa em uma festa do mundinho musical brasileiro. Insatisfeito com o tratamento dado aos seus pupilos em BIZZ, depois dos rapapés de praxe, ele me intimou: "Você está vacilando! Em vez de falar mal, precisa é elogiar, construir ídolos. Todo mundo ganha com isso: nós vendemos mais discos e a sua revista vai junto". Na hora, atônito com a cara-de-pau de seu desabafo, reagi com o costumeiro cinismo alto-astral (indispensável nessas ocasiões) e devo ter respondido qualquer coisa para me livrar do maleta. Apesar da obviedade, a reclamação ficou ecoando por dias e dias em minha cabeça. Ídolos = altas vendagens. Como não atingi o desprendimento de renunciar ao dinheiro, na reunião de pauta seguinte expus à Redação o "toque" que me foi dado. OK, todos em busca do ídolo nacional perdido! Vamos começar pela lista que recebemos a cada semana com os 25 discos mais vendidos no Brasil. *Furacão 2000*, Bonde Do Tigrão, Falamansa, KLB, Belo... Digamos que não eram exatamente esses os astros que procurávamos. Ah, mas o ao vivo da Legião Urbana já está em segundo lugar! De novo?

Mills, Buck e Stipe: acredite neles

Divulgação

A gente poderia entrar em crise diante da revelação de que nada do que aqui se escreve influi nas decisões da indústria fonográfica e, muito menos, no gosto do consumidor. Só se nos deixássemos levar pela burrice da manada. Na verdade, por mais que adotemos o mercantilismo, não passamos de uns românticos (ou trouxas, sei lá). Em vez de enfiar a cara na lama e abrir as pernas para essa merda toda que está aí, preferimos ir atrás do novo, de quem tem algo a dizer, dos ídolos que não são forjados por meia dúzia de reportagens no circuito brega. Um risco tolo, pelo qual talvez ainda paguemos com nossos empregos ou com a extinção da revista. Mas que nos permite, a cada edição, folhear BIZZ e achar que seguimos com a audácia de questionar o preestabelecido e a ousadia de pensar.
Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

O que rolou enquanto trabalhávamos duro para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

Automatic For The People*, *Up*, *Green*, *Document* e *Dead Letter Office, R.E.M. E isso porque é sujeira falar do piratinha do show do Rock In Rio que todo mundo aqui comprou. Além do enorme talento, os caras são gente fina.

Chapinhas De Ouro, Gralorréia Xilarmônica Frank Jorge veio largar a Jovem Guarda em São Paulo e nós fizemos uma sessão preparatória ouvindo o segundo disco de seu velho grupo. Genial.

Malcou Douglas Syndrome, **Comunidade Nin-jitsu** "Amor, amor, o que eu quero é transar..." Com novos golpes (baixos), os gaúchos estão de volta, num álbum cuja capa – um sushi erótico – já pode ser considerada a melhor do ano.

Relationship Of Command, **At The Drive-in** Foi um martírio, mas nós tentamos. Sabe como é, lançaram no Brasil, mandaram para a gente... Mas não deu. Vão berrar assim lá em São Francisco!

BARULHO

6 Tiazinha Rock'n'roll; o adeus a Joey Ramone

9 Cabra Cega
Com o mestre Zé Ramalho

11 Que Fim Levou
Sigue Sigue Sputnik

12 Até Quando Esperar
Super Furry Animals, Black Box Recorder

14 Palco
Tribo de Jah, Duran Duran, Mark Knopfler, Dio

ESTE MÊS

18 R.E.M.
Os reis chegam à maioridade em ótima forma

24 Bob Marley
Vinte anos sem o regueiro mais famoso do planeta

30 Samuel Rosa
O líder do Skank resolve jogar algo no ventilador

34 Soulfly
Max Cavalera com a cabeça aberta para todos os sons

38 Daft Punk
Os robozinhos estão voltando...

42 Eric Clapton
O guitarrista fala de suas novas influências

44 Os The Darma Lóvers
Uma aula de budismo com a dupla mais legal do Sul

48 Depeche Mode
Após "curtirem o silêncio", eles retornam limpos

52 Mestre Ambrósio
Um papo sobre forró com quem entende do riscado

54 Bon Jovi
Os fãs pediram e John atendeu: ao vivo e na veia

DISCOFAGIA

57 Pato Fu, Roland Orzabal, Run DMC, Linkin Park

66 Importe-se
Fun Lovin' Criminals, Rocket From The Crypt

68 Os 10 mais...
Para entender o som psicodélico

70 Minha Coleção
Gabriel, do Autoramas, abre o armário

72 Discoteca Básica
Piece Of Mind, do Iron Maiden

82 Detalhes
Lafayette cria a marca registrada da Jovem Guarda

Stamp Rock Wear

CAMISETAS OFICIAIS

ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

TEL. 0**11 6979 7344
FAX. 0**11 6979 5456

stamp@uol.com.br
www.stamp.com.br

TAMANHOS
P M G XG

R$17,00
XG R$ 19,00

TS 481 IRON MAIDEN
TS 472 IRON MAIDEN
TS 451 IRON MAIDEN
TS 436 IRON MAIDEN
TS 422 IRON MAIDEN
TS 389 IRON MAIDEN
TS 385 IRON MAIDEN
TS 365 IRON MAIDEN
TS 288 IRON MAIDEN
TS 273 IRON MAIDEN
TS 264 IRON MAIDEN
TS 214 IRON MAIDEN
TS 490 KISS
TS 479 KISS
TS 474 KISS
TS 459 KISS
TS 457 KISS
TS 453 KISS
TS 494 OZZY OSBOURNE
TS 484 OZZY OSBOURNE
TS 463 OZZY OSBOURNE
TS 455 OZZY OSBOURNE
TS 493 BLACK SABBATH
TS 485 BLACK SABBATH
TS 476 BLACK SABBATH
TS 466 BLACK SABBATH
TS 458 BLACK SABBATH
TS 492 BEATLES
TS 491 BEATLES
TS 487 BEATLES
TS 486 BEATLES
TS 456 BEATLES
TS 480 DOORS
TS 465 DOORS
TS 460 DOORS
TS 464 JOHN LENNON
TS 412 RAMONES
TS 346 RAMONES
TS 215 RAMONES
TS 330 LED ZEPPELIN
TS 326 LED ZEPPELIN
TS 261 LED ZEPPELIN
TS 228 LED ZEPPELIN
TS 418 SLAYER
TS 325 SLAYER
TS 289 SLAYER

TS 483 SEPULTURA
TS 482 SEPULTURA
TS 383 SEPULTURA
TS 252 SEPULTURA
TS 413 PANTERA
TS 333 PANTERA
TS 489 SLIPKNOT
TS 498 CRADLE OF FILTH
TS 496 CRADLE OF FILTH
TS 495 CRADLE OF FILTH
TS 434 CRADLE OF FILTH
TS 407 CRADLE OF FILTH
TS 204 PINK FLOYD
TS 489

REGATA FEMININA

R$15,00

FEM 001 BB 100
FEM 002 BB 101
FEM 003 BB 102
FEM 004 BB 103
FEM 005 BB 104
FEM 006 BB 105
FEM 013 BB 106
FEM 014 BB 107
FEM 016 BB 109
FEM 017 BB 110
FEM 018 BB 111
FEM 019 BB 112
FEM 020 BB 113
FEM 021 BB 114
FEM 023 BB 116
FEM 024 BB 117
FEM 025 BB 118
FEM 026 BB 119
FEM 027 BB 120

(FEM)
TAMANHOS
P M G

BABY LOOK

R$17,00

(BB)
TAMANHOS
P M G

COLEÇÃO SPECTRUM

R$14,00
XG R$ 16,00

TAMANHOS
P M G XG

SPT 700
SPT 702
SPT 703
SPT 704
SPT 705
SPT 706
SPT 708
SPT 709
SPT 712
SPT 713
SPT 714
SPT 716
SPT 717
SPT 718
SPT 719
SPT 720
SPT 721
SPT 722
SPT 723
SPT 724
SPT 725
SPT 726

ENVIE O SEU PEDIDO POR CARTA, FAX OU E-MAIL PARA A STAMP:
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO,SP

PREENCHA NOME,ENDEREÇO, REFERÊNCIA E TAMANHO.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.
O VALOR VARIA DE ACÔRDO COM O PESO DA MERCADORIA E LOCAL.
ATENÇÃO: O VALOR DO FRETE É O MESMO PARA UMA OU DUAS CAMISETAS

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO E TAMANHO.

GRÁTIS NA COMPRA DE CINCO CAMISETAS (QUALQUER MODELO) VOCÊ GANHA UMA À SUA ESCOLHA. NA COMPRA DE DEZ GANHA DUAS

DESCONTO PARA REVENDEDORES

REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME: _____

END: _____

CEP: _____ CID: _____ EST: _____

TEL: _____ ASSINATURA: _____

BIZZ /MAIO / 2001

Pílulas, boatos, reinações...

Suzana aponta PJ Harvey e Donnas como influências primordiais em seu novo trabalho

Arrá! Urru! A Tiazinha é do rock!

Cuidado, Rita. Há uma outra tia prestes a invadir seus domínios. Suzana Alves, a Tiazinha, quer ser a rainha do rock'n'roll. Tempo ela tem: com apenas 22 anos, diz que pretende cantar até os 80. A beldade parece falar sério. "A Rita Lee vai passar o trono para mim", acredita. Para quem acha que ela sonha demais, um aviso: "Quero o mundo. Ainda vou chegar a ser como a Joan Jett" – por sinal, referência e companhia de Madonna, Cardigans, AC/DC, Kiss, Donnas, Oasis e PJ Harvey no seu CD-player.

Esse vai ser seu segundo disco. No primeiro trabalho, com músicas de Vinny e Michael Sullivan, entre outros, o resultado não agradou. "Foi meio imposto, agora quero fazer do meu jeito", confessa Suzana. À sua maneira, entenda-se como um disco de rock, com algumas baladas e muita sensualidade. "O objetivo é passar alegria para as pessoas. Já tem muita música 'pra baixo'." Para atingir essa meta, ela chamou o produtor Edu K. "Ficou melhor do que eu esperava, as pessoas vão se surpreender", garante.

Uma das novidades dessa nova etapa na carreira é a aposentadoria do play-back, até então presença constante em seus shows. A partir de agora, ela estará acompanhada de uma banda, Os Cavaleiros Mascarados, e vai ter de gastar a garganta. Isso, porém, não a assusta. "Hoje em dia, me acho mais cantora que bailarina", diz Suzana. A máscara e o chicote não serão esquecidos, mas haverá algumas mudanças. E isso é apenas o começo. Ela ainda sonha em escrever um livro como o *Sex*, de Madonna (uau!) e fazer cinema.

Guilherme A. Hungria

Mônica Moura

"Paraíso" *
(Suzana Alves/Edu K)

Sua tão brilhante
Quanto os olhos teus
Mal a noite e a saudade vem
Preciso desabafar
O que quero mesmo é amar

Você é tão inesquecível
Que não quero nem lembrar
E tudo assim tão simples
Pra que complicar

Quero me entregar
Vem me levar para o paraíso
O amor brilha em seus olhos
Baby, vive em seu sorriso

Então fica aqui comigo
Do meu lado
Esquece esse meu jeito

Não, não vá embora
Não quero te ver partir
Não quero mais ficar
Esperando você surgir
Como a lua cheia
Brilhando ex meu olhar

Você é tão inesquecível
Que não quero nem lembrar
E tudo assim tão simples
Pra que complicar

* Letra do futuro hit do futuro disco da futura rainha do rock brasileiro. Segundo Johnny Monster, um dos Cavaleiros Mascarados, a canção é "uma balada tipo Oasis".

Bom dia, tristeza

Chico Neves *(à esq.)* e a banda: peso nas entrelinhas

Depois de fazerem playback de "Anna Julia" em tudo quanto é programa de TV, é chegada a hora do famoso "teste do segundo disco" para o **Los Hermanos**. Para encarar o desafio, a banda encerrou suas turnês e se trancou em um sítio disposta a tocar o dia inteiro, conceituar e compor o novo trabalho. Finalmente a gravação, que durante um mês e meio atraiu um quarteto de cordas, oboé, cravo, clarinete e flauta transversal para o apertado estúdio de Chico Neves.

O resultado disso é um álbum que evoca a quarta-feira de cinzas e o espírito do fim do carnaval. "Se o anterior tinha a ver com a alegria e a tristeza da folia, nesse rola uma mudança natural, o momento para olhar pra si depois da folia, de volta a algum lugar", tenta explicar Rodrigo Amarante, que agora também toca guitarra em metade das faixas. O vocalista e guitarrista Marcelo Camelo se sai melhor: "Quando gravamos o primeiro disco, a gente não sabia nada de estúdio. Na verdade, entramos no estúdio para construir um conceito baseado em um show que já estava construído há muito tempo. Neste, tivemos um tempo específico para bolar o conceito e os arranjos e a sorte de contar com a produção de Chico Neves, que é um cara que promove as idéias da banda em vez de editá-las".

Assegurando que não vão repetir nenhuma fórmula do álbum anterior, Camelo afirma que o peso está muito mais nas entrelinhas, no clima e nas letras do que no som das guitarras. Lamentavelmente, a gravadora não permitiu que BIZZ ouvisse alguma faixa do disco – porque não estava mixado e porque ninguém lá havia escutado ainda. Deixando claro que era a primeira vez que falavam a respeito de seu novo trabalho, a desculpa de Amarante foi justa: "Gravar é como parir, o disco ainda é um neném, saca? Não tem nem rosto direito...".

Matias Maxx

Beatles tortos

Imagine "Let It Be" em ritmo de reggae e cantada em japonês. Ou, então, "Yellow Submarine" numa versão à Gypsy Kings. Heresias? Se você é beatlemaníaco, prepare-se para levar um choque. Lançada no ano passado pelo selo britânico Exotica Records, a coleção *Exotic Beatles* reúne versões para lá de bizarras dos clássicos da maior banda de todos os tempos. Além das pérolas acima, seus três CDs têm gravações de Dino, o beatle italiano; Sandro, o beatle argentino; bandas de folk francês, marchinhas alemãs, polcas, ritmos caribenhos, instrumentos indianos e até Os Vips, representante da Jovem Guarda. A esquisitice chega ao auge com o som dos Beatles Barkers: um time de cães, gatos, cavalos e galinhas que cantam "Love Me Do" e "We Can Work It Out". Em cada CD, as músicas são intercaladas com gravações de diálogos entre os próprios beatles e outras curiosidades fonográficas relacionadas com os meninos. Claro que a coleção não existe por aqui, mas pode ser encomendada direto do site www.exoticarecords.co.uk

Caio Vilela

Leitora travessa

"Quero compartilhar com vocês algumas semelhanças que observei entre o **Jota Quest** e o **U2**. É, eu sei que é meio difícil de imaginar, mas prestem atenção às introduções das músicas 'O Que Eu Também Não Entendo', do Jota Quest, e 'All I Want Is You', do U2. Pode parecer marcação, mas quem assistiu ao filme *O Hotel De Um Milhão De Dólares*, que tinha o dedo do Bono, pode achar mais uma semelhança: a mesma cena do cara correndo e saltando do prédio encontra-se no clipe de 'O Que Eu Também Não Entendo'. E tem ainda 'Tele-fome', que apresenta o mesmo som que aparece no início da música 'Pride (In The Name Of Love)'. Pode não ser intencional, mas ou isso é falta de criatividade ou os rapazes do Jota Quest estão curtindo muito os trabalhos do U2 ultimamente." Quando a carta da brasiliense Mariângela da Silva Duarte chegou à Redação, ficamos bastante curiosos. Pegamos os discos no dia seguinte para fazer o teste e... Tchan nan! Ouça e confira. Quanto ao clipe de "O Que Eu Também Não Entendo" e o filme *O Hotel De Um Milhão De Dólares*, cujo roteiro foi escrito pelo vocalista do U2, aí estão duas imagens para uma melhor averiguação dos advogados. Não é que a leitora tinha razão?

O Hotel De Um Milhão De Dólares

"O Que Eu Também Não Entendo"

Que Bono nunca saiba das traquinagens de Rogerinho...

Acústico do Capital Inicial inspirou o Rei a fazer o seu

Ana Paula Oliveira

Emoções à vista

A notícia deixou todo mundo que gosta de música de orelhas em pé: **Roberto Carlos**, o maior compositor pop da história do Brasil e lenda viva da cultura nacional gravando um disco acústico? Em clima intimista, sem os bombásticos arranjos de sintetizadores paraguaios de seus últimos anos, só com pontos altos pinçados de seus 42 anos de carreira discográfica? Pois o projeto não apenas chegará às lojas ainda neste primeiro semestre como deve redirecionar a carreira do Rei, presa às garras das tias balzaquianas classes C e D, de volta àqueles que apreciam canções refinadas, inteligentes, delicadas e, sobretudo, beeeeem românticas.

A idéia partiu do próprio Roberto, que, no início do ano, ligou para a MTV pedindo de presente um DVD do *Acústico MTV*, do Capital Inicial. O Rei, que já propagandeava sua vontade de se desplugar desde 1997, "plantou" a notícia de que tudo estaria acertado entre ele e a emissora musical. Não era tão verdade assim. A Rede Globo, com quem Roberto Carlos tem contrato desde a primeira metade dos anos 70, não achou muito engraçado que seu batedor de ibope se exibisse em outro canal. Tentou, inclusive, propor a Roberto um "acústico mandraque", a ser exibido em seu tradicional especial de fim de ano. Ele, claro, negou.

A negociação final foi das mais bizarras: o show será produzido e filmado pelo pessoal da MTV, nos moldes dos acústicos campeões, e permanecerá inédito até que o contrato do Rei com a Globo expire. A líder de audiência terá, por hora, acesso a três clipes extraídos do programa. O disco sai até julho pela Sony. Já o DVD, só depois que o especial de TV for exibido, provavelmente no ano que vem.

As informações colhidas até o fechamento desta edição já davam mostras do saboroso rumo que o *Acústico* deve tomar. No baixo, o ex-Mutante e megaprodutor Liminha; e participação especial de Frejat, do Barão Vermelho. Duas músicas já estavam certas: "Todos Estão Surdos" e "As Curvas Da Estrada De Santos", da inacreditável fase soul do cantor; as gravações serão no Pólo de Cinema do Rio de Janeiro, para apenas 150 pessoas, ressaltando o clima "cool" e intimista da coisa. Motivos de sobra até para os tapados que acham Roberto Carlos "brega" e "velho" bancarem as velhas macacas de auditório.

Ricardo Alexandre

VOCÊ AINDA PODE SONHAR

O *Acústico* que Roberto Carlos devia gravar:

"João E Maria" Primeirissima gravação do Rei, de 1959, raridade absoluta. Dá até para imaginar a banda se resumindo a um trio de jazz e Roberto mostrando sua fase bossa nova.

"E Por Isso Estou Aqui" Balada pop-barroca lançada em 1967. Imagine isso num clima Beach Boys, fase *Pet Sounds*...

"As Flores Do Jardim Da Nossa Casa" Balada soul com harpas, cordas vertiginosas e letra de cortar os pulsos, lançada em 1969, obrigatória.

"Detalhes" De 1971. A melhor música já escrita em língua portuguesa cresce ainda mais ao vivo, por conta do clima intimista de Roberto ao violão.

"Quero Lhe Falar De Meu Amor" Pepita perdida do CD de 1994, de influências indianas, poderia ganhar miraculoso arranjo com cítaras, tablas, etc.

"Não Se Afaste De Mim" Outra gema escondida, desta vez de 1980, cuja melodia clama misericordiosamente por um arranjo sofisticado tipo Nelson Riddle *circa* 1955.

"Sua Estupidez" A mais característica canção de amor de Roberto, cheia de violência lírica, lançada em 1969. Cai bem num arranjo de cordas.

"O Homem" Em vez de "Nossa Senhora", Roberto Carlos poderia falar de Deus com essa espécie de *Ben-Hur* (o clássico e premiado longa-metragem) musical, com trovoadas orquestrais e condução épica, lançada em 1973.

"Todas As Manhãs" A original, de 1991, era algo como uma marcha-rancho tecnopop. A melodia e a letra mereciam um acabamento jazzístico, cool, elegante.

"Amor Sem Limite" O que foi gravado como um breganejo de plástico em 2000, pode virar, seguramente, um folk estradeiro de primeirissima, à altura da letra primorosa. **RA**

A quadrilha vai versar

Enquanto finaliza com os Racionais MCs o tão aguardado novo disco (que só sai no segundo semestre), o DJ **KL Jay** produziu e lança em maio *KL Jay Na Batida Volume III*, seu primeiro CD-solo, pelo selo 4P – o título contabiliza dois trabalhos anteriores lançados apenas em fita cassete. "Gravei o disco porque nos Racionais o Brown e o Edi Rock escrevem e produzem tudo, fazendo muito bem a sua parte. Eu não me meto, só que também sei fazer música. Como não achei que eles fossem curtir o meu estilo para o grupo, resolvi buscar meu espaço", conta. Edi Rock, Ice Blue, Xis, MV Bill, RZO e SNJ participam do disco, mas a grande surpresa é a estréia do DJ no microfone, na faixa "O Sonho". Já **Xis**, seu sócio no 4P, retorna aos holofotes em agosto com *Frutificando A Desobediência*, CD duplo produzido pelo próprio KL Jay e por Dudu Marote. "É um disco de protesto, e como as idéias eram muitas, a saída foi fazê-lo duplo". Em meio às gravações, o rapper participou do especial acústico de Cássia Eller – a ponte foi feita por Ice Blue, que recentemente agendou shows para a cantora. "A Cássia pediu ao Blue para conhecer o autor de 'De Esquina', pois curtia muito a música. Ele nos apresentou e ficamos amigos. Tocar com alguém que dividiu o palco com Cazuza e Renato Russo foi uma honra. Além disso, ela me ensinou a ouvir Edit Piaf", afirma Xis, que encara de peito aberto as hostilidades recebidas em recentes shows, após participar de programas de TV: "Difundi idéias que defendo há uns dez anos. Tive meus momentos de Carlinhos Brown, só que o rap não pertence a meia dúzia de bundões que freqüentam a Galeria 24 de Maio".

Mariana Pekin

O Racionais embaça, mas KL Jay não pára

Carlos Eduardo Oliveira

A gente bota um som, eles falam o que acham do negócio

CABRACEGA

Zé Ramalho

Depois do sucesso entre os roqueiros do Rock In Rio (onde botou todo mundo para dançar ao lado da prima Elba), Zé Ramalho presta agora homenagem ao maluco beleza no álbum *Zé Ramalho Canta Raul Seixas*, lançado neste mês pela BMG. Sem mostrar pressa e analisando bem cada música, o cantor nordestino rendeu um Cabra Cega divertidíssimo. Saca só.

"Xaxados E Perdidos", Walter Franco "(*Em 30 segundos*) Isso é um forró paulista? Não reconheço quem está cantando. Olha, fantástico. (*Depois de saber o que era*) Walter Franco, para mim, é um dos caras que orgulham São Paulo. Nossa, que baião, não me lembrava dos antigos baiões dele! Admiro muito esse cara, ele é um dos maiores poetas daquela terra. Merecia muito mais do que deixaram ele ser. Walter é um poeta extremamente sensível, espiritualista, um revolucionário."

Björk? "Vanguarda da porra", pôs aí

"Cozinha Oriental", Video Hits "(*Rindo enquanto escuta*) Isso é engraçado, bicho. É uma banda de São Paulo? Do Rio Grande do Sul? Muito engraçada a letra, 'desossado, descarnado'. Lembra um pouco o Rogério Skylab (*artista underground carioca*). As letras dele são meio assim, necrófilas. Video Hits – é bom você estar me informando da existência deles, muito legal."

"Cvalda", Bjork "(*Em 10 segundos*) Que é isso? Estão eletrocutando um cara aqui, bicho. A música é assim mesmo? Fantástico... Mas a proposta é música? Isso é algum DJ maluco, não é? Olha, então é mesmo Bjork, bicho? Que é isso, cara... É vanguarda da porra, né? Bota isso também, é vanguarda total."

"O Pib Da Pib (Prostituir)", Tom Zé "(*Em 1 minuto*) Muito bom. Música brasileira moderna com pitada de África. Parece com Tom Zé, é ele? Cara inteligente, brinca com as sonoridades, com as palavras. Esse camarada, na verdade, foi quem fez as melhores letras dos Mutantes. Ele fez um trabalho inacreditável com os Mutantes, umas letras louquíssimas, um trabalho de vanguarda. Desde aquele tempo ele tem essa cabeça louca."

"Winter Wonskie", Belle And Sebastian "(*Em 28 segundos*) Lembra um pouco Paul McCartney, mas não é (*risos*). É inglês, não é? Bonito, mas não sei quem é. Isso é a escola do velho Macca."

"I See A Darkness", Johnny Cash "(*Em 35 segundos*) Tem voz de veterano, 30 anos de caatinga pelo menos aqui. Que legal, baladeiro. Quem é essa fera? Olha, ia falar Johnny Cash. É ele mesmo. A voz do cara, quando se ouve assim, você nota que já cantou muito. O Dylan é louco por ele."

"Disposable Teens", Marilyn Manson "(*Batendo com os pés no ritmo da bateria*) É heavy metal. Lembra umas coisas do Iron Maiden. O que é isso? Ah, é Marylin Manson. Esse cara é muito louco. As músicas dele são assim meio caóticas, mas são difíceis de executar. Olha que coisa louca. Capa incrível, não é? Acho legal a coisa de ele mexer com religião. E ele diz que é homem também. . Uma figuraça."

"Macumba" M4J "(*Tentando acompanhar o ritmo com os pés*) É dance. Tem alguma coisa de trance no meio disso aí. Gosto de música eletrônica, mas de coisas que dá para você viajar. Que me colocam numa dimensão de ficar contemplando, sem o bate-estaca. (*Depois de saber que era M4J*) Esse tipo de música aqui no Brasil só acontece mesmo em São Paulo. Tem um monte de DJs da Inglaterra que me mandam discos, e eu vejo que eles usam bastante coisa do Brasil. Descobri, por exemplo, um sampler de Chico Science que o DJ Spooky usou numa música. Ele enfiou até Jackson do Pandeiro."

"I've Been Waiting For You", Neil Young "(*Em 30 segundos*) É Neil Young? É o velho. Você sabia que ele tá com quase 60 anos? Ele deu uma aula de vitalidade incrível no Rock In Rio. Gosta de "guitarrar". Em estúdio, ele gosta mais de ir para o folk, mas quando você bota ele em cima de um palco, sente que ele é um guitarreiro. O cara gosta de eletricidade."

Luciano Vianna

***BR 163/O Livro Do Guitarrista*, Tony Bellotto (Companhia das Letras)** A exemplo de seus dois lançamentos anteriores, em *BR 103* o guitarrista põe sua prosa ágil a serviço de duas histórias que se lê em menos de duas horas e se esquece em menos tempo ainda – e isso é um elogio. Mas bom mesmo é o *Livro Do Guitarrista*. Além de iniciar a petizada nos meandros das seis cordas, qualquer livro para crianças que abre com uma foto de Jimi Hendrix e fala de Jimmy Page, Kurt Cobain e Chuck Berry merece total consideração.

***A Playboy*, Chester Brown (Conrad)** A Conrad é como a Trama: lança por aqui títulos bacanas que fazem a alegria dos abnegados que vão atrás. Um dos charmes da editora são os livros de quadrinhos. Neste, Brown conta a saga de um adolescente e seu "romance" com a revista *Playboy*. O medo de ser flagrado comprando o primeiro exemplar, o prazer de se acabar na mão folheando aquelas páginas. É a história do autor, mas poderia ser a sua.

***Guia Do Solteiro*, P.J. O'Rourke (Conrad)** Com o subtítulo "Como Fazer De Sua Casa Um Confortável Chiqueiro", mais uma vez P.J. O'Rourke brinda o leitor com um serviço de utilidade pública. Seu alvo agora é essa estranha espécie urbana, o solteirão. Com muito cinismo, o autor dá toques sobre limpeza, culinária, decoração e demais afazeres domésticos do sujeito que mora sozinho. Uma amostra de seus conselhos. "Comer não faz você engordar. Casamento faz".

***Sinatra: O Homem E A Música*, Renzo Mora (Lemos Editorial)** A gente pensa que Frank Sinatra é coisa de tiozinho xarope. Até sacar que um disco dele é o melhor remédio que existe para a ressaca – sem falar que sempre é sinal de sofisticação. Para marcar os três anos da morte do cantor, esse livro conta a sua vida e a sua arte. Oba, agora as tardes dominicais ganharam um acompanhamento literário...

Quem vai ficar com a fama?

André: "A separação foi traumática"

No meio do ano passado, eles colocaram um fim nos conflitos, desentendimentos e no clima pesado que pairava sobre o **Angra** há algum tempo. Insatisfação com o empresário, divergências musicais e comerciais entre os integrantes foram os principais motivos de todo o mal-estar. Mas a hora é de se concentrar nos novos projetos. De um lado, o vocalista e tecladista André Matos, mais Ricardo Confessori (bateria), Luis Mariutti (baixo) e um novo aliado nas guitarras, Hugo Mariutti – irmão de Luis – formaram o **Shaman**. Do outro, os guitarristas Kiko Loureiro e Rafael Bittencourt reestruturaram a banda, que em 2001 completa dez anos, com músicos já respeitados no meio do heavy metal: Edu Falaschi (vocal), Felipe Andreoli (baixo) e Aquiles Priester (bateria). No momento, ambos estão em estúdio gravando seus novos trabalhos, que devem sair até o fim do ano. Empolgação é o que não falta, mas o caminho agora é árduo. Eles sabem que, quando uma banda se divide depois da fama, é muito difícil qualquer uma das partes conseguir o mesmo sucesso (que dirá maior) que o grupo original. Confira as opiniões de gregos e troianos sobre o que passou e o que ainda vem por aí.

SEPARAÇÃO

André Matos "Traumática. Foi uma decisão radical, mas não tinha outro jeito. Estávamos juntos mais por obrigação contratual e para não decepcionar os fãs. Mas tínhamos chegado a uma situação irreversível, não havia mais diálogo. Tenho certeza de que foi péssimo para todos."

Rafael Bittencourt "Toda separação é triste, né? Mas não foi nada assim tão traumática. Foi inevitável e até saudável para ambas as partes."

RELAÇÃO ANGRA X SHAMAN

André "O Shaman é, de certa forma, a continuação do Angra. Somos três integrantes, mais ou menos 70% do que era a banda, contra dois do outro lado. As pessoas vão identificar a nossa música com a o antigo grupo, muito mais do que a música do novo Angra."

Rafael "Não temos muito contato. Mais cedo ou mais tarde, iremos nos encontrar em algum festival por aí. Normal. Não será nenhum problema."

EXPECTATIVA

André "Acho que ainda tem muita coisa para acontecer. Fica difícil prever. Não tenho nenhuma meta definida. Você só não pode ficar com medo do futuro. O mais importante é ser fiel àquilo que se está sentindo. Acho que temos muito mais chance agora com o Shaman porque a banda está forte internamente. Podemos, sim, ser maior que o antigo Angra. No caso do outro grupo, acho que só conseguiriam se trocassem o nome. Afinal, sofreram uma baixa muito grande e vai ser difícil conseguir manter a mesma proposta."

Rafael "O fã de heavy metal é fanático, mas terá duas opções agora. Precisamos trabalhar para reconquistar o prestígio. No entanto, se a carreira que passou foi tão forte a ponto de atrapalhar a nova fase, isso foge ao nosso controle. O que podemos fazer é continuar com o conceito e a mentalidade do Angra. Alguns vão gostar, outros não."

Fabiana Batistela

Rafael: "Não foi tão traumática assim..."

Divulgação

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Sigue Sigue Sputnik

Ele pensou em tudo cuidadosamente. Passou noites em claro divagando sobre um novo movimento musical que iria dominar o mundo e meses vasculhando as ruas de Londres atrás das pessoas certas para formar sua banda, astros genuínos, candidatos a deuses do rock. E ele achou. Em 1986, o baixista e idealizador da coisa toda, Tony James ("É mais fácil ensinar alguém a tocar um instrumento do que lhe ensinar a ter carisma e personalidade"), fez de seu Sigue Sigue Sputnik – formado também pelo vocalista Martin Degville, o guitarrista Neal X e dois bateristas, Chris Kavanagh e Ray Mayhew – uma das bandas mais revolucionárias do rock'n'roll. Por pouco tempo. Depois do estouro do primeiro álbum, *Flaunt It* (1986), que chegou ao topo da parada britânica e ganhou disco de ouro no Brasil, toda extravagância musical e estética do grupo foi colocada em dúvida por artistas e formadores de opinião. Seriam os precursores do som do futuro uma farsa, uma jogada de marketing? Chegaram a lançar o segundo trabalho, *Dressed For Excess* (1988), produzido em parte pelo ex-Mutante Liminha tanto era o sucesso que os ingleses faziam por aqui, e a fazer uma série de shows pelo país – incluindo apresentações em play-back constrangedoras nos programas de auditório da época. Depois disso, antes mesmo da década acabar, desapareceram de cena completamente. Tony James passou dois anos nos Sisters Of Mercy, com quem gravou o álbum *Vision Thing* (1990), e tentou, até o meio da década de 90, ressuscitar sua banda ou emplacar algum outro projeto, mas continuou sendo ignorado pela mídia. Até que, em 1995, comprou um Macintosh e descobriu o maravilhoso mundo da internet. "A primeira coisa que fiz ao me conectar foi entrar num site de busca e digitar a palavra Sputnik. Quase caí para trás pela quantidade de endereços que obtive como resposta. Só então me toquei: SSS estava vivo! Vivo no ciberespaço", declara Tony na homepage oficial da banda, que tratou de construir logo em seguida. Por e-mail, entrou em contato com os fãs espalhados pelo mundo, de quem recebeu apoio e colaboração. Argentinos, americanos e suíços trabalharam na concepção e criação do novo logotipo, das imagens e gráficos do encarte do mais recente trabalho de estúdio, *PirateSpace*, lançado no fim do ano passado só na internet, claro. Nova tecnologia de manipulação de som e influências de bandas da cena eletrônica atual, como Fatboy Slim, The Chemical Brothers, Underworld e Prodigy, estão presentes no novo álbum. Fora isso, a EMI inglesa acabou de lançar o CD retrospectiva *21st Century Boys*. Os três compositores originais do Sigue Sigue – Degville, James e Neal X – estão juntos novamente e, com a tecladista Lisa L., apostam num recomeço no novo mundo cibernético. Convites para shows chegam por e-mail, ingressos são vendidos pela rede. "Tudo que temos feito e conseguido é através da internet. Eu a amo. É o novo underground", acredita Tony. E para todas as pessoas que duvidaram ou duvidam da importância dos Sputniks, James manda um recadinho: "A história provará nosso valor". É esperar para ver. **FB**

Acredite se quiser: eles foram saudados como "a revolução"

Divulgação

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

london calling
A mais completa em novidades e raridades.
Os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
ROCK-POP DOS 60 A 2001
ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS
CDs - DVDs - VHS
(0xx11) 223-5300
Rua 24 de Maio, 116
Sobreloja 15 - São Paulo - SP
Vendas pelo nosso site: www.londoncalling.com.br
londoncalling@londoncalling.com.br

Super Furry Animals

Existe uma explicação simples para a felicidade que John e Fernanda, do Pato Fu, sentiram ao encontrar os integrantes do Super Furry Animals num estúdio londrino *(está na matéria Mensagem para você, BIZZ 189)*. É que o quinteto do País de Gales figura no top 10 do rock atual. Não adianta resmungar, muito menos ignorar. Se você não faz parte de nenhuma fatia ortodoxa, consiga uma cópia de *Guerrilla* e concorde comigo. O terceiro álbum do Super Furry Animals é um amálgama de guitarras distorcidas, melodias assobiáveis, influências latinas, experimentos com música eletrônica, psicodelia e rimas inteligentes. Para chegar à grande obra, a banda – formada na capital Cardiff, em 1993 – só precisou de liberdade para explorar sua imaginação, algo que pode ser bem difícil de se conquistar hoje em dia. Com currículos diferentes (um era DJ, outro dava aula de artes, outro tinha uma banda punk chamada Foda-se Todo Mundo...), os rapazes sempre prezaram pela qualidade artística de seus trabalhos. Dos detalhes de produção às ilustrações dos encartes – tem até um CD de lados B que eles lançaram numa embalagem de borracha colorida, em forma de nave espacial.

Nos primeiros shows e EPs, as letras eram todas no pouco musical idioma galês. Uma inteligente mudança para o inglês garantiu um contrato com a Creation, gravadora do Oasis. Logo na estréia, sucesso de crítica e público e hits na parada britânica. *Fuzzy Logic* (1996), na verdade, dribla a irregularidade com faixas espertas como "Bad Behaviour". O álbum que colocou o grupo alguns passos à frente dos demais só saiu no ano seguinte. *Radiator* tem "The International Language Of Screaming", "She's Got Spies", "Chupacabras" e muitos outros êxitos. Depois do ápice com *Guerrilla*, o grupo gravou um álbum menor na língua natal. Mas sua moral é tamanha que *Mwng* (2000) transformou-se no disco cantado em galês mais vendido da história. E neste semestre sai o novo trabalho, de volta à língua inglesa. Oba!

José Flávio Júnior

Bunf, Daf, Cian, Guto e Gruff são os galeses da vez

Influenciado por:
Psicodelismo, punk, techno, progressivo, música cubana, *White Album* (Beatles)

Disco essencial:
Guerrilla (1999)

Black Box Recorder

A caixa-preta de Luke Haines sobreviveu intacta ao desastre dos anos 90, que custou a seu grupo original – The Auteurs – a existência. Houve um tempo em que a banda só tinha à frente Suede, Pulp e Blur, quando Haines não era chamado de menos do que gênio, sempre comparado a Ray Davies (Kinks). Apesar disso, o guitarrista, cantor e compositor viu o Auteurs acabar sem um único hit.

Em 1995, Haines encontrou John Moore, ex-baterista do Jesus And Mary Chain, e a vocalista Sarah Nixey, então desconhecida do público. Quatro anos depois, o Black Box Recorder lançava seu primeiro álbum, *England Made Me*. O disco derrubou a crítica no chão por seu excesso depressivo, algo como Joy Division em versão do Air com voz perversamente sussurrada por uma criança. Paulada, a música de trabalho, "Child Psychology", foi banida das rádios inglesas e teve seu clipe vetado na MTV, graças ao refrão "A vida é injusta/Mate-se ou supere isso".

O segundo CD, *The Facts Of Life*, lançado em maio de 2000, colocou o trio em outro patamar. A faixa-título emplacou entre as mais tocadas da Inglaterra, dando a Haines o primeiro hit de sua vida. Melancólico, o disco fala em velocidade nas estradas, suicídios, corpos desenterrados em jardins, pornografia, afogamentos, a primeira menstruação junto ao primeiro beijo, desespero e outros tópicos suburbanos, sempre balbuciados com tédio infantil por Sarah. O Black Box Recorder combina com um filme de *James Bond* – chique como um coquetel de Martini, porém fortíssimo, com um indelével gosto amargo no fundo.

Marcel Plasse

Influenciado por:
Roxy Music, Marianne Faithfull, Portishead, Nico, Serge Gainsbourg

Disco essencial:
The Facts Of Life (2000)

Luke Haines, Sarah Nixey e John Moore: chiques, porém amargos

Joey Ramone
(1951-2001)

Segura que lá vem o clichê, inevitável nessas horas de luto: com a morte de Joey Ramone, no dia 15 de abril, morre um pouco da filosofia segundo a qual tanto faz o que dizem seus pais, ou seus colegas garanhões da escola, ou as meninas esnobes, desde que você tenha três amigos vestidos de preto e um rock'n' roll turbinando nos ouvidos.

Joey, nascido Joeff Yamn em 19 de maio de 1951, levou essa poderosa idéia aos limites da seguridade social. Não importava que sua banda nunca houvesse alcançado o sucesso de seus seguidores, nem que ela só conseguisse lotar platéias em países subdesenvolvidos ou que ele próprio fosse visto como um quarentão bancando o jovem rebelde. Joey fazia as coisas do seu jeito, com sinceridade acachapante, e estava tudo certo. Essa fé inabalável nos conceitos básicos do rock (temática estritamente adolescente, guitarras possantes, melodias assobiáveis e refrãos grudentos) foi a grande contribuição – e também a cruz – dos Ramones, notadamente de sua dupla de frente, Joey e o guitarrista Johnny.

Os três primeiros discos do grupo são fundamentais em qualquer discoteca que almeje respeito. *Ramones* (1976), *Leave Home* e *Rocket To Russia* (ambos de 1977) foram três aviões de resgate que tiraram o rock do lamaçal de pompa e circunstância em que estava enfiado na época. Influenciaram todos os grandes nomes do punk – embora os próprios Ramones não fossem considerados punks na ocasião – lembrando como o rock'n'roll fora divertido, descompromissado e urgente em algum lugar no começo dos anos 60.

Mas como influência não enche barriga de ninguém, os Ramones continuaram tocando nas espeluncas de sempre, ignorados pelo grande público, pelas paradas de sucesso e pelas rádios. E (por convicção ou por preguiça, sabe-se lá) resignaram-se com isso. A única tentativa de evolução sonora da banda foi *End Of The Century*, de 1979, produzido por Phil Spector. Durante os anos 80 e 90, os Ramones se fecharam em suas jaquetas de couro, em suas referências obsessivas ao rock bubblegum, em suas músicas idênticas e em seu discurso de desapontamento com o rock. De vanguardistas do punk, tornaram – se figuras anacrônicas, um nome cult para o Pearl Jam e o U2 citarem como influência.

Apesar de tudo, Joey e seus comparsas esbanjavam dois artigos raros no cirquinho pop: carisma e "entrega". Qualquer um dos milhares de brasileiros que viram os Ramones ao vivo sabe o tamanho do estrago que um "one, two, three, four" pode causar em um palco. E isso, meu amigo, não há produtor para registrar, não há jornalista para explicar nem vanguardista para antever.

Ricardo Alexandre

Vocalista fazia as coisas do seu jeito, e estava tudo certo

Dulce Helfer

Público aclamou a iniciativa dos regueiros *(abaixo e ao lado)* com uma cumplicidade atestada pelo vocalista Fauzi Beydoun *(à esq.)*

Maior do que o criador

Para gravar seu segundo disco ao vivo, Tribo De Jah homenageia Bob Marley traduzindo a maioria das músicas do mestre para o português, mas a gauchada vai à loucura mesmo é com as canções do grupo maranhense

Bar Opinião – Porto Alegre, 28/3

A razão pela qual a Tribo De Jah escolheu Porto Alegre para gravar o show que vai virar um disco ficou muito clara na frente do Opinião. A rua onde fica o bar estava simplesmente tomada pelo povaréu, como se a atração prestes a se apresentar fosse um dos gigantes do rock que decoram a fachada da casa. A exemplo do que ocorreu com o Camisa De Vênus nos anos 80, quando o quinteto baiano estourou na capital gaudéria antes de qualquer outro lugar do país, o grupo maranhense goza de um prestígio entre a gauchada que, na boa, não é reproduzido em mais nenhum estado. Um colega, sem esconder a peçonha, disse que a causa do fenômeno é a alta concentração de surf shops na cidade, talvez a maior do Brasil em localidades que não têm praia.

Pode até ser, embora o vocalista Fauzi Beydoun aponte outra explicação: "Nossa cumplicidade com o público daqui é muito grande. Em 2000, lotamos três noites consecutivas, o que nunca havia acontecido no Opinião", conta. "Naquela vez, garantimos que, se fizéssemos outro disco ao vivo, seria em Porto Alegre." A hora de cumprir a promessa chegou com a proximidade dos 20 anos da morte de Bob Marley, uma data tão preciosa que motivou a Tribo De Jah a promover um tributo ao mestre e ignorar que faz apenas dois anos que lançou *2000 Anos Ao Vivo*, gravado em São Paulo.

Acompanhado do guitarrista dos Wailers, Junior Marvin, e do tecladista que excursiona com os Paralamas Do Sucesso, João Fera, o sexteto iniciou a homenagem com "I Shot The Sheriff", executada com fidelidade ao original. Em seguida, "War", ou melhor, "Guerra". É isso mesmo: como em "Santeria", do Sublime, que vertida para "Foi Uma Onda Que Passou (E Eu Não Dropei)" transformou-se no maior hit radiofônico da Tribo De Jah, o grupo arriscou versões em português para as canções de Marley. Foi o que rolou com "One Love/People Get Ready" ("Um Só Amor"), "Natural Mystic" ("Magia Natural"), "Satisfy My Soul" ("Você Satisfaz Minha Alma"), "Who The Cap Fit" ("Em Quem Servirá A Carapuça"), "Sun Is Shining" ("Sol No Céu") e "I Know" ("Eu Sei").

As traduções acabaram surtindo um efeito curioso: como todo mundo conhecia os versos, mas em inglês, vários clássicos do reggae desfilaram sem que ninguém cantasse junto. "Adaptamos as letras para passar uma vibração regueira, e não rasta", justifica Fauzi. "Não toco 'Kaya' e 'One Drop', por exemplo, porque não concordo com o que elas dizem." No idioma em que foram criadas permaneceram apenas "Talking Blues", "Waiting In Vain", "Is This Love", "Stir It Up"(as duas últimas cantadas por Marvin) e "Redemption Song".

O fim da gravação não significou o término do espetáculo. Para satisfazer os "rastchefaris", a Tribo De Jah passou então a mandar suas músicas ("Não Basta Ser Rasta", "De Teresina A São Luís", "Princesa Nativa"). Em "Reggae No Rio Grande", a apoteose com o cenário exibindo um mapa do estado com as cores de sua bandeira – por acaso os mesmos vermelho, verde e amarelo que simbolizam o reggae – ostentando um Leão de Judá no centro. Dada a receptividade monstruosa, quase histérica, não restou dúvida: ali, o grupo era maior do que o próprio Marley.

Emerson Gasperin

Figurino atual, sucessos antigos

Duran Duran
House Of Blues - Anaheim
Califórnia (EUA), 27/3

Ver o Duran Duran ao vivo é lembrar das festinhas de playground que animavam os anos 80. É lembrar de como as agulhas das vitrolas agitavam a pista com as melodias açucaradas de "Rio", "Girls On Film" e "Hungry Like The Wolf". É lembrar de como você adorava dançar colado com as garotinhas de sua escola ouvindo o refrão "Don't save a prayer for me now/Save it 'til the morning after...". É lembrar de como você era odiado pela galera heavy metal por achar "The Number Of The Beast" música de retardado.

O Duran Duran comprovou nesse show como sua arte marcou uma geração. Mesmo que o vocalista Simon Le Bon e o tecladista Nick Rhodes sejam os únicos remanescentes da formação original, a magia do grupo permaneceu intacta. Os fãs – na maioria entre 25 e 35 anos – pularam, cantaram e dançaram sem parar, saboreando diversos hits inesqueciveis.

Porém, como Le Bon enfatiza em suas entrevistas, o Duran Duran não quer viver do passado – e parece estar atingindo seu objetivo. Ninguém reclamou da ausência dos penteados ridículos, das roupas glamourosas e das maquiagens abichalhadas. E músicas pós-anos 80 como "Ordinary World" (uma das mais belas baladas da última década), "Come Undone" e "Playing With Uranium" foram tão bem recebidas quanto os velhos sucessos.

O Duran Duran de hoje é tanto guitarra quanto teclado. O guitarrista Warren Cuccurullo não ficou atrás de Rhodes no palco, principalmente por explorar diversas sonoridades em seu instrumento. Nesse sentido, a banda teve outro ponto a seu favor: tocar perfeitamente as músicas ao vivo, com todos os efeitos eletrônicos, sem apelar para playbacks exagerados.

Enquanto A-Ha, New Order, A Flock Of Seagulls e outras bandas dos anos 80 degradaram-se na obscuridade, o Duran Duran continua dançando nas areias do Rio. E muito bem.

Daniel Oliveira

Le Bon: ninguém reclamou do upgrade em seu guarda-roupa

Daniel Oliveira

PALCO

O futuro é passado, baby

Mark tocando sua guitarra daquele jeito esquisito, raspando as unhas nas cordas

Marcelo Leão

Mark Knopfler
ATL Hall – Rio de Janeiro, 5/4

Ah, o passado. Mais de 10 mil pessoas superlotaram a casa que se autodenomina "a maior da América Latina" em busca dele, com direito a ingressos – esgotados uma semana antes do show, como aconteceu nas três datas paulistanas – a impagáveis 200 reais na mão de cambistas. Trintões e quarentões se espremiam como um dia o fizeram no Circo Voador e nas Noites Cariocas, atrás de um gostinho do velho Dire Straits.

O astro principal, por outro lado, não parecia muito ligado nessa história de museu. Com a careca e os cabelos à sua volta brancos (como os de Walmor Chagas) em evidência, Mark Knopfler parecia entretido com sua guitarra. No palco escuro, com um céu azul ao fundo, ele apareceu, instrumento em punho, e começou os trabalhos, logo seguido pela banda. O sexteto, da maior competência, parece ter ensaiado muito para dar a entender que está improvisando o tempo todo. Ou seria o contrário? No fim das contas, Knopfler parece estar liderando os amigos em um pagode roqueiro, em algum pub de sua Escócia natal, ou das cidades da Nova Inglaterra norte-americana (Nova Jersey, Boston, Filadélfia) em cujas fontes musicais mata sua sede.

Em uma das poucas jogadas para a arquibancada da noite, Mark começou o show com dois sucessos do Dire Straits, "Calling Elvis" e "Walk Of Life". Nenhuma das duas foi fiel à gravação, mas a segunda foi transformada: ganhou o clima de cabaré que o show inteiro apresentaria. O povo se animou assim mesmo (é claro que nada comparável a um show do Offspring, onde a garotada não tem barriga nem reumatismo). A primeira canção do disco atual de Mark, *Sailing To Philadelphia*, foi a simpática "Who's Your Baby Now", que mostrou pela primeira vez uma característica especial da banda: quase todos os músicos tocam mais de um instrumento. Dessa vez, foram quatro violões e a bateria acompanhando a guitarra e a voz de Mark. Ao longo do show, o povo ouviu gaita, violino, acordeão e outras surpresas.

A partir daí, o repertório se concentrou em *Sailing...*: vieram a bela faixa-título e outras como "What It Is", "Wanderlust" e "Silvertown Blues". A platéia não pulou sem parar (até porque as canções eram quase todas lentas), mas a idade provecta dá ao povo ao mesmo tempo a educação para se ouvir um grande músico (ainda que não conheça o que ele está tocando) e a curiosidade, cuja falta faz jovens precipitados detestarem novidades. Empunhando suas guitarras (pelo menos uma dúzia passou em sua mão), Mark se divertia a seu modo, balançando a cabeça, agradecendo timidamente e largando os dedos, daquele seu jeito esquisito de tocar com as unhas, nas cordas dos instrumentos. Ao vivo, as versões ficaram mais longas, com a guitarra ganhando freqüentemente mais destaque do que a letra. De vez em quando vinha um velho sucesso para o povo cantar, como a bela "Romeo And Juliet". O túnel do tempo apareceu mesmo no hino "Sultans Of Swing", que detonou o pulapula e uma longa sessão de aplausos em cena aberta (existe isso em shows?) ao final, depois do clássico solo. Era possível ouvir o cantarolar dos mais maníacos acompanhando a melodia da guitarra.

Quem foi ao ATL em busca do passado (inutilmente, pois tudo leva a crer que ele não volta) saiu reclamando: faltaram as baladas "Your Latest Trick", "Why Worry", "So Far Away" e mais "Heavy Fuel", "Private Investigations", "Twisting By The Pool"... vieram "Brothers In Arms", "Telegraph Road" e uma versão com introdução country para "Money For Nothing", antes do último bis, com "Wag The Dog". Sem esquecer sua história, Mark Knopfler fazia questão de viver o presente.

Bernardo Araujo

Marcos Hermes

Com a mesma mágica

O tampinha não decepcionou os velhos fãs de metal

Dio
Credicard Hall – São Paulo, 5/4

Estranho fenômeno, o heavy metal: execrado por detratores, já recebeu inúmeras extrema-unções. Não só se recusa a bater as botas, como se multiplica e se renova com vigor, às vezes parindo monstrengos como o duvidoso rap metal. Paralelamente, perpetua mitos como Ronnie James Dio, lenda viva do dito metal clássico. Tratado com desdém por boa parte da crítica não especializada e por roqueiros de outras tribos, o nanico cantor e compositor já mereceria crédito por ter sido simultaneamente criador e criatura em uma das fases mais profícuas do gênero, ao fundar o Rainbow com o ex-Deep Purple Ritchie Blackmore e ao estrelar os melhores momentos do Black Sabbath pós-Ozzy Osbourne. Mas seu mérito vai além, como constatou a extasiada platéia que entupiu o Credicard Hall.

Pensou em molecada cabeluda? Pelo contrário, não raro faltava (muito) cabelo para balançar, ao mesmo tempo que sobravam barriguinhas proeminentes – prova da fidelidade de um público que sabe muito bem separar o joio dos modismos voláteis. Em estilo apocalíptico, Dio entra em cena com o jogo ganho: luzes acesas, labaredas subindo, o vocalista sinaliza com as mãos os chifrinhos do Coisa-Ruim (sua marca registrada), no que é correspondido pela massa ululante – clichezão, como muitos outros que viriam depois, mas quer coisa mais divertida que fetiches headbangers?

Como as raparigas velhas, Dio é Ph.D. em seu ofício – o domínio cênico de sua minúscula figura é total. E o velho gogó, já descrito como "olímpico", continua intacto: enquanto contemporâneos como Ian Gillan e Robert Plant lutam para manter as gargantas à altura do passado, a melhor coisa de um show de Dio é sempre seu precioso registro. Escudado por segurissima banda (destaque para os pancadões do ex-AC/DC Simon Wright na bateria e para os competentes e precisos riffs das seis cordas de Craig Goldie), o vocalista só pecou ao privilegiar uma interminável seqüência de músicas extraídas de *Magica*, seu mais recente (e desconhecido) CD. Nessa hora, o bar lotou.

O baixote retribuiu no fim: uma fileira arrasa-quarteirão de petardos de sua carreira-solo ("Holy Diver", "Rainbow In The Dark", "The Last In Line") e do Rainbow ("Man On The Silver Mountain", "Long Live Rock & Roll"), mais "Heaven & Hell" e "Neon Knights", hinos supremos do Sabbath. O metal morreu? Tá, depois a gente conversa...

Carlos Eduardo Oliveira

Funk com quem sabe

Maceo Parker
Olympia – São Paulo, 4/4

Se os salafrários do rap realmente pagam direitos autorais por cada "empréstimo" que fazem da música de Maceo Parker, provavelmente o homem que tocou em São Paulo no início de abril tem uma fortuna comparável apenas à de Bill Gates. Em pouco mais de duas horas e meia de show, o saxofonista que formatou o som de James Brown, George Clinton & cia. passou a limpo mais de 40 anos de soul e funk.

As referências do professor, diga-se, são as melhores possíveis: aos 21 anos, Maceo entrou na banda de Brown e foi responsável pelos solos de saxofone mais arrepiantes daqueles períodos – como em "I Feel Good" e "Papa's Got A Brand New Bag". Nos anos 70, cansado das manias do chefe (que tratava a banda a pontapés), mudou-se para os grupos de George Clinton, o Parliament e o Funkadelic. Atualmente, Maceo Parker tem uma discreta carreira-solo e participa dos discos de Prince.

Para quem possui um currículo desses, ele bem que começou o show com o pé no freio. Talvez tenha confundido o Olympia – que entupiu a pista de dança com mesas nada a ver – com alguma casa fuleira de Las Vegas. O saxofonista tocou uma versão devagar-quase-parando do clássico "Pass The Peas" e baladas que, de tão doces, causariam inveja no babão Kenny G.

O bailão só começou quando a vocalista Martha Havin engatou "Think" – a de Lyn Collins, não aquela da Aretha Franklin. A partir daí, a casa virou Chic Show, com direito a performance do dançarino cabeludão Nelson Triunfo. O ex-patrão Brown foi lembrado em "Soul Power" e "Papa's Got A Brand New Bag", houve homenagens a Wilson Pickett ("Mustang Sally"), Sly & The Family Stone ("Sing A Simple Song") e até mesmo a Bob Marley ("No Woman No Cry"). Entre um pancadão e outro, o saxofonista aproveitou para "vender" as canções de seu último CD, o inédito por aqui *Dial M-A-C-E-O* – entre elas uma cover de "The Closer I Get To You" e várias intervenções do rebento Colin Parker, um rapper de ladainha fraca.

Sérgio Martins

Acima de qualquer suspeita

R.E.M.

Não existe banda como esta. Em mais de 20 anos de carreira, nenhum vacilo e o respaldo dos maiores artistas da geração. *Reveal*, o novo disco, mantém a moral dos caras nas alturas. Sorte nossa

Por José Flávio Júnior

Peter Buck, Michael Stipe e Mike Mills duas décadas de trabalhos impecáveis

As coisas mudaram quando, no mês passado, Bono disse ao jornal *USA Today* quanto tinha gostado de *Reveal*, o novo álbum do R.E.M., gravado quase inteiramente em Dublin, a cidade natal do U2. Até então, saber qual era a banda de rock mais importante na atualidade era somente um bobo devaneio meu, surgido após me fartar de ver um montão de gente fazendo lista. Pois a febre *Alta Fidelidade* passou

Michael Stipe não fugiu da pergunta a respeito de sua sexualidade: "Gosto do termo 'queer' porque significa 'estranho' e 'diferente' e não tenta enfiar o desejo numa categoria estreita e predeterminada"

e continuei a questionar qual era "o" grupo do cenário pop rock. É Bono, que sempre quis o título para sua banda, o entregava ao R.E.M. depois de ouvir *Reveal* e "se sentir doente com um álbum tão maravilhoso". No momento, em apresentações da turnê *Elevation*, o cantor irlandês insere trechos de "Everybody Hurts" e "Losing My Religion" em "One" para homenagear e tornar os shows mais interessantes.

Música não é esporte. Não deveria haver "ranqueamento" em arte. Mas todo ano saem as relações dos melhores discos Todo mundo está cheio de listinhas na cachola, tem seu artista preferido e acha "esse" melhor do que "aquele". Tomara que seja saudável, pois nada tira esses pódios da nossa imaginação. Durante o Rock In Rio, levantei a lebre para Peter Buck. "Tem também o U2 e o Red Hot Chili Peppers, que há anos fazem um ótimo trabalho e influenciaram grandes bandas...", lembrou o guitarrista do R.E.M. É, faz sentido, embora as últimas "grandes bandas" que entrevistei – americanas, britânicas, brasileiras – só tenham sido unânimes quando citaram uma única influência: R.E.M.

As duas maiores estrelas da década passada também concordavam. Kurt Cobain morreu confessando sua inveja pela obra do grupo da Georgia, principalmente por causa da regularidade dos discos e pelo jeito como os integrantes lidavam com a fama. Thom Yorke, do Radiohead, fala para quem quiser ouvir que foram as cinco músicas de *Chronic Town* que o levaram a fazer música. Em 2001, esse EP, o primeiro lançamento do (na época) quarteto comemora vinte anos. Quem se dispuser a conhecê-lo (foi incluído na íntegra na coletânea *Dead Letter Office*) vai ficar impressionado com o vigor das canções. Não dá para ouvir o dedilhado de "Wolves, Lower" ou o vocal contido em "Gardening At Night" sem se emocionar.

E o que será que o vocalista, o líder (hummm, talvez não), a figura central do R.E.M. acha dessa besteira de ser ou não a maior banda de rock em atividade? Michael Stipe, isso faz alguma diferença para você? Já despertou e pensou: "Meu Deus, eu faço parte do grupo mais importante do mundo"?

"Eu acordo pela manhã e penso: 'Meu Deus, preciso escovar os dentes'. É claro que você não pensa 'sou importante'. Se você faz isso, não acho que seu trabalho sairá muito bom. Há tantos artistas fazendo coisas tão diferentes e brilhantes atualmente que fica até difícil se manter em dia. Honestamente, sou apenas feliz por ter encontrado um jeito de trabalhar e um trabalho numa área que amo muito. Acho que, no máximo, somos uma ótima banda. Isso não significa que não cometemos erros ou não quebramos a cara de tempos em tempos, mas nos forçamos a fazer o melhor trabalho que podemos."

Michael Stipe é aquilo mesmo que vimos se movimentar no palco do Rock In Rio. Um ser especial, cuja performance fazia o público do festival ora se abraçar, ora pular, ora deixar uma lágrima escapar. Ele explica sua desenvoltura na frente da platéia com uma receita curta e eficaz. "Não penso sobre o que vou fazer e esse é o melhor jeito de relaxar. Fumo, tomo um drinque, passo um brilho nos olhos e me certifico de que meus cadarços estão amarrados. Só isso."

Em entrevista, é mais fácil arrancar objetividade de Mike Mills e Peter Buck, dois músicos imprescindíveis para que o R.E.M. tenha chegado aos 21 com tanta vitalidade. Mas é Michael que todo mundo quer (mesmo que algumas de suas idéias só fiquem realmente claras quando escritas e enviadas por e-mail, como você está vendo aqui), e ele nunca deixará de ser o "esquisito".

Algumas horas antes de começar a apresentação carioca, os três participaram de um bate-papo organizado pela empresa patrocinadora do evento. Enquanto Peter Buck e Mike Mills se deliciavam com caipirinhas e riam alto tentando decifrar as perguntas em português dos internautas, Michael, sentado numa cadeira e se apoiando na ponta de seus chinelos de dedo, tentava se concentrar na tela do computador e pedia para os outros dois sossegarem.

LIVRE PARA ESCOLHER

Mas é o vocalista quem quer ser chamado de "esquisito". Vamos falar um pouco sobre sexualidade. Afinal, esse é o assunto sobre o qual a imprensa mundial e a maioria dos fãs querem conversar com o vocalista do R.E.M.. Talvez porque ele sempre pareceu indefinido ou porque nunca tenha gostado de compartilhar suas idéias sobre o tema. Não deveria ser assim, já que suas composições sempre tratam de um amor sublime, nada carnal. É o que digo a ele.

"Eu costumava ficar intimidado quando pintava esse assunto, porque achava que certas coisas da vida, como com quem você dorme, eram totalmente privadas e não deveriam interessar aos outros. Ainda penso assim. Mas as pessoas são naturalmente curiosas e intrometidas. Eu sou, todo mundo é – é instinto humano. Apenas sentia que deveria guardar algumas coisas só para mim e decidir quando a mídia poderia ultrapassar essa linha. Minhas idéias sobre sexualidade são bem definidas, são assim desde que eu era um adolescente quebrando a cabeça para achar meu lugarzinho no gráfico da sexualidade. Mas o que eu sentia na época e o que continuo sentindo hoje é que elas não se encaixam nas idéias de sexualidade do século 20, que são muito limitadas e excludentes. Acho que as pessoas estão começando a perceber o quão impossível é definir desejo em termos homo-hetero. Há muita coisa no meio do caminho, existem viradas na vida de uma pessoa que podem fazer aquilo que a excita aos 15 anos ser radicalmente diferente do que a excita aos 23. É bem mais complicado do que um gênio em matemática poderia explicar."

"Gosto do termo 'queer' porque significa 'estranho' e 'diferente' e não tenta enfiar o desejo numa categoria estreita e predeterminada. Descreve uma atitude diante da sexualidade que não é limitante e exclusiva, ou bifurcada. Você pode ser o que quiser, onde quer que esteja. É sua vida, não é a de mais ninguém. Fim do discurso." A palavra inglesa "queer" passou a ser usada como gíria para homossexual nas últimas décadas. Como disse um espirituoso leitor de BIZZ, Michael Stipe é *queer*, só não vê quem não "queer". *Queer* é feliz. Feliz e sensível.

TRISTE E PARA CIMA

Aí a sorte é nossa. Tranqüilo com sua opção sexual e com o trauma da saída do baterista Bill Berry (como no U2, ninguém nunca foi substituído no R.E.M.) já bem superado, Michael teve inspiração de sobra para escrever as belíssimas letras de *Reveal*, que ele define como um disco de verão. Digo que o álbum me pareceu triste à primeira audição e ele explica: "Para mim, discos de verão são aqueles que você põe para rolar durante uma festa e, antes que termine, já quer ouvi-lo de novo. Verão tem a ver com promessa e liberdade e emoções não reprimidas e ir aonde quer que o dia te leve. O R.E.M. sempre vai soar um pouco triste por causa da minha voz, mas acho que o álbum é bem 'para cima' e melódico."

Em um simples exemplo, fica claro que o melhor é ouvir o disco, tirar as conclusões e guardar para si mesmo. "Eu e Mike *(Mills)* estávamos dando entrevistas recentemente, daquelas em que você fica mudando de uma sala para outra. Chegava numa e os jornalistas diziam 'Esse álbum é tão triste, tão depré, tão fúnebre'. Eu respondia, 'OK'. Então eu

A banda não pretende entrar em turnê para promover o novo álbum. A meta é voltar para o estúdio ainda este ano

ia para outra sala e um diferente grupo dizia: 'Esse é o trabalho mais glorioso e para cima que vocês já fizeram'. E eu falava: 'Tá bom, mas não digam isso para os caras da outra sala...'"

Na minha disputa imaginária para ver qual é a maior banda hoje em dia, o R.E.M. perde pontos por repetir algumas fórmulas. A gente já ouviu a estrutura melódica de "Imitation Of Life" (o primeiro single), "Great Beyond", "Bittersweet Me" em vários sucessos do grupo: entra uma estrofe, depois o refrão, segue outra estrofe, de novo o refrão, após um curto solo vem a última estrofe com a voz em primeiro plano e repete o refrão duas vezes. Lembro de uma entrevista que Michael deu para a MTV americana no fim dos anos 80, antes do contrato com a Warner, em que ele dizia saber compor um hit, mas que ainda não havia chegado a hora. Será que agora o vocalista e letrista lida com essa questão de maneira diferente? Atiço.

"A gente não escreveu 'Imitation Of Life' para ser um hit. Ela apenas saiu pop e melódica, e a gravadora amou porque 'soava como R.E.M.'. Há uma diferença entre deixar uma coisa ser o que é e fazer algo por razões mercenárias. A gente poderia escrever 12 'The One I Love' e ter um supersucesso de vendas. Mas já fizemos essa música. Por que fazê-la de novo?"

As músicas de desenhos animados e de seriados televisivos como *Monkees*, *Archies*, *Banana Split* e *Scooby Doo* influenciaram mais o vocalista do que Beatles e Rolling Stones

Se bem que o mercado mudou. O mundo não consome mais pop rock da mesma forma que no começo dos anos 90. O futuro da música e os últimos lixos que infestam as rádios afligem o autor de "Pop Song 89" e "Radio Song"? "O rádio sempre foi uma merda nos Estados Unidos. Tem pop bom e pop ruim, o descartável e o que fica na cabeça. Acho que há muito espaço para isso e eu até gosto, para falar a verdade. Quando era jovem, foram os Monkees, o Banana Split, os Archies e o Scooby Doo que me influenciaram, muito mais do que Beatles e Stones. Era o que estava disponível para mim pela TV, e eu não tinha um irmão bem mais velho para me dizer 'não ouça isso, ouça isto'." E conclui: "Se o rádio está preso a uma moda, vai mudar rapidinho. Enquanto isso, um forte e importante underground de música louca e boa vai crescendo por baixo. Você só tem de procurar um pouquinho."

CHAPADOS COM NEIL YOUNG

Quem esteve na Cidade do Rock no dia 13 de janeiro pode agradecer aos céus. Dificilmente a banda entrará em turnê para promover *Reveal*. Aliás, Michael informa que o trio pretende trabalhar em novas canções ainda este ano, mas que não existe previsão de quando voltarão à estrada. O plano é, esporadicamente, tocar em lugares em que nunca estiveram (a África é um sonho antigo), que foi o que os trouxe ao Brasil e à Argentina (aconteceu um festival em Buenos Aires, paralelo ao Rock In Rio). Inclusive, Mike Mills confessa que o show para os 34 mil argentinos, com as mesmas músicas, foi melhor que o do Rio de Janeiro – por mais impossível que isso pareça. "Tocamos melhor", conta o baixista. Tá, lá não tinha caipirinha.

Para muitos que nunca haviam presenciado uma performance do R.E.M., Mike Mills foi a grande surpresa. Do visual brega aos vocais de apoio perfeitos (lembra de "Finest Worksong"?), ele tem muito a acrescentar ao grupo. Na capital argentina, o baixista acredita ter assistido ao melhor show de sua vida: o de Neil Young, no dia seguinte. "Eu estava ao lado do palco com o Ken Stringfellow *(tecladista, ex-Posies, que toca com o grupo)*, o Scott McCoy *(baterista que também os acompanha)* e o Liam e o Noel, do Oasis. Nos cinco ficamos com os queixos batendo no chão. Cada coisa que Neil fazia era mais linda que a anterior. Aí, olhávamos um para a cara do outro e pensávamos: 'É por isso que fazemos rock'n'roll. Tinha de ter um motivo. É esse aí.'"

Mas, voltando ao assunto, eles são os melhores ou não? Você decide. Procuro, procuro e não acho uma banda boa mais sincera. E como para mim, muitas vezes, só sinceridade já rende medalha de ouro, vou ter de confessar: eu acredito no R.E.M.!

Michael Stipe encantou as quase 200 mil pessoas que foram ao Rock In Rio no dia 13 de janeiro. Mas na Argentina o show foi melhor

CRIATIVIDADE PARA AS PARADAS

★★★★
R.E.M.
Reveal

20 ANOS DE SOLIDÃO

Bob Marley era único em todos os aspectos, da música às atitudes. Sua morte, em maio de 1981, só fez crescer o mito em torno do artista, do líder, do homem

T

"Uma das coisas boas sobre música é que quando ela bate você não sente dor", cantava ele em "Trenchtown Rock". Se for um de seus reggaes que falam direto ao coração, o bem-estar é maior ainda

FOGO

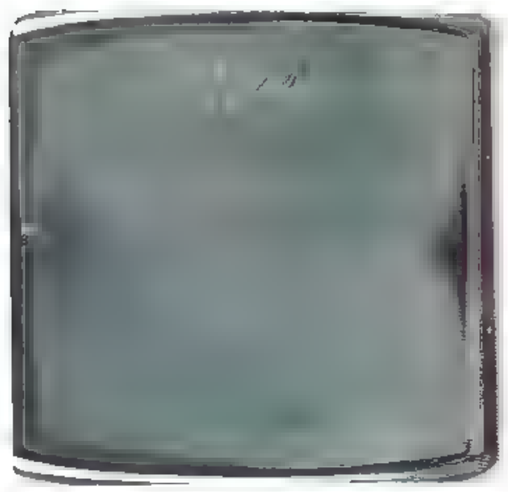
Por Otavio Rodrigues*

As histórias por trás da gravação de *Catch A Fire*, o disco que foi preparado para agradar ao público branco de rock e acabou apresentando o ritmo jamaicano ao mundo

Para quem não lembra direito as coisas, *Catch A Fire* foi o disco que, por assim dizer, lançou o reggae no mundo. É certo que, em 1973, o som dos rudeboys já tocava fora da Jamaica, mas sem conseguir ir muito longe. Era mais ou menos popular em Londres, – ainda que só entre operários negros e hippies – e emprestava sotaque a grandes sucessos. Antes do álbum, rolaram, por exemplo, "Ob-La-Di, Ob-La-Da" (Beatles, 1968, com banda jamaicana atrás e tudo) e "I Can See Clearly Now" (Johnny Nash, 1972). Alguns hits essencialmente jamaicanos também tiveram vez antes do glorioso disco dos Wailers pela gravadora Island, como o ska "My Boy Lollypop" (Millie Small, 1964, que estourou nos Estados Unidos) e o rock steady "The Israelites" (Desmond Dekker, 1968, honroso nono lugar nas paradas americanas de 1969). Um filme de 1971, *The Harder They Come*, de Perry Henzel, estrelado por Jimmy Cliff, já havia entregado os tesouros da ilha contando a história (verídica) do fora-da-lei Rhyging, com altas doses de realidade e de reggae.

Mas a maioria das pessoas, até então, não associava esses sinais nem imaginava que aquele jeito esquisito de tocar e cantar era a música popular de um país. Poucas nem sequer reconheciam estar diante de um novo gênero musical: aquilo era um roquinho diferente, meio soul, na voz de artistas passageiros – mais nada. Com *Catch A Fire*, essa percepção mudou. Não do dia para a noite – as vendas iniciais não ultrapassaram 14 mil cópias –, porém de maneira impressionante e definitiva.

O mais curioso de tudo é que esse álbum, tão fundamental para a história do reggae e para o Terceiro Mundo, foi preparado e embalado para agradar ao público branco do rock. A meta da Island – e também de Bob Marley – era apresentar a novidade para as multidões e, quem sabe, até garantir um lugarzinho nos mercados inglês e americano, as locomotivas do negócio da música. Como sabemos, a estratégia deu certo – embora Chris Blackwell, dono da gravadora, hoje reconheça que daria certo de qualquer jeito. "Acrescentamos instrumentos e outros detalhes que não entravam no som que os Wailers trouxeram", diz ele. "Agora, vejo que não precisava. a música deles estava redonda."



A brilhante idéia que Chris Blackwell teve para a capa do álbum: um isqueiro...

A MATÉRIA-PRIMA

A Island já era uma companhia importante em 1971, quando Chris Blackwell ouviu dizer que Bob Marley estava em Londres sem dinheiro e sem bilhete de volta para casa. O empresário e produtor fora criado na Jamaica, tinha experiência no mercado musical de lá e sabia quem eram os Wailers, tidos como caras cascas-grossas, rebeldes, difíceis de entender e complicados para trabalhar. Ainda assim, contrariando todas as recomendações, colocou 4 mil libras no bolso de Marley. O combinado era que aquele magrelo cabeludo e seus amigos retornassem à Jamaica, gravassem as músicas como bem entendessem e voltassem com as fitas na mão. Seria o primeiro álbum de reggae mesmo, não uma coletânea de singles, como era comum. "Pode dar essa grana como perdida", disseram ao dono da Island.

Não foi o que aconteceu. Em Kingston, os Wailers dedicaram-se inteira e seriamente à produção do disco, enchendo de fumaça os estúdios Dynamic, Harry J. e Randy's. Em poucos dias, prepararam as versões finais de cada canção, chamaram outros músicos para ajudar e encerraram o assunto. Entre os bambas que tocaram em *Catch A Fire* – e que não aparecem nos créditos – estão Silvan Morris (um dos melhores engenheiros de som da paróquia), Robbie Shakespeare (baixo em "Concrete Jungle"), Winston "Sparrow" Martin (bateria em "Stir It Up"), Tyrone Downie (teclados em "Concrete Jungle" e "Stir It Up"), Rita Marley e Marcia Griffiths (no coro).

A música que se ouvia nessas fitas era seca, intrigante. Parecia um transe. As mensagens eram profundas, às vezes apocalípticas, mas deslizavam em poesias simples que todo mundo entendia. Percebiam-se tradições dos tempos dos escravos, como as vozes em chamada-e-resposta, e o tempo todo umas ondas de rhythm'n'blues. O baixo e a bateria faziam uma composição desconcertante. E era tudo autêntico – era a cara deles, a cara da Jamaica.

O PRODUTO

Sem demora, Marley voltou a Londres e entregou o material a Blackwell, que, com o engenheiro inglês Tony Platt, fez o que, na ocasião, achou que deveria ser feito: cobriu de glacê o bolo de maconha dos Wailers. Como o plano era atrair a atenção dos ingleses e, principalmente, a dos americanos, eles alteraram a mixagem, acrescentaram sons de guitarra, teclado e percussão e dizem que até na velocidade de algumas faixas mexeram, sempre com a anuência e a participação de Marley. (Particularmente, acho que fizeram um bom trabalho, mas sugiro que ao final desta leitura você acenda uma vela para a causa rasta e revisite *Catch A Fire* com outros ouvidos.)

Chamava a atenção ainda o fato de as gravações terem sido feitas em apenas oito canais, por conta das limitações técnicas dos estúdios jamaicanos. Assim, o som de vozes e instrumentos estavam registrados juntos, dois (ou mais!) em cada canal. E como por lá não havia divisórias acústicas, o som de alguns instrumentos acabou "vazando" de um microfone para outro. Foi o que Tony Platt definiu como "a atmosfera". Porque, admiravelmente, nada disso comprometia o resultado – ao contrário, era uma aula de como gravar certo com poucos recursos.

A moderna mesa de som da Island tinha 24 canais, portanto havia 16 canais livres para serem usados. Em "Concrete Jungle" preencheram todos, pincelando sons de instrumentos familiares aos ouvidos do respeitável público e até criando alguns climas. Um trabalho de ourives. O tecladista John "Rabbit" Bundrick, do Rabbit And The Jungles, o grupo que acompanhava Johnny Nash, foi chamado para fazer overdubs em praticamente todo o disco. Ele conta por aí que começou acompanhando a reprodução da fita dos Wailers com um estilo meio boogie-woogie e Marley o interrompeu, "Ele bateu assim nas teclas, nas notas erradas, fazendo o ritmo", disse Bundrick em uma entrevista. "Mostrou como eu deveria fazer. E eu fiz". Na gravação-base, a que veio da Jamaica, os teclados só entravam sincopados, como é de lei, tocados percussivamente. As versões finais das músicas, entretanto, foram acrescidas de notas longas, que se estendiam para valorizar a melodia e criar uma referência para o refrão. Era o reggae com filtro tomando forma.

Outro americano que circulava nos estúdios da Island e acabou seqüestrado pela conexão jamaicana foi Wayne

Esperto, Marley não fez objeção às sugestões recomendadas pelo produtor para tornar sua música mais familiar aos ouvidos ingleses e americanos

ALTAMENTE RECOMENDÁVEL

Vídeo
Catch A Fire – Coleção The Greatest Records In Rock History (Eagle Rock/512 Vídeo) Conta (e mostra) a epopéia da gravação do álbum em detalhes, incluindo cenas da época e até trechos vídeos caseiros. Tirando um ou outro exagero cometido pelos personagens nas entrevistas, é um documento e tanto (passei a limpo boa parte das informações desta página depois de tê-lo visto)

Livro
Queimando Tudo, Timothy White (Editora Record) Outra obra-prima, livro de cabeceira com mais de 500 densas páginas sobre o rei do reggae. Há quem diga que alguns informantes de White (atual editor da revista *Billboard*) não passavam de contadores de história. Mas não se abale com essa ressalva: garanta um exemplar e mergulhe numa das mais bem escritas biografias que

Disco
Catch A Fire (versão jamaicana) Sem o filtro colocado pelos ingleses. As diferenças são sutis, mas educadoras. Até na capa, nossa... o que é aquilo?!? Recentemente, o material gravado na Jamaica ficou mais fácil de ser obtido com o relançamento de *Catch A Fire* em edição dupla, contendo as duas versões – mas trazendo o charme da capa-isqueiro

Caixa
The Complete Upsetter Collection (Trojan) Como todo mundo já deve ter a "oficial" *Songs Of Freedom*, resta essa para se conhecer o Marley pré-Island. São 113 músicas em seis CDs – tudo o que ele gravou sob a batuta de outro mestre, Lee Perry. Versões alternativas, instrumentais, dubs. Didática e essencial para se entender a transformação de sua arte.

Perkins, do Muscle Shoals. É dele, por exemplo, a guitarra que abre misteriosamente o disco em "Concrete Jungle", além do solo extraordinário no final da música e também toda a sonzeira de "Babe We've Got a Date (Rock it Babe)". Ele estava no estúdio do andar de cima quando Blackwell o chamou para "dar uma força" no disco de uns caras da Jamaica. "Colocaram a fita para rodar e eu não consegui entender nada", conta ele. "Não sabia por onde começar, como acertar uma nota." Claro, ele acabou acertando todas. "No fim, Bob veio todo alegre, me cumprimentando, com uma tora deste tamanho para eu fumar."

que abria, fornecendo o impacto necessário para chamar a atenção da imprensa

A EMBALAGEM

A capa de *Catch A Fire* é outro capítulo importante da história. Apesar de a consagrada ter sido aquela com o retrato de Marley queimando um *spliff* ritual rastafári, a embalagem que chegou às lojas em 1973 era muito mais chocante. Blackwell, macaco velho, sabia que uma idéia diferente causaria impacto e chamaria a atenção dos jornais e revistas. Daí aquele enorme isqueiro azul – que abre! O nome do grupo e o do disco apareciam na frente, no alto, com letras elegantes, manuscritas, parecidas com as de convite de formatura ou casamento. Na contracapa, os cinco wailers – Bob Marley, Peter Tosh, Bunny Livingstone, Carlton Barrett e Aston "Family Man" Barrett – descendo uma escada qualquer, caras amarradas, a roupa do corpo, sem uma filigrana de glamour. À direita, o nome das músicas e os tais créditos incompletos. À esquerda, aspa por aspa, esta bula para gringos mocorongos:

"O nome The Wailers encaixa-se perfeitamente neste singular grupo jamaicano. Ele traduz a explosiva energia musical e a mensagem que vem dos guetos de Kingston. Suas músicas e arranjos ecoam os lamentos do gueto, não apenas os da Jamaica, mas, realmente, os de qualquer selva de concreto em qualquer lugar.

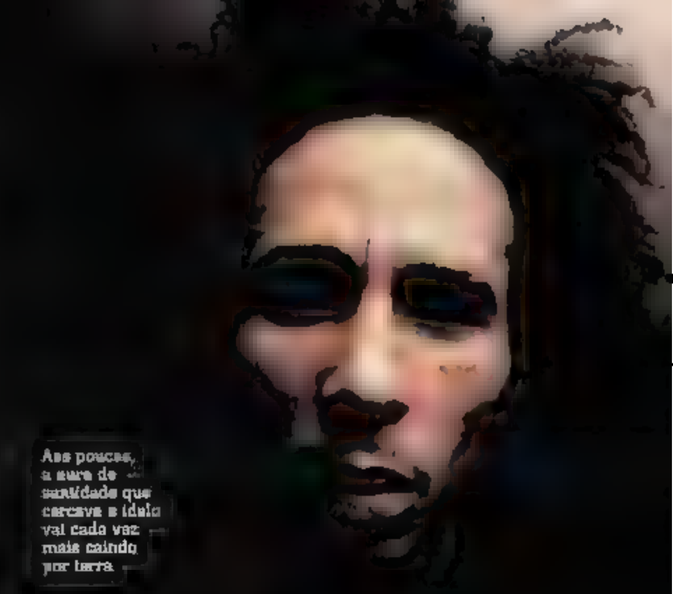
Os Wailers foram formados há dez anos, nos tempos do 'ska', por três jovens – Bob Marley, Peter Mackintosh e Bunny Livingstone. E rapidamente se tornaram a mais popular e influente banda jamaicana.

Seus arranjos únicos cruzam a batida 'rock steady', que tomou a ilha de assalto no início dos anos 60. Foram também o primeiro grupo a apresentar o som 'rude' que introduziu o 'reggae'.

Mais tarde, Marley, Mackintosh e Livingstone se reuniram a Aston 'Family Man' Barrett e a seu irmão, Charlie. São esses os Wailers que continuam na linha de frente da cena reggae'."

* Otávio Rodrigues faz o primeiro programa de reggae do rádio brasileiro, escreve sobre o assunto faz tempo e agora abcia regueires aplicados com a Bumba Beat Sound System, o primeiro *dub delivery* do Brasil

QUANTO PIOR, MELHOR



Eu trabalhava em BIZZ quando saiu a polêmica capa com Bob Marley, em 1994: "Armas, violência, drogas pesadas: os escândalos do rei do reggae". Não era exatamente um furo de reportagem, já que o assunto aparecera em outras publicações internacionais, mas continha o tempero de alguns novos acontecimentos na corte. Ouvimos amigos de Marley, como Jimmy Cliff, *marleólogos* de renome como Roger Steffens (fundador da revista *Beat*) e Wayne Jobson (diretor de *Stepping Razor*, valioso documentário sobre Peter Tosh e os Wailers). Montamos também o quebra-cabeça da herança de Marley, uma baralhada que envolvia a mulher Rita, quase uma dúzia de outras viúvas, 22 filhos (e uma fila de aspirantes), antigos produtores, escroques do mercado de discos e advogados de Nova York.

Boa parte das confusões naquela reportagem diziam respeito não a Bob Marley, mas a familiares e membros de sua *entourage*. Rita Marley, por exemplo. Logo depois da morte do marido, ela assumiu tudo, tomando para si a administração do patrimônio e os direitos sobre a obra – uma tomeira que não pára de jorrar, isso contrariava a lei jamaicana, que prevê apenas 10% para a viúva e o restante repartido entre os filhos. Como ela conseguiu? Simples: falsificando a assinatura de Bob Marley em um documento forjado por seus advogados. Quando a maraculaia veio à tona, Rita teve de entregar tudo. Por determinação judicial, o espólio do cantor ficou boa temporada sob a responsabilidade de um banco jamaicano, até ser comprado por Chris Blackwell – que emprestou 50% dos 11,5 milhões de dólares para a família Marley, hoje sócia do negócio.

Mas choveram outras ações nos tribunais. O americano Danny Sims, da Cayman Music, que possuía acordos meia-boca firmados com Bob Marley e os Wailers no início dos anos 70 – antes de *Catch A Fire* e da projeção internacional do mito – resolveu correr atrás de parte da grana. Sua principal acusação era de que Marley havia atribuído a autoria de algumas de suas músicas a velhos amigos rastas com a intenção de fugir das obrigações com a Cayman (Marley realmente fez isso em "No Woman, No Cry", "Rat Race" e "Jah Live", entre outros sucessos). Sims abriu meia dúzia de processos, perdeu em todos, saiu sem nada.

Os Wailers também reivindicaram direitos sobre muitas músicas na Justiça. Segundo eles, era comum trabalharem todos juntos sobre cada composição, ainda que, ao final, o crédito fosse atribuído apenas ao general da banda. Tanto que, enquanto Bob estava vivo, garantem eles, toda a grana que entrava era dividida meio a meio: 50% para o chefe, 50% para o restante do grupo. Esse foi outro processo que não deu em nada. Bem, em 1987, numa Jamaica onde supostamente "não acontecem acidentes e coincidências", o pai de Aston e Carlton Barrett (a fabulosa cozinha dos Wailers) foi seqüestrado por uma gangue da pesada. Seu corpo apareceu no mato dias depois – decapitado, sem as pernas e sem os braços.

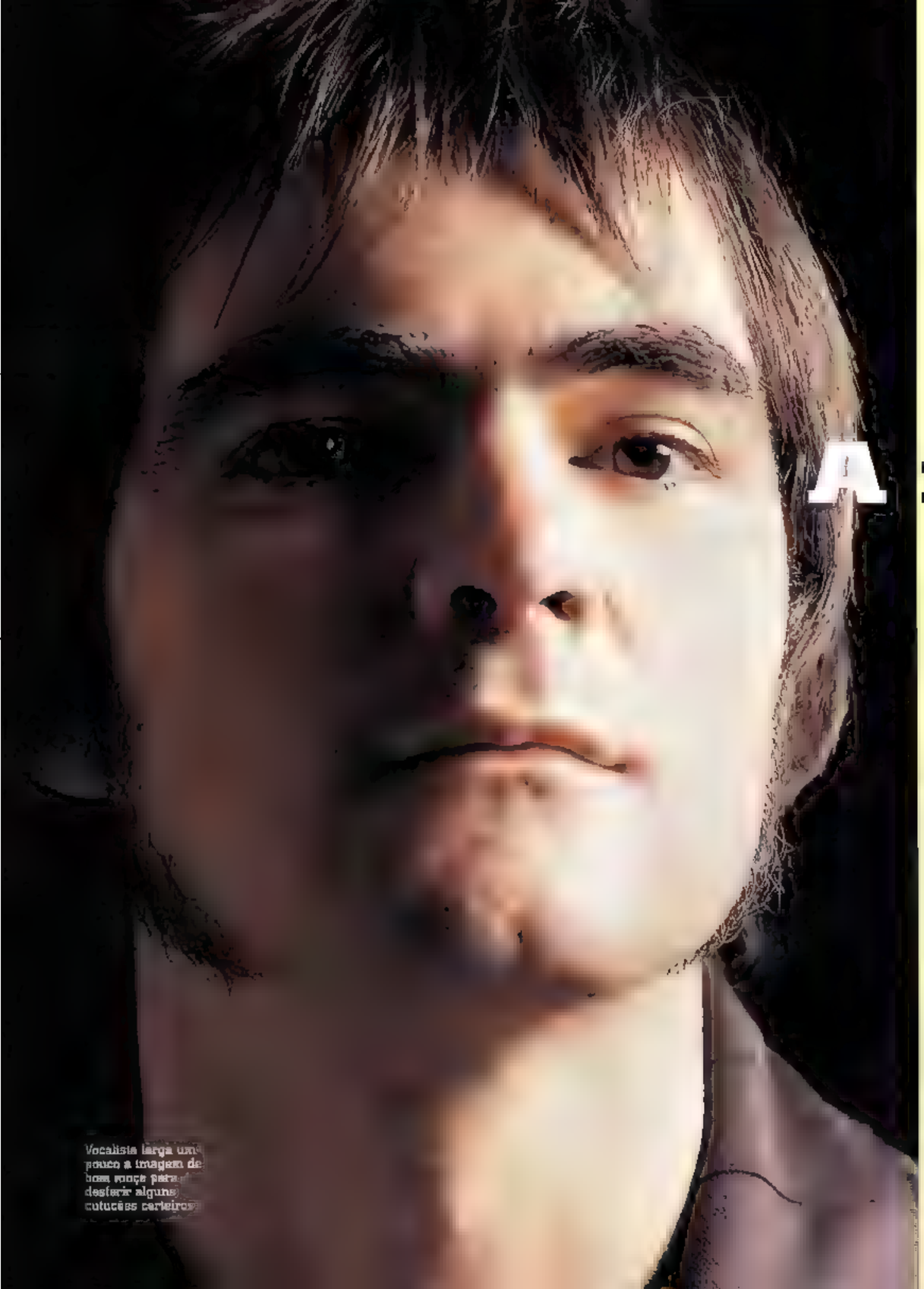
Tudo isso parecaria corriqueiro se fosse em torno de qualquer outro superstar. Mas era Bob Marley, um artista que não tem fãs – tem seguidores. Em sua biografia, a música, os discos, os shows, tudo isso é parte de um espetáculo maior, que inclui contribuições para o resgate da africanidade no Novo Mundo, quebra de monopólios no setor do entretenimento, uma revolução social na Jamaica e, segundo relatórios da CIA, quase uma revolução armada em todo o Caribe. Então toca Bob Marley e não dá para dizer que estamos só dançando: estamos nos engajando numa causa. E nem é preciso ser negro, cultivar dreadlocks ou crer na divindade de Selassie: o messianismo de Marley absorve porque tem algo a ver com nosso sonho de paz e amor – ou, para ficar bem rasta, *one love*. Ninguém, portanto, lida com "o outro lado" de Bob Marley sem sentir dores no fígado.

No caso do jamaicano Don Taylor, ex-empresário de Bob e autor do livro *Marley And Me*, isso foi levado ao pé da letra. Em 1980, sob suspeita de ter desviado grana de shows, ele aceitou o convite para uma conversa com Bob Marley e seu musculoso amigo Allan Skilly Cole na casa de Cedella Booker (a rainha-mãe), em Miami. A conversa, bastante frugal, foi regida por uma submetralhadora. Recentemente, a revista inglesa *Uncut* publicou uma nova versão do episódio, dando conta de que Taylor teria sido espancado quase até a morte, com socos e pontapés na cabeça e nos testículos. Mas Cole, nos tribunais, negou a história da metralhadora – disse que era uma automática 45.

Ao longo de anos e anos de paixão pela música jamaicana, também criei idéias um tanto românticas a respeito de Bob Marley. No entanto, depois de algumas viagens até lá, circulando curioso em Kingston, nos territórios rastas, nas gravadoras, nos estúdios de ensaio e até na casa de alguns caras, entendi um pouco melhor a estranha realidade da ilha e de que maneira ela impregnou nosso velho e bom amigo. Impressionei-me com a desenvoltura de alguns artistas na rua. Misturavam-se aos comuns e até se confundiam com eles. Chamavam crianças pelo nome e chupavam cana-de-açúcar com os motoristas de táxi. Perguntavam a velhas senhoras sobre a saúde e recebiam recomendações à família, como se Kingston ainda fosse um antigo vilarejo.

Descobri também que vários de meus ídolos, de perto, eram bem normais: ao contrário do que eu ouvia nos retrões, eles cheiravam cocaína (o crack ainda não estava em voga). E que a malandragem e o reggae se misturavam de forma admirável porque tinham origem semelhante – as favelas, as ruas e os fundos de quintal. Começou a ficar claro que o mesmo gueto que deu a Bob Marley régua e compasso, tornando-o brilhante para a música e para o pastoreio, também o tenha preparado, e muito bem, para a sobrevivência. Em outras palavras, Marley e seus amigos, assim como a maioria dos rapazes jamaicanos, não deixavam barato: escreveu não leu... Foi assim com Don Taylor, com DJs e programadores de rádio que se recusaram a tocar seus discos. Era da cultura deles. Uma frase de Timothy White no livro *Queimando Tudo* resume a história: "Bem ou mal, o gueto continua sendo a força motriz do rock jamaicano, e ninguém encontra uma forma de manter seus ritmos fortes sem voltar para colher da terra". OR

Aos poucos, a aura de santidade que cercava o ídolo vai cada vez mais caindo por terra



Vocalista larga um pouco a imagem de boa moça para desfazer algumas cutucões certeiras

Sabe aquelas camisas de times de futebol internacional que o Skank adotou como uniforme no início da carreira? Foram doadas para uma instituição de caridade. "Encheu o saco, a gente tinha virado escravo, falava mais sobre futebol do que sobre música", revela Samuel Rosa, o vocalista da banda responsável pela inserção de Minas Gerais no mapa do pop brasileiro.

No guarda-roupa, ficaram apenas algumas camisetas especiais, como uma da equipe holandesa do PSV autografado por Ronaldinho em 1994. Mas que ninguém ouse ditar o novo figurino do cantor. "Um diretor de uma gravadora me falou uma vez que eu não me visto como artista. Falei para ele que, no caso do Skank, não há outra maneira de ser. Se eu tiver de vestir outra roupa, vou achar que estou enganando alguém. Não tenho talento para isso", garante ele.

A resposta de Samuel

Vocalista do Skank promove acerto de contas com a turma dos anos 80, dá um puxão de orelhas nos conterrâneos mineiros e revela segredos, mágoas e alegrias que marcaram os dez anos de carreira do grupo, a ser comemorados com um álbum ao vivo em breve

Por Carlos Marcelo

Aos 34 anos, Samuel e asseclas aprenderam a obter por conta própria as respostas às perguntas de toda banda no início da carreira. "Quem responde pelos acertos e tropeços de nossa carreira somos nós cinco", diz, referindo-se a Lelo, Haroldo, Henrique e ao empresário Fernando Furtado. Eles estão felizes com a repercussão do último disco, *Maquinarama*. "Quando vi na BIZZ que os leitores tinham nos colocado em terceiro lugar na votação dos melhores de 2000, fui olhar os dois primeiros: um era ao vivo *(Raimundos)*, outro era acústico *(Capital Inicial)*. Como o nosso era o único inédito, pensei: 'Ue, então ele é o álbum do ano...'", raciocina, mineiramente.

Mas Samuel deixou a assumida mineirice de lado para analisar os dez anos do Skank, que encabeçou com Raimundos e Chico Science a nova geração do pop brasileiro no início da década de 90 e, de todos, é o mais bem-sucedido comercialmente – 1,6 milhão de cópias vendidas apenas de *Calango* e uma média de 80 shows por ano. A seguir, ele comenta a decisão de lançar um disco ao vivo, revela a mágoa pela falta de apoio de outras bandas e dá um puxão de orelhas na nova geração do pop mineiro.

MÚSICA COMO MEIO DE VIDA

"Quando a banda começou com disco independente e depois assinou com gravadora, a gente não era mais adolescente, já tinha 25 anos. Então, isso dá uma visão diferente das coisas. O entusiasmo é mais contido, você já está naquela fase de buscar emancipação financeira. Você já pensa naquilo não só como a realização de um sonho de criança, mas como algo que possa ser um meio de sobrevivência. Não me bastava o contrato com uma gravadora, não me bastava lançar o primeiro disco, eu era um pouco mais ambicioso: queria fazer da música o meu meio de vida. É ótimo ter o primeiro sucesso no rádio, mas isso não é suficiente. E eu sabia que não era. Eu tinha assistido de camarote à trajetória de vários grupos dos anos 80, não bastava ter o sabor do hit ser cantado pelo Brasil inteiro, isso não dava tranqüilidade."

DIFERENTES GERAÇÕES

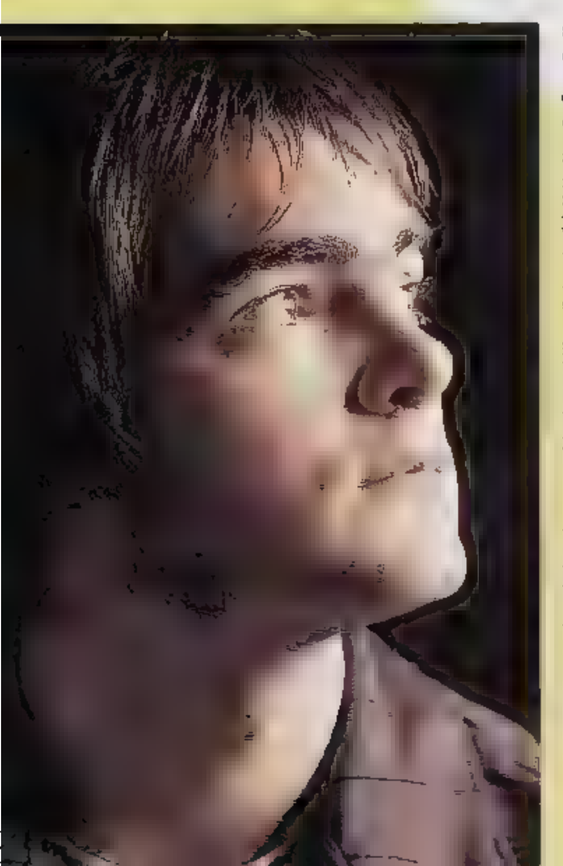
"O que há de diferente da geração dos anos 80 para os 90 é o fato de a gente ter herdado uma preparação maior para o sucesso, até mesmo por ter visto os caras que torraram todo o dinheiro. Quando o rock dos anos 80 estourou, a moçada era muito jovem, um pouco diferente do pessoal dos anos 90. Tem muita gente da minha idade, não há tantos garotos como na década de 80. Então o pessoal tem mais discernimento e mais consciência, além de, tecnicamente, ser uma geração mais bem preparada. Antes, era mais romântico. É o que o Dinho *(do*

Capital Inicial) falou numa entrevista recente: eles estavam tentando viabilizar o rock' n'roll como negócio, fazer um circuito que não existia no Brasil."

SEM LOBBY DE NINGUÉM

"A imprensa escrita foi fundamental para o início do nosso sucesso. Foi determinante, porque a gente não tinha lobby nenhum, não era amigo de artista, não jogava pelada com o Jorge Davidson *(à época, diretor artístico da EMI Odeon)* no Rio. É um negócio até meio perigoso de dizer, mas eu acho que a falta de personalidade de alguns diretores de gravadora hoje é tamanha que os caras precisam do aval da imprensa para contratar uma banda. Eles não sabem por seus próprios meios, às vezes, discernir um grupo bom de um ruim, um promissor de um que não tem nada a acrescentar. Então, precisam desse referencial externo, ainda que estejam ali sendo pagos exatamente para isso."

"A imprensa escrita foi fundamental para o início do nosso sucesso, porque a gente não tinha lobby nenhum: não era amigo de artista, não jogava pelada com o Jorge Davidson"



RESPONSABILIDADE E MÉRITO

"A gente é responsável pelo filão do rock ter se perpetuado e não representar apenas uma moda, como nos anos 80. Conseguimos coexistir com modismos como o axé e o pagode. Outro mérito nosso foi começar a resolver o conflito de identidade sobre o que é ser rock no Brasil. É impossível para uma banda brasileira se afirmar como banda de rock, a não ser se for como uma banda brasileira de rock. É assim no Chile, na Argentina, na Espanha: acontecem releituras do rock, cada uma com seu sotaque."

TENDÊNCIAS NO ROCK

"Depois que a gente surgiu, vieram muitos filhotes copiando a nossa batida. Não é muito desejável, mas acaba sendo inevitável. É como hoje, quando vejo três vertentes no rock brasileiro. A primeira são os filhotes do Charlie Brown Jr., que é impressionante. A outra são os imitadores da Legião Urbana. E há a cena que eu acho mais interessante, que é a de Porto Alegre, porque tem conceito, as bandas são bem resolvidas e tem linguagem própria. É a mais promissora, resta saber se vai vingar. Mas acho que os grupos que vão fazer mesmo a década ainda não apareceram."

MUDANÇAS NO SOM

"Uma coisa importante de ressaltar é que não foram os clones que determinaram a nossa mudança. Seria colocar uma coisa muito íntima na mão de terceiros. Acho que o Skank mudou porque são dez anos de carreira, as pessoas estão dez anos mais velhas, os discos são outros, ou seja, a banda andou, se mexeu e tem de ser verdadeira até nas suas mudanças. Olha, os meus discos hoje não são mais do Shaggy, Shabba Ranks ou Shinehead. Também ouço menos Sly & Robbie do que eu escutava naquela época, menos rap do que tempos atrás, e é natural que isso vai acabar se refletindo na minha música. Comecei a escutar os discos velhos que eu tinha dos Beatles: *Revolver*, mais do que todos, mas também o *Álbum Branco* e o *Rubber Soul*. E Blur, Air, Belle & Sebastian, que me atraem pelo clima retrô. Acho que tenho o direito de fazer isso."

O PORQUÊ DA GUINADA

"Para mim, o motivo principal da nossa guinada é interno, e não externo. Mesmo que bandas copiem, se a gente quisesse insistir num determinado formato, poderia ser capaz de fazer algo interessante. Mas não é essa a questão. O prazer de tocar um som um pouco diferente, de tentar outras sonoridades, de usar mais a guitarra foi o pivô dessa guinada."

CONTRA A REPETIÇÃO

"Não é porque hoje a gente pertence a uma gravadora, que temos milhares de fãs espalhados pelo Brasil, que eu ache que necessariamente o Skank tem de ficar se repetindo. Isso é ruim para a banda e para o público. Na hora em que o cara vai comprar seu disco na loja, ele tem uma expectativa de que vai escutar algo diferente do que vinha escutando antes, caso contrário, que ele fique lá com o *Catango* e com *O Samba Poconé*."

PROPOSTA INDECENTE

"Na época do sucesso de 'Garota Nacional', todas as cervejas do Brasil nos procuraram para fazer propaganda. Acho bacana a gente ter resistido a isso, é uma coisa que nunca comentei em entrevista, até porque não queria ficar igual ao Lobão, que fala tanto que recusou uma proposta para usarem 'Me Chama' em um comercial que parece que isso virou uma bandeira importante na vida dele, que está lucrando com essa rejeição. Mas vejo bandas hoje que por muito menos que a gente já se renderam, até bandas que a gente poderia pensar que são mais à esquerda do que o Skank, sendo seduzidas por quaisquer notas de três dólares."

DONOS DO PRÓPRIO NARIZ

"Quem responde pelos tropeços na carreira do Skank somos nós mesmos. A gente não pode culpar empresário ou gravadora. Tem muita gente que gosta de ficar nessa posição de vítima, é confortável dizer: 'Gravei aquela versão porque foi pressão da gravadora'. Brigamos com a Sony na época do *Calango*, por exemplo. Era um disco maravilhoso e a gravadora queria que a gente regravasse 'Andar Com Fé' *(de Gilberto Gil)* porque era sucesso nos shows. Mas não tinha nada a ver. Ia destoar, a gente precisava se afirmar como banda autoral. Brigamos muito, mas valeu a pena."

A MÁGOA DOS ANOS 80

"Até hoje somos cinco, nós quatro e o Fernando *(Furtado, empresário)*, com a mesma convicção de sempre e, obviamente, com a experiência que a gente adquiriu. Ninguém passou para nós, porque no começo não teve nenhuma banda boazinha que dissesse: 'Vem cá que eu vou explicar como é que se faz um contrato de edição, que os caras vão te roubar dinheiro aí no início e tal'. A gente até procurou, mas viraram as costas para nós. Senti que esses grupos dos anos 80 só passaram a aceitar o Skank depois que começaram a vender discos novamente. Até porque Chico Science tinha uma idéia maravilhosa, os Raimundos são uma banda muito original, mas, em termos de mercado, quem vendeu mais discos foi o Skank, e isso mexeu muito com eles. Mas não quero isso para as bandas que estão começando. Não sonego informação: quero passar para eles o que não tive da geração dos 80."

"Senti que os grupos dos anos 80 só passaram a aceitar o Skank depois que começaram a fazer sucesso novamente. Até porque, da nossa geração, quem mais vendeu discos foi a gente"

DISCO AO VIVO

"A gente resistiu bravamente. Da nossa geração, o Skank é a única banda que não tem ao vivo nem coletânea. Mas está na hora de fazermos uma revisão da carreira e lutar para que os nossos 'clássicos' não fiquem sucateados pelo tempo. Trazer de volta 'Jackie Tequila', 'Garota Nacional', 'Indignação', 'Esmola', 'Te Ver', que não tocam mais nas rádios. Mas que não seja com uma grande freqüência – você vê uma banda sair de um acústico e lançar uma coletânea, como foi com os Paralamas, ou os Titãs, que estão há três discos fazendo o mesmo. Como demoramos muito, agora o medo é sofrer uma pressão para ficar fazendo isso também, porque vai ficar uma coisa mal distribuída na carreira. Já pensou, nos próximos dez anos ter de fazer acústico, ao vivo e coletânea?"

COMPETIÇÃO INTERNA

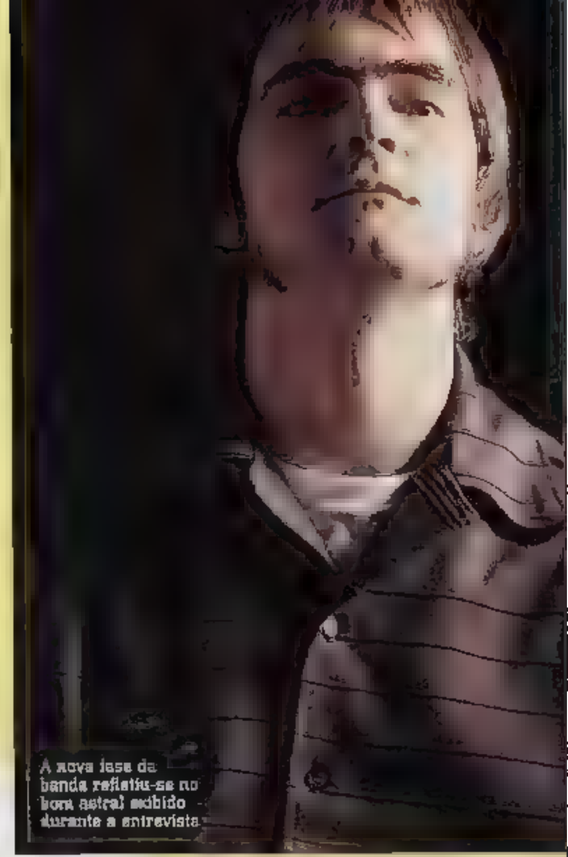
"O Skank é uma banda internamente com muito pouca competição. Não há uma guerra de egos que prejudique o trabalho. Os outros três são pouco ambiciosos, não vejo nenhum deles pensando: 'Vou ser o frontman, quero cantar, quero compor'. Não existe esse tipo de viagem dentro do Skank. Então, isso torna as coisas mais fáceis. As ambições deles são legais para a banda: querem produzir outros grupos, fazer um estúdio, ter um selo... Por isso, acho que o Skank não vai acabar em rixa pessoal, em quebra-pau. Só vai acabar se ficar morno... Aqui não tem queda-de-braço e isso, dentro da média do que conheço de outras bandas, me permito dizer que o Skank está no lucro."

O POP DAS GERAIS

"O sucesso do Pato Fu, do Jota Quest, agora também do Tranastatic, mostrou uma coisa que me deixou muito feliz: o Skank não fez sombra para ninguém. Há várias coisas promissoras aparecendo em Belo Horizonte, mas o pessoal tem de tomar um tapa na orelha para acordar e correr atrás. Fiquei magoado também com uma certa falta de reconhecimento do pessoal do Jota, que andou se esquecendo de falar em entrevistas da força que a gente deu para eles no início. Mas conversei com o Rogerinho *(Rogério Flausino, vocalista)* e isso está superado."

O FUTURO

"'Resposta' já foi uma tentativa de não ficar refém do chacundum, mas a gente se redescobriu mesmo no *Maquinarama*. O disco já reflete o meu flerte maior com as guitarras. A gente tem um campo novo para explorar, isso é o oxigênio que nos faz viver. Uma banda só deveria ser autorizada a continuar se tivesse tesão pelo que está fazendo. Quem não morre para o velho, não nasce para o novo."



A nova fase da banda refletiu-se no bom astral exibido durante a entrevista

Velho e novo de mãos dadas

Quem gosta de metal está cansado de saber que, em se tratando de Max Cavalera, nenhuma influência está fora de cogitação. "Tento não ser radical", diz o líder do Soulfly, explicando que trabalha desse jeito desde o tempo do Sepultura

"Tô falando no celular. Se desligar, é porque estamos no ônibus", diz o guitarrista e vocalista Max Cavalera em uma estrada de Ohio, nos Estados Unidos. A viagem faz parte da turnê americana do Soulfly com o Pantera. Todas as noites, ele e seus companheiros – o guitarrista Mikey Doling, o baixista Marcelo Rapp e o baterista Joe Nunez – têm enlouquecido milhares de fãs abrindo para o quarteto texano.

Os shows enfocam *Primitive*, o segundo álbum do Soulfly. As músicas do disco, destacadas por um metal experimental, mostram que Max conseguiu se distanciar do fantasma do Sepultura. A lavagem de roupa suja na imprensa já diminuiu, e o público mostra-se indiferente ao fato de Max praticamente ignorar o repertório de sua ex-banda nos shows. Para ele, não vale a pena viver do passado.

Antes da ligação cair – como previsto – o líder do Soulfly falou da ausência da banda no Brasil, da música de *Primitive* e de um contínuo problema no joelho.

Por que o Soulfly apresenta-se tão pouco no Brasil?
O maior obstáculo é achar um promotor interessado em organizar vários shows, mesmo que não ganhe tanto dinheiro. Fazer uma turnê gigante no Brasil é um sonho desde a época do Sepultura. Nunca conseguimos fazer mais de dez shows seguidos. Na maioria das vezes, era apenas Rio, São Paulo e Belo Horizonte. Era uma coisa frustrante.

Andaram falando que você queria distância do Brasil...
Não é isso. A nossa gravadora é uma bosta no Brasil – não faz porra nenhuma para a banda. E não tem um promotor legal que deseja fazer a coisa certa. Isso acaba distanciando a gente do nosso próprio país. Eu sei que povo não falta. Tem gente pra caralho que ouve o nosso som. O Abril Pro Rock foi o exemplo perfeito. 10 mil pessoas pulando durante o show inteiro às 2 horas da manhã.

É difícil excursionar com o Pantera, famoso por encher a cara, quebrar camarins e se envolver com groupies?
Não. É por isso que há os roadies. O pessoal que trabalha com a gente é meio louco *(risos)*. Eles se dão superbem com a galera do Pantera. Mas isso é uma coisa de imagem. O Phil *(Anselmo, vocalista)* é bem parecido comigo – praticamente ninguém o vê durante o dia inteiro. Acho que é lenda esse negócio de os caras serem completamente insanos. Tem o negócio de festa depois do show e tudo o mais, mas fico com meus filhos no ônibus, como sempre fiz. Às vezes passo uma semana inteira sem ver os caras do Pantera. Eles entendem isso na boa. Eles falam para o Marcelo e o Mikey: "A gente sabe que o Max é mais reservado".

Alguns anos atrás, você estava com dificuldades para tocar ao vivo por causa de um problema no joelho. Já está curado?
Não, meu joelho tá fodido. Quando estou em turnê, tento tocar com cuidado. Ponho esparadrapo e uma proteção. A situação está meio estável há dois ou três anos – não piora nem melhora. Estou acostumado. O joelho dói depois de alguns shows, mas contanto que não piore... Meu maior medo é perder o joelho e ter de colocar um falso.

Mas qual é o problema, afinal?
O ligamento, que já arregaçou de tanto pulo no palco. Estive conversando com o médico. Ele acha que estou muito novo – tenho 31 anos – para perder o joelho.

Em sua atual banda, o guitarrista continua unindo as diversas escolas da música pesada

TRIBUTO A DUAS GERAÇÕES

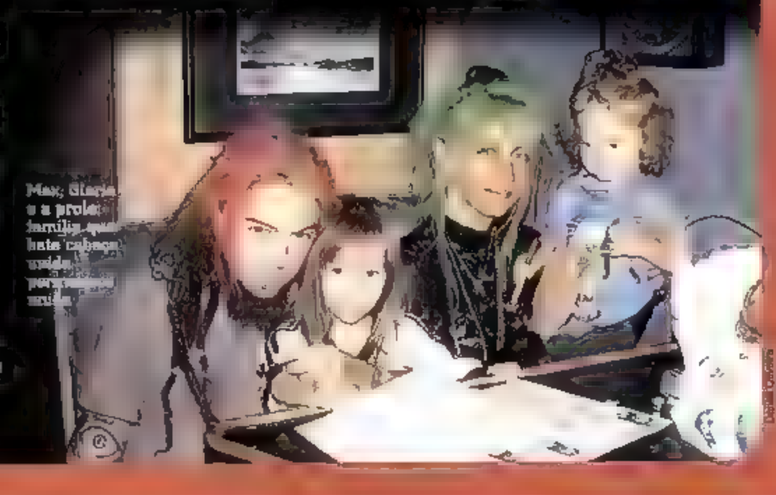
O Soulfly homenageia recentemente dois nomes do rock pesado. O grupo está no tributo ao Black Sabbath, e a voz de Max está no álbum dedicado ao grupo de metal-hardcore californiano Snot.

No disco que reverencia os pais do heavy metal, *Nativity In Black II*, a banda toca uma versão de "Under The Sun" que deixou Ozzy Osbourne boquiaberto. Numa carta enviada à casa de Max, o lendário vocalista escreveu: "Acabei de chegar de turnê. Estive vendo minha correspondência e achei sua gravação. A música está demais. Como sempre, você não me decepcionou". Max não esconde sua alegria. "Mostrei a carta para a banda inteira", diz. "Eu estava agindo como uma criança, dizendo: 'Pô, olha a carta. Ele gostou do nosso som!' As pessoas podem ouvir o disco e gostar da cover, mas a carta já foi o nosso prêmio. Recebemos a nossa medalha."

Já no tributo ao extinto grupo Snot, *Strait Up*, Max canta na música "Catch A Spirit". O disco homenageia o vocalista da banda, Lynn Strait, morto num acidente de carro em 1998. "A letra é a coisa mais legal da música", diz Max. "Ela fala de Lynn e da perda de um amigo."

Os demais membros do Snot – incluindo Mikey Doling, atual guitarrista do Soulfly – gravaram os instrumentais do disco e convidaram artistas variados para cantar as músicas. Jonathan Davis (Korn), Mark McGrath (Sugar Ray), Fred Durst (Limp Bizkit) e Serj Tankian (System Of A Down) também contribuem no álbum.

Logo após a morte de Lynn, Max convidou Mikey para entrar no Soulfly. O jovem guitarrista sente-se honrado de trabalhar com o ex-líder do Sepultura. "Aprendi a tocar guitarra com os discos *Chaos A.D.* e *Arise*", revela Mikey. "Já conhecia bem o estilo de Max quando ele me chamou para tocar no Soulfly."



Max, Gloria e a prole: família que bate cabeça unida [illegible]

Qual foi o comentário mais positivo que você ouviu sobre o disco?

Mesmo que a maioria dos fãs tenha gostado muito, o comentário mais positivo veio exatamente do pessoal envolvido no disco. Conversei com o Tom Araya *(do Slayer)* há duas semanas, e ele curtiu demais o disco. O Corey *(Taylor, do Slipknot)* também gostou. Foi do caralho ter um retorno dessa galera, pois é gente da minha área, que trabalha com som pesado e que vive o que eu vivo no dia-a-dia.

E qual foi o pior comentário?

A maioria dos críticos elogiou o disco, mas teve um pessoal que não gostou de tantas participações. Já faz dez anos que trabalho assim, desde a época do Sepultura. Estou acostumado a fazer discos que não envolvem só a banda. Esses críticos não me afetaram tanto porque certamente desconhecem minha história.

Ao contrário de vários artistas de metal dos anos 80, você curte esse estilo de bases simples, influências hip-hop e vocais experimentais. Como você se interessou por esse novo metal?

O lance do *Primitive* é que tem o novo e o velho metal. Estamos no meio de tudo. Não foi planejado, mas aconteceu. Se você pega "Terrorist", com o Tom Araya, é a velha-guarda do metal. Aí, põe "Jumpdafuckup", com o Corey, e é uma coisa nova. Esta é a mensagem que tento passar – o Max hoje curte os dois estilos. Adoro Slayer e Celtic Frost, mas tem muita coisa nova legal: Slipknot, Deftones, Hatebreed... Tento não ser radical. Os melhores discos do Sepultura foram influenciados por coisas velhas e novas.

Como você conheceu Neville Garrick, artista que fazia as capas de Bob Marley e desenhou a de *Primitive*?

Escuto bastante coisas da Jamaica. Bob Marley, Peter Tosh... Tive a idéia da capa quando estive lá. Há vídeos do Bob Marley que mostram panos de fundo pintados por Neville. São imagens fortes pra caralho: leão, imperador da Etiópia, bandeira da Etiópia... Acho que essas imagens inspiravam Marley ao vivo. Então, comentei com a Gloria *(mulher de Max e empresária do Soulfly)*: "O que você acha de tentarmos achar esse cara?". Ele poderia estar vivo, morto ou inativo, mas fui atrás. Dei sorte de ter um amigo que trabalha na Island, gravadora do Marley. Consegui o telefone da casa do cara em dois dias. Liguei pra ele, me apresentei e falei que era do Brasil. Ele já esteve quatro vezes no país, o que ajudou em nossa relação. Aí, lhe enviei meu material e combinamos de ir à casa dele. Ficamos o dia inteiro conversando sobre turnê, gravação, Bob Marley... Então, finalmente, perguntamos: "Quer fazer essa arte?". Ele ficou superanimado, pois nunca trabalhou num álbum de rock.

O material promocional de *Primitive* enfoca a sua imagem. Por que você não apresenta o Soulfly como uma banda?

Infelizmente, com as duas mudanças de membros, o Soulfly virou uma banda mais voltada ao Max. Estou até acostumado com a idéia. Não tem muito a ver enganar as pessoas e falar que é uma banda como era o Sepultura. Não é a mesma coisa – não crescemos juntos e não temos dez anos de carreira juntos. É um lance até normal. O Soulfly é realmente a banda do Max e não podemos fazer nada sobre o assunto. Mas o importante é o que está acontecendo conosco. O grupo está indo muito bem, e a turnê está ótima. Independentemente do foco, estamos levando a banda para a frente numa boa.

Você não precisa estar perdidamente apaixonado para andar nas nuvens.

KILDARE
É duro andar sem ele.

DAFT PUNK

A queda do império humano

Escondida em capacetes de robô, a dupla francesa habita um universo onde disco music, rock, funk e tecno – tudo dos anos 80 – servem de base para diversões eletrônicas que fogem do ritmo automático das máquinas

Por Camilo Rocha

Um dos maiores eventos do calendário eletrônico mundial é a Winter Music Conference, em Miami. Todos os anos, por alguns dias, promoters, DJs, artistas, donos de clubes, representantes de gravadoras e toda sorte de agregados desce à capital cubana dos Estados Unidos para fechar negócios, ouvir e promover música nova, vender seus peixes e enfiar o pé na jaca em sucessivas noites de gandaia. Se uma música "acontece" na conferência de Miami, é aposta ganha que ela será um hit mundial alguns meses depois.

É claro que o Daft Punk não podia deixar de estar lá. Seu disco *Discovery* não é apenas um dos eventos de 2001 na eletrônica, como também um dos lançamentos fundamentais da música como um todo. A revista inglesa *Q*, referência do rock "sério", decretou que *Discovery* é o melhor disco do ano. Para se ter uma idéia da moral da dupla francesa, a mídia britânica deu mais destaque a esse álbum do que ao último do Radiohead, o incensado *Kid A*.

O motivo de todo esse carnaval de mídia é que, no começo de 1998, o Daft Punk despejou uma bomba devastadora em cima de um planeta distraído. Era seu primeiro álbum, *Homework*, uma coleção de batidas e samples inovadores que redesenhou o mapa da eletrônica. O som era pop, mas experimental, reposicionando referências como house clássico, disco e funk para formar um quadro do futuro. Do nada, dois desconhecidos DJs/produtores de Paris (e não de Londres, Berlim ou Chicago) viraram moeda forte do universo dos beats, colocados no mesmo patamar que Chemical Brothers, Prodigy e Underworld.

Então, nada mais natural que, três anos depois, no momento do decisivo segundo trabalho, todo mundo parasse o que estava fazendo para escutar o que o Daft Punk estava aprontando. A responsabilidade era, portanto, enorme. "Não nos sentimos pressionados na hora de fazer esse segundo disco, a cobrança da mídia não nos influencia. A única pressão que existiu veio de nós mesmos. Quando fizemos o primeiro disco, ninguém nos conhecia e o álbum foi um sucesso", conta Guy-Manuel de Homem-Christo, a metade do Daft Punk (a outra é Thomas Bangalter), falando de Miami por telefone. "Logo, a melhor maneira de fazer o segundo foi criá-lo do mesmo jeito que o primeiro. Isto é, fazer o que estávamos a fim sem prestar atenção ao que vem de fora ou ao que outras pessoas esperam", segue ele

Thomas Bangalter e Guy Manuel (não necessariamente nessa ordem): para quê mostrar a cara?

Foto: Divulgação

Adoração por ícones futuristas não impede que o duo visite décadas passadas

Em *Discovery*, Guy-Manuel e Thomas Bangalter mostram aquela rara (mas necessária) habilidade no pop de torcer o óbvio até que ele beire o esquisito

SUSTO INICIAL

O aperitivo para *Discovery* veio lá pelo fim do ano passado, com o single "One More Time". Para muitos (como eu), foi um choque: era eletro-disco-pop, com os vocais do cantor de house cult Romanthony eletronicamente anasalados, mas bem mais para pop do que qualquer outra coisa. Foi um hit mundial e um sucesso gigante nas rádios de Sao Paulo, entre outros lugares. O choque foi porque, sem duvida, era a coisa mais acessível que o Daft Punk já havia parido.

Discovery não é todo assim, radiofônico. Ele é cheio de momentos pop, com certeza, e é, no geral, bem mais "fácil" do que *Homework*. Mas o Daft Punk é dono daquela habilidade rara (mas necessária) na música pop de torcer o óbvio até que ele beire o esquisito. São detalhes, como uma distorção, um efeito ou um som inesperado, mas que fazem uma diferença gigantesca no resultado. Isso vale também para a imagem da dupla, que praticamente nunca mostra seu rosto. Afinal, não é muito mais interessante mandar fazer dois capacetes de robôs com visores que exibem mensagens para usar nas fotos promocionais do que tentar as velhas poses de sempre?

Voltando para a música, um bom exemplo dessa abordagem é o novo single, "Aerodynamic", onde a base funkeada de repente dá lugar a um bombástico solo de guitarra, daqueles que não se ouvia desde que David Lee Roth gritava à frente do Van Halen. E de onde surgiu essa ideia tresloucada? "A idéia do solo de guitarra veio naturalmente. Você começa uma música e vai tentando várias coisas para ver o que se encaixa melhor", responde Guy-Manuel. "Achamos que ia ser bem engraçado colocar esse tipo de solo de guitarra, que não se ouve mais por aí. Era, ao mesmo tempo, engraçado e a coisa que mais se encaixava nessa faixa. Gostamos de experimentar com muitos sons diferentes.

SÓ TEM SINGLE

Há rumores, não confirmados por Guy-Manuel, de que a Virgin quer lançar todas as faixas do disco como singles. De fato, todas têm algum tipo de apelo popular, às vezes mais para pista, às vezes mais para rádio – até mesmo a maluca "Short Circuit", cujos timbres lembram funks eletrônicos dos anos 80, no estilo de Zapp e Cameo.

Uma boa parte das canções do álbum remete à pulsante disco music eletrônica de artistas como Lipps Inc., Giorgio Moroder, Donna Summer, Gino Soccio, Voyage e Sylvester. É coisa que vem de berço, já que o pai de Thomas Bangalter era um virtuoso compositor de sucessos da disco, dos quais o mais conhecido foi "D I S C.O.", com o projeto Ottowan. Na verdade, a tendência mais disco-pop de *Discovery* já havia sido prenunciada por um projeto paralelo de Bangalter – o Stardust –, que, no fim de 1998, estourou em todo o planeta com o groove pegajoso de "Music Sounds Better With You".

Guy-Manuel garante que as inspirações por trás do álbum vão bem mais longe. "Não houve um tipo específico de música porque temos a cabeça aberta para o som. Então, *Discovery* tem influência de classico, funk, techno, disco e rock. São basicamente coisas que ouvíamos quando éramos crianças ou adolescentes, nos anos 80. A idéia é trazer esse tipo de mentalidade, de ouvir de tudo, para nossa música hoje. Mas nada foi planejado, fomos fazendo o som e essas coisas iam aparecendo. Aí, era tipo 'Nossa, isso lembra tal coisa que a gente ouvia quando era moleque'."

SENHA PARA O CLUBE

O disco, que segundo Guy-Manuel levou dois anos e meio para ficar pronto, foi feito da mesma forma que todos os bons álbum (aliás, igual a todos, não importa se bons ou ruins) de música eletrônica: em um apertado estudio caseiro. "O album foi feito no mesmo lugar que o primeiro: um quarto pequeno com basicamente o mesmo equipamento, várias guitarras, teclados e sintetizadores clássicos dos anos 70", explica.

O que adianta um outro lado. "Como o custo para gravar é baixissimo, podemos gastar muito mais dinheiro na parte visual, nos videos, nos nossos capacetes de robôs, no nosso site, e na idéia do Daft Club. Se a gente fosse fazer o disco em um estúdio grande, ia custar uma fortuna por dia para gravar."

O Daft Club é uma ideia genial. Cada comprador de *Discovery* recebe com o disco um cartao individual com uma senha, o Daft Club Card. Com a senha, a pessoa pode entrar numa parte exclusiva do site oficial www.daftclub.com e ouvir ou baixar faixas exclusivas do Daft Punk. "É por isso que, este ano, não vamos quase tocar como DJs nem excursionar. Vamos nos dedicar a fazer musicas novas direto. A idéia é ter uma faixa nova no site por semana." Você leu direito, sim, uma faixa nova por semana! Pois é, podem acusar o Daft Punk de tudo, menos de vagabundos.

Podendo ser encontrado só em seu site, o Daft Punk vai se tornar um grupo totalmente virtual, pelo menos ao longo de 2001. Foi uma maneira encontrada pela banda de passar a perna nos programas que permitem baixar musicas da rede sem qualquer custo. De acordo com Guy-Manuel, a dupla não tem nada contra o Napster. "Quem quiser pode pegar as canções da internet em vez de comprar o disco. Mas as pessoas que fizerem isso não terão o cartão do Daft Club nem poderão acessar os novos sons em nossa home page", justifica.

Em outras palavras,o Punk viverá para sempre

LE GROOVE C'EST CHIC

A música eletrônica salvou a França. Esse fato é tão oficial que até as autoridades do país assinam embaixo. Uns dois anos atrás, logo depois que a primeira Techno Parade de Paris havia conseguido botar 300 mil foliões dançando pelas ruas da cidade em volta de trios elétrônicos coloridos, políticos e governantes vieram a público expressar seu apoio à cultura dos clubes e raves. Chegaram até a pedir que as rádios locais abrissem mais espaço para a música eletrônica.

Cabeça aberta, não? Bem, alguns acham que a coisa não é assim tão idealista. O DJ e produtor **Laurent Garnier**, veterano número 1 da cena francesa, pegou no nervo da coisa: "É tudo questão de negócios". Você começa a entender o argumento dele quando percebe que Daft Punk, Cassius, Air, Bob Sinclar, Dimitri From Paris e alguns outros nomes eletrônicos estourados mundialmente foram responsáveis por uma injeção de ânimo e dinheiro na indústria musical francesa que não se via desde "Je T'Aime Moi Non Plus" (do bardo famoso Serge Gainsbourg) e Charles Aznavour. O Daft Punk vendeu 2,5 milhões de cópias de seu álbum *Homework*, o disco que abriu as comportas para a invasão francesa. Os champanhes não pararam de estourar no último Midem, a megaconvenção da indústria musical mundial sediada em Cannes.

Passou batido no seu pedaço essa história? Não, você é que não estava bem informado. Aliás, poucos sabem que, por exemplo, o hit "Lady", que apareceu até em coletânea da Som Livre, é de autoria do **Modjo**, uma dupla que é tão francesa quanto baguete e o Arco do Triunfo. E são chegados do Daft Punk também.

A grande diferença entre os sucessos de agora e aqueles dos tempos de outrora é que, enquanto os últimos eram o máximo da breguice, a música francesa de hoje tem credibilidade, não é preciso se envergonhar de falar que gosta. É o caso do ultra-cool **Air**, que no ano passado fez a trilha sonora para o filme *As Virgens Suicidas*, de Sophia Coppola. É o caso também do próprio Daft Punk, Garnier e **Cassius**, além de muitas coisas que ficaram no underground, como **Scan X**, **Etienne de Crecy**, **Bertrand Burgalat** e **Ludovic Navarre**.

Até os hits mais pop, mais escancaradamente acessíveis, como a própria "Lady" e "Music Sounds Better With You", do **Stardust** (de Thomas Bangalter, do Daft Punk), projetam uma aura de *finesse* que só tem quem aprendeu desde criança a escolher um bom vinho e a degustar um queijo de sobremesa.

Mais engraçado é ver as voltas que a história dá: quem diria que um dia veríamos discos ingleses tentando imitar o som francês? **CR**

O cara

Ele foi considerado deus na Londres da década de 60, mas, nos últimos anos, qualidades nada divinas cercaram seus trabalhos. *Reptile*, o mais recente álbum de **Eric Clapton**, acaba com a heresia

Por Carlos Eduardo Oliveira

Cantor e guitarrista buscou referências pessoais para fazer seu melhor disco em muitos anos

A história é velha: em Londres, em meados da década de 60, recorrentes pichações decoravam os muros afirmando "Clapton is God" ("Clapton é Deus"). O rock'n'roll e o rhythm'n'blues pulsavam forte na swinging London de então, tão forte que um guitarrista praticamente em início de carreira já era louvado por seguidores como o messias de seu instrumento, iniciando uma linhagem de superastros da guitarra. Corte para Los Angeles, fim do ano 2000. No estúdio, Eric Clapton finaliza "Superman Inside", não por acaso o primeiro single de *Reptile*, seu novo trabalho. Dos anos 60 para cá, o universo dos guitar heroes mudou muito – vai longe o tempo em que o cara das seis cordas personificava o supra-sumo da atitude roqueira. Assim, só mesmo encarnando o Homem de Aço para, 35 anos depois, continuar uma jornada de entrega à guitarra, ao blues e ao rock como Clapton faz.

Reptile é a retomada de uma longa, gloriosa – e por vezes sofrida – carreira de 21 álbuns, não contabilizando aqui registros com megabandas de outrora como Cream, Yardbirds, Blind Faith, Bluesbreakers e Derek & The Dominoes. O Slowhand ("Mão Lenta", referência à sua classuda pegada blues) está de volta. E ainda em boa forma.

"No pain, no gain", diz a máxima blueseira – não há blues de qualidade sem que um pedacinho da alma fique pelo caminho. Clapton que o diga. Nesse sentido, *Reptile* ("um dos nossos", em gíria rural britânica usada no sentido afetuoso) extrai doloridos eflúvios da morte do tio Adrian – ídolo de infância e da adolescência do roqueiro – durante as gravações, no ano passado. O disco é uma intimista pintura retrô, um testemunho bluesy do reencontro do guitarrista com memórias de infância de sua Ripley (interior da Inglaterra) natal. Não por coincidência, ele aparece na capa clicado na cidade aos 7 anos.

"Há algum tempo iniciei, em vários aspectos, uma jornada à minha infância, à minha cidade, e a todas as memórias que isso me trouxesse. Quando tio Adrian faleceu, descobri que ele teve muito mais influência em minha vida e em minha música do que eu percebia", declara Clapton, em entrevista cedida a BIZZ pela gravadora Warner. Jazz, predominantemente jazz "branco" (Tommy Dorsey, Glenn Muller, etc.) em doses maciças foi a herança deixada pelo tio, na prática seu verdadeiro tutor: criado pelos avós maternos, Clapton pouco conviveu com os pais. "Ele era louco por isso. As primeiras coisas que ouvi na vida foram com ele, e me marcaram muito. Quando descobri o blues negro e consegui balancear a química exata entre as duas partes, encontrei meu caminho"

Reptile rende homenagens a universos musicais distintos. Muitos dos heróis do guitarrista estão presentes em releituras ou interpretações que levam sua personalíssima grafia. Sobra até para o Brasil. "A faixa-título é um instrumental baseado no samba. Sou fã desse tipo de música, adoro bossa nova", explica. De fato, não é preciso ser expert para reconhecer a batida com sungue bem tropical (mérito do percussionista conterrâneo Paulinho da Costa, integrante fixo da atual banda) alinhavada por um dedilhado semi-acústico de muito feeling que remete aos bons tempos de João Gilberto ou Edu Lobo.

ELOGIO AOS NEGÕES

Mas o ecletismo do trabalho também resgata ícones de ébano como Stevie Wonder ("I Ain't Gonna Stand For It", hit nos anos 80), Ray Charles ("Come Back Baby") e Isley Brothers ("Don't Let Me Lonely Tonight"), além do onipresente guitarrista J.J. Cale ("Travellin' Light"), autor de um dos maiores sucessos de Clapton, o auto-retrato (na época) "Cocaine" até hoje exigido nos shows. O artista faz questão de elogiar também a participação do grupo The Impressions nos vocais de apoio em praticamente todas as faixas. "Nos conhecemos no ano passado em Los Angeles, durante o funeral do Curtis Mayfield, outro de meus ídolos. Para mim foi demais, um dos primeiros álbuns que comprei foi *Keep On Pushing*, com esses três caras em belos ternos na capa. Até hoje é um dos meus favoritos. Aí eles vêm e brilhantemente ajudam a fazer meu disco. Deu tão certo que o grupo vai estar também na turnê."

O presente ("Superman Inside" e "Second Nature" são bons exemplos de autoria recente) e o passado, o preto e o branco, o musical e o passional. Na prática, a mistureba funciona, varrendo a impressão de funcionalismo público que acompanha todos os Grammys levantados pelo cantor ao longo dos anos 90. E, verdade seja dita, estabelecer referências tão profundamente pessoais ao processo criativo de um disco não é para qualquer um. "Sinto-me abençoado por conseguir realizar essa conexão entre vida pessoal e música, isso dá energia e sinceridade às minhas criações", conta ele. E qualidade, claro. *Reptile* espraia-se num terreno musical infértil, onde atualmente imperam aridez e pasmaceira. Bem-vindo novamente, Mr. Clapton.

TASHI DELEG*

Conheça Os The Darma Lóvers, uma dupla que adota a música pop como veículo para propagar as idéias budistas aprendidas no mosteiro na cidade gaúcha de Três Coroas, onde Tara é a principal entidade do templo, lama é o mestre espiritual e *mala* é o nome do rosário usado para contar os mantras

Por Emerson Gasperin fotos: Ado Henrichs

Tanto chão para andar, o céu, a terra e as pessoas. Você pode até estranhar, mas eles preferem ir para Três Coroas. É no Chagdud Gonpa Khadro Ling, no topo de um dos morros que cercam a cidade gaúcha, a 90 quilômetros da capital Porto Alegre, que Nenung e Yang Zan passam seus dias devotados ao budismo. No templo, o primeiro no Brasil a ser construído nos moldes tradicionais tibetanos, o casal entrega-se a meditações, cultos e afazeres cotidianos. Seriam mais duas figuras que vivem no interior do interior em busca de iluminação, não fossem também habitantes do universo pop. O par compõe Os The Darma Lóvers, que lançou seu auto-intitulado disco no fim do ano passado. As letras, claro, falam da alegria de descobrir Buda. "Não procuramos converter ninguém, apenas queremos mostrar que existe outro caminho", ressalta ela.

Ainda bem. Roqueiros não costumam ser muito piedosos com gente que fica por aí pregando. Mas aqui, *mala* é só o nome do rosário usado para contar os mantras entoados. Nenung e Yang Zan em nenhuma ocasião tentam convencer o interlocutor a adotar sua filosofia. Antes de conhecerem os preceitos da religião em uma palestra, em 1996, viviam como seres urbanos, ruivos tristes calados, um tipo bem estranho de bicho. Ele na banda A Barata Oriental, ela em uma agência de publicidade. "Eu fazia tai chi, já gostava dessas coisas", conta Nenung, como se a alcunha de seu grupo já não denotasse certa inclinação para o Leste.

O templo, então, nem chegava perto dos hoje imponentes três andares. "Tinha só aquilo ali, onde é a cozinha", aponta ele para uma pequena construção à esquerda do prédio principal. Agora, o vasto terreno que pertence a Fundação Chadgug Gonpa, mantenedora do mosteiro, abriga também algumas casas dos residentes (são cerca de 40) e está em constante ampliação. Caminhões com material não param de subir a estrada de terra que leva ao lugar. No momento, oito blocos de concreto ocupam os pedreiros na área. São as *stupas*, representações das qualidades da mente dominada e dos feitos extraordinários que acompanham a existência do Buda – "não o único, mas o histórico, o Siddarta Gautama, que originou nosso método", completa.

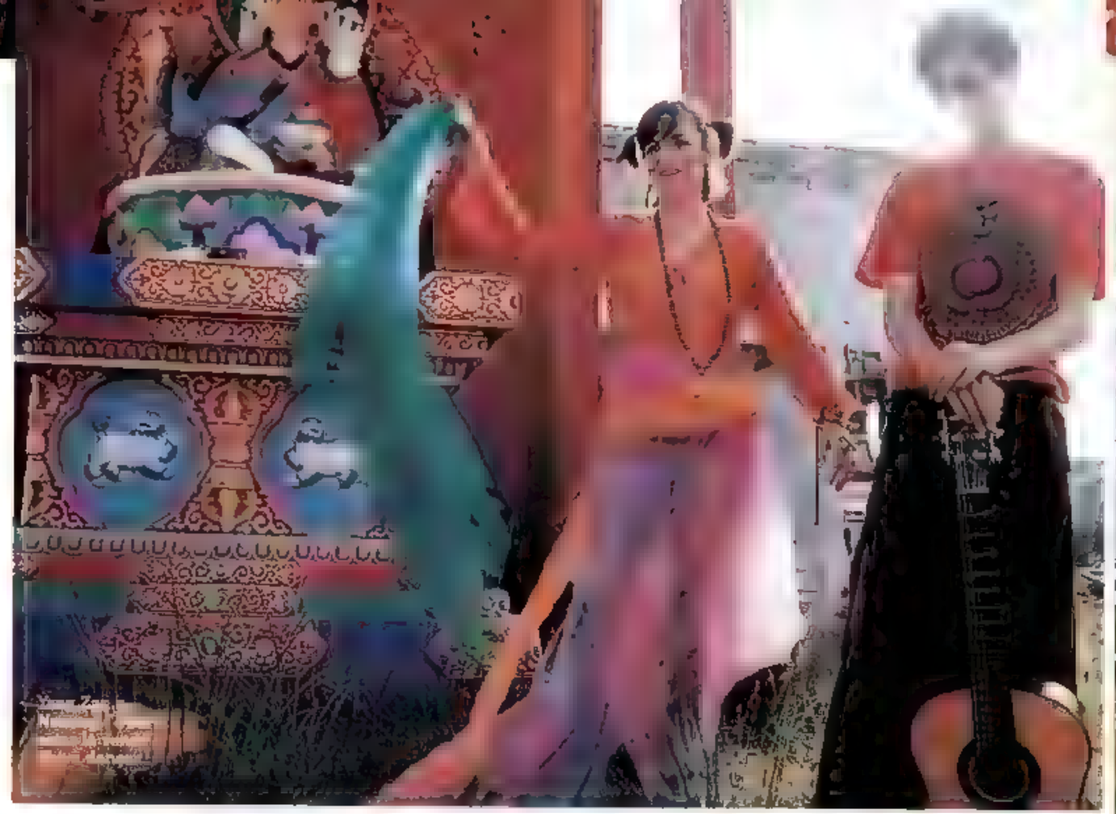
ABERTURA PARA PUNKS

Nenung ensina que elas são forradas de cobre e bronze e encerram relíquias e textos sacros. As obras incluem também rodas de oração, cilindros de ferro enormes com milhares de mantras (combinações de sons que simbolizam e comunicam a natureza de uma deidade e que conduzem à purificação e à realização) escritos e abençoados. "Quando giradas em sentido horário, correspondem à recitação de todas as preces ali contidas", esclarece o misto de músico e cicerone. Três delas, menores, são encontradas em cada lado da entrada do templo.

Lá dentro, pinturas de padrão tibetano decoram todas as paredes e o teto. No fundo, estantes com os livros sagrados e centenas de taças com água em uma espécie de altar que toma toda a largura do recinto. Bancadas na altura do joelho esperam pelos fiéis, que sentam em posição de lótus em uns colchonetes espalhados pelo chão. Atrás delas, cada um guarda seus apetrechos (sinos, malas, oferendas) e suas *sadhanas*, o guia de meditação. A deidade principal é Tara, a *bodhisattva* (alguém que desenvolveu *bodhicitta*, a aspiração de alcançar a iluminação em benefício de todos os seres) feminina da compaixão, muito venerada no budismo tibetano. Seu mantra é "Om Tare Tam Soha". "Significa um pedido de bênção de energia de Tara sobre todas as formas de vida", socorre Nenung.

O casal mora em um conjunto anexo ao mosteiro e não se importa com a rotina espartana do local: prática conjunta de meditação (a *puja*) às 6, café da manhã às 7h30, trabalho até as 19 horas (com intervalo para o almoço ao meio-dia), mais *puja* para fechar a jornada. Ele, como se pode notar, recepciona e explica noções de budismo aos visitantes. Yang Zan ajuda na administração e organiza eventos, além de cozinhar para o Rinpoche. Nascido no Tibete em 1930, o mestre foi reconhecido ainda criança como a reencarnação do abade do monastério de Chagdug Gonpa. Com a ocupação chinesa, deixou seu país em 1959. Em 1979, transferiu-se para os Estados Unidos.

Desde 1995, Chagdug Tulku Rinpoche está em Três Coroas. É a autoridade máxima do mosteiro. "O que mais surpreende o povo é ver aquele velhinho de 70 anos entrar em uma churrascaria todo paramentado e pedir carne", diverte-se a metade feminina da dupla. Foi ele quem deu novos nomes aos darma lovers. A mulher, de 38 anos, que não gosta que revelem como se chama de verdade, foi batizada como Yang Zan, "melodiosa" em tibetano. Três anos depois, sem nenhuma formação



Interior do Chagdog Gompa *(acima)*; a dupla pronta para mais uma sessão de puja

Quando gravaram o disco, pediram ao produtor "uma coisa que a pessoa sinta vontade de escutar todos os dias". A instrução foi atendida: o álbum deixa o ouvinte viciado

musical, ela estaria em uma banda. Tudo é transcendental.

Ou melhor, quase tudo. A origem da graça do parceiro, de 34 anos, está associada aos mais prosaicos prazeres terrenos. "Lembra do Pedro Verdum?", pergunta. Antes que o repórter pense em algum lama obscuro dos pampas, ele esclarece que se trata de um ponta-direita que jogou no time do Internacional nos anos 80. "Todo mundo achava que ele ia arrebentar (o atleta vinha se destacando nas seleções de base e chegou à equipe principal cercado de expectativa), mas foi uma decepção. Então, minha turma começou a tirar sarro um do outro. Marcelo virou Marcelum; Marco, Marcum. Como sou Luís Fernando, apelidado de Neno, virei Nenum." Aí, bastou colocar um "ng" no final e pronto, ganhou uma sonoridade oriental à prova de suspeitas. Em tempo: no mosteiro, Nenung atende por Pema Gyalpo, "rei do lótus".

Em 1998 o casal decidiu formar Os The Darma Lóvers. Assim mesmo, com a grafia esquisitona, na qual só "darma" carece de explicação – são os ensinamentos de Buda –, o resto é chinfra mesmo. "Gravamos uma demo só com voz e violão, e 'Seres Extranhos' começou a tocar em algumas rádios", conta Nenung. No fim daquele ano estrearam no palco, por meio do ex-replicante e atual punk-brega Wander Wildner. "Ele impôs que fizéssemos a abertura." Dali em diante, apresentaram-se em vários shows punks, como se a placidez de sua música fosse o tranqüilizante ideal para a turba enfurecida por três acordes.

MENSAGENS SIMPLES

"Sentimos que as pessoas estavam atrás de simplicidade", afirma Yang Zan. O disco, lançado pelo selo Barulhinho (tel.: 51 286-3475, e-mail: branco@portoweb.com.br), reflete essa paz de espírito. Se a idéia era viciar o freguês – "falamos ao *(produtor)* Frank Jorge que queríamos algo para ser escutado todos os dias" –, a meta foi plenamente alcançada. O básico inicial recebeu o acréscimo de um sinunho aqui, um pianinho ali, harmônica e cordas acolá, preservando a mansidão do som dos lóvers, na qual a bateria quase sempre está ausente. Nenung e Yang Zan cantam juntos todas as músicas, mas parece um vocal só, tal a perfeição com que suas vozes se encaixam.

As letras percorrem a filosofia budista de um jeito que qualquer um entende. Falam que "tudo é miragem e este é um rito de sonho e de passagem", que "o tempo é um professor sem pressa, mas é exigente". O grande trunfo do álbum, no entanto (e talvez aí esteja a razão para se desejar ouvi-lo com a freqüência almejada por Yang Zan), está na sonoridade. Como Tim Maia, que encheu os dois volumes de *Racional* com odes à seita Universo Em Desencanto revestidas de funk e soul, o grupo oferece versos que exaltam Buda embalados por pop e rock.

"Peixes", "Sweet Lama", "Três Coroas", "Diamante"; todas as canções têm um quê de folk, Beatles ou Mutantes, influências que descem redondo nas cabeças habituadas aos cânones ocidentais. Maior prova disso é a versão de "Fly Away", do nada místico Lenny Kravitz, que nas mãos da dupla transformou-se na calma "Ir Além". A presença da religião está no conteúdo, não na forma. "É tão bom sentir isso que a gente sente...", regozija-se Yang Zan. "Nossa fé vai continuar, mesmo que Os The Darma Lóvers acabem", completa, tendo o silêncio da serra gaúcha como cenário. São quase 7 da noite, e eles precisam se retirar para mais uma *puja*.

* **Saudação budista, traduzida livremente para "que o melhor venha até você".**

ORIENTE-SE Uma geral nos flertes do pop com Tibete, Índia e Nepal

1998 Com o disco *OK*, **Talvin Singh** arma uma fusão de bhangra com drum'n'bass e vence o respeitado Mercury Prize, na Inglaterra.

1997 O grupo **Cornershop**, liderado pelo descendente de indianos Tjinder Singh, faz sucesso com a música "Brimful Of Asha" (um tributo ao cantor Asha Bhosle), do disco *When I Was Born For The 7th Time*.

1996 O extinto quarteto inglês **Kula Shaker** surge com o disco *K*, repleto de referências psicodélicas orientais. Alguns nomes de músicas: "Govinda", "Tattva", "Sleeping Jiva". Do outro lado do Atlântico, em São Francisco, rola a primeira edição do **Tibetan Freedom Concert**, o maior evento pop beneficente desde o Live Aid, em 1985. Organizados pelo beastie boy Adam Yauch em prol da libertação do Tibete da dominação chinesa, os shows contaram com A Tribe Called Quest, De La Soul, John Lee Hookers, Smashing Pumpkins e Sonic Youth, entre outros.

1995 Sai o primeiro disco do **Asian Dub Foundation**, *Facts And Fictions*, um coquetel sônico à base de ragga, dub e eletrônica.

1993 **Apache Indian** combina rap com dancehall e música tradicional indiana, criando o bhangramuffin e ampliacando o hit "Boom Shack A-Lak".

1990 Forma-se a banda americana **Shelter**, que dissemina os ideais hare krishna por meio do hardcore. Cria-se o rótulo krishna-core.

1989 Estréia o desenho dos Simpsons. Entre os coadjuvantes, **Apu**, um indiano que é dono de um mercadinho de Springfield, o Kwik-E-Mart.

1971 O ex-beatle **George Harrison** promove o Concerto para Bangladesh, duas noites no Madison Square Garden, em Nova York, em benefício do povo daquele país. As apresentações, que incluíram Ringo Starr, Eric Clapton e Bob Dylan, entre outros, renderam um álbum triplo.

1967 Os Beatles vão em uma conferência da Liga da Regeneração Espiritual, no País de Gales, para estudar meditação transcendental com o guru indiano **Maharishi Mahesh Yogi**. No ano seguinte, viajam à Índia para um retiro espiritual.

1966 Os **Byrds** gravam "Eight Miles High", psicodelismo com influências indianas, no álbum *Fifth Dimension*. No mesmo ano, os **Rolling Stones** avançam na cítara, com Brian Jones tocando o instrumento em "Paint It Black", de *Aftermath*.

1965 No filme *Help!*, os **Beatles** são perseguidos por uma seita hindu. No mesmo ano, o grupo lança *Rubber Soul*, com "Norwegian Wood" infestada pela cítara de George Harrison.

1964 Primeiro episódio do desenho animado *Jonny Quest*. O melhor amigo do protagonista é um garoto que foi adotado pelo doutor Benton Quest durante uma de suas expedições à Índia, **Hadji Singh**, especializado em tecnologia e detentor de poderes psíquicos.

1956 O músico indiano **Ravi Shankar** estréia nos Estados Unidos e Europa. Mais tarde, ele irá influenciar os Beatles (sobretudo George Harrison) e tocar no famoso Monterey Pop Festival.

Fletcher, Gahan e Gore: cada um teve de se libertar de demônios particulares para poder sobreviver

Fotos: Divulgação

De cara limpa é melhor

Depois de quatros anos envolvidos com drogas e internações em clínicas de reabilitação, o trio retorna com *Exciter*, um trabalho que guarda vários capítulos de uma história que começou em 1981

Por Sônia Maia, de Londres, Inglaterra

Depois de quatro anos sem lançar nenhum álbum ou single e praticamente sumir do cenário, o Depeche Mode retorna ancorado numa turnê mundial por 66 cidades e no disco *Exciter*, que reinventa e personaliza ainda mais o estilo dark bem ao gosto anos 80 do grupo. Apesar de soturno e sempre mais com o pé no underground do que no pop rasteiro, o trio já vendeu 50 milhões de álbuns desde 1981. Mas, ao contrário do que possa sugerir, a volta da banda não é um simples retorno de quem ficou apenas descansando sobre os louros do sucesso.

Esses quatro anos de afastamento ajudaram o Depeche Mode a se recuperar da turbulência vivida durante toda a década de 90. Turbulência que se traduz por heroína demais, festas intermináveis ao longo de turnês que chegavam a durar um ano e meio (sem pausa), culminando com a tentativa de suicídio do vocalista e com o compositor em convulsões por excesso de álcool. De uma forma ou de outra e até inevitavelmente, *Exciter* serve como catarse para esse período. Visto por esse prisma, o novo CD parece uma caixa que guarda não um, mas vários capítulos da história do grupo. "É quase uma coletânea de grandes hits nunca lançados", diz o vocalista Dave Gahan.

Como muitos grupos da Grã-Bretanha da época, a banda surgiu da oportunidade aberta pelo movimento punk dos anos 80. Vince Clarke, Andy Fletcher, Martin Gore e Dave resolveram formar o Composition Of Sound – que logo mudaria para Depeche Mode – ainda em Basildon, uma cidade não muito distante de Londres. Desde os primeiros tempos, o grupo aliou-se à turma dos eletrônicos. Foi essa opção que, mais tarde, levou nomes como Smashing Pumpkins, Placebo e Primal Scream a citar o Depeche Mode entre suas mais importantes influências.

Em 1981, gravaram sua primeira mú-

O longo afastamento serviu para que o grupo se recuperasse da turbulência vivida durante a década de 90: David Gahan viciado em heroína e Martin Gore tendo convulsões por excesso de álcool

sica, "Photographic", presente na coletânea *Some Bizzare*. Já famosa no circuito dos clubes ingleses, a banda chamou a atenção de Daniel Miller, da gravadora que detém seu passe até hoje, a Mute. Após três meses e dois singles de modesto desempenho comercial, Vince Clarke apareceu com "Just Can't Get Enough", levando o Depeche Mode ao oitavo lugar nas paradas. Compositor oficial, ele deixou o grupo no auge do primeiro album, *Speak And Spell*, preferindo integrar o Yazoo e, depois, o Erasure. Martin Gore assumiu a função de Clarke e passou a produzir canções que viriam a manter a banda em evidência por pelo menos mais duas décadas.

Em abril de 1982, o grupo embarcou em sua primeira turnê de sucesso pelos Estados Unidos. O álbum *Construction Time Again*, de 1983, marcou a troca de instrumentos convencionais por samplers e pelo universo dos computadores. Com a chegada dos anos 90, o Depeche Mode adotou o rock cru, influenciado pelo grunge. *Violator*, de 1991, e *Songs Of Faith And Devotion*, de 1993, chegaram repletos de sons que remetiam ao estilo.

NO FUNDO DO POÇO

Os problemas começaram a partir desses dois discos. Alan Wilder, que substituiu Vince Clarke, também largou a banda. A heroína começou a tomar totalmente a vida de David Gahan. Martin Gore, por sua vez, não passava uma noite sem completar a cota de 15 *pints* (o equivalente a sete cervejas). As mais difíceis passagens dessa química sinistra estão registradas em detalhes na edição da revista *Q* de março de 1997 – época do lançamento de *Ultra*, último trabalho antes da parada de quase quatro anos (fazia apenas cinco meses que Gahan havia saído da clínica de desintoxicação).

Lá estão descritas passagens que o Depeche Mode, agora limpo, quer manter a distância: Gore sofrendo convulsões no meio de uma reunião de negócios no hotel Sunset Marquis, em Los Angeles; Fletcher sendo internado durante quatro semanas num hospital por estresse, que resultou numa desordem obsessiva-compulsiva; e uma geral no estilo de vida para lá de hardcore de David Gahan.

Do visual de cabelos harmoniosamente curtos e espetados no início de carreira, boca com batom e sobrancelhas tiradas, o vocalista encheu-se de tatuagens e correntes e substituiu o viço da juventude pela palidez mórbida do vício. Na entrevista que concedeu a *Q*, são relatados episódios desconexos, como na ocasião em que o vocalista trouxe para dentro de casa cinco sacos de lixo da vizinhança depois que a mãe disse ter jogado fora sua seringa e heroína. Era um dos fins de semana de Gahan com o filho Jack, de 9 anos. Ao assistir ao desespero do pai, o menino disse a Gahan. "Não quero mais te ver doente. Você precisa de um médico".

Não foi daquela vez que o vocalista entrou para valer em um programa de desintoxicação. Mas as palavras e a existência de Jack com certeza deram o impulso fundamental para que ele chegasse ao lugar onde está hoje: cinco anos sem colocar nem sequer um simples drinque na boca. "Estou tentando me manter forte e positivo e tudo o que isso envolve. Estou mais feliz, me sinto bem com a minha vida e quero realmente poder dar algo para as pessoas", enfatiza o vocalista. "Hoje consigo sentir minha voz. Antes, eu ouvia o que pensava ser eu. Mas, na verdade, era mais a meu respeito do que propriamente eu mesmo", comenta, sobre seus vocais em *Exciter*.

DE BEM COM A VIDA

Durante a coletiva para a imprensa sul-americana, Martin Gore e David Gahan pareciam mesmo de bem com a vida, principalmente mais maduros. Perguntado sobre o que *Exciter* traz de novo, Gore aponta para a escolha do produtor Mark Bell – o mesmo de vários albuns de Björk e das trilhas dos filmes *Quero Ser John Malkovich* e *Arquivo X*. "Ele trouxe as músicas do estágio da demo. Mark é um mago da eletrônica e foi parte integrante desse disco."

Fletcher, Gore e Gahan trocaram a chuvosa Londres por Los Angeles – "por causa do clima, lá tem mais sol", justificam. A turnê do novo álbum começa pelos Estados Unidos, percorre a Europa – incluindo o ex comunista Leste Europeu – e aporta em Londres no dia 17 de outubro no estádio de Wembley. O Brasil, para variar, está fora do roteiro. Na verdade, o grupo recorda-se muito pouco da única vez em que se apresentou no país, em 1994. "Foi uma turnê muito longa e, quando é assim, fica difícil lembrar de uma noite em particular", desculpa-se Gore. Não satisfeito com a, digamos, lacuna na memória dos artistas, um dos jornalistas insistiu: "Mas vocês não se lembram nem de uma festa, mulheres, assim, nada?". A que Gore prontamente respondeu: "Ah, com certeza tomamos um drinque, não tenha dúvida disso". 🥂

A nova fase da banda refletiu-se no bom astral exibido durante a entrevista

★★★★☆

Exciter
Mute/Sum

Os Estados Unidos e seu blues – tanto o cru do Delta do Mississipi ou o "urbano" da Nova York de Lou Reed – são as grandes surpresas de *Exciter*. Novidade: sim, porque o Depeche Mode nunca foi uma guitar band, então o estilo nunca passou nem de respeito pelos outros discos de sua carreira. Fora isso, a combinação blues-dark-eletrônico já é incomum por si só. O resultado, embora híbrido, não soa alienígena. É, ainda, um disco corajoso. Não tem um hit detectável; assim, logo de cara. Só lá pela nona faixa, com "I Feel Loved", eles concedem uma canção bem ao gosto do bate-estaca das pistas. É, por fim, um trabalho que soa pessoal, muito pessoal; parece mesmo composto em um canto do mundo, solitário e intenso. O CD abre com o primeiro single, "Dream On", uma combinação Brian Eno-Velvet Underground que já dá um parâmetro das outras faixas. "Sweetest Condition" e "When The Body Speaks" poderiam servir de trilha sonora do *Paris, Texas*, ou outros filmes de Wim Wenders ou mesmo de David Lynch. "Free Love" quase se rende ao popular, mas os elementos eletrônicos acabam por destruir a harmonia pop. "Breathe Love" lembra um new age às avessas, música de fundo para a letra discursiva. O álbum encerra com "I Am You", uma balada soturna, e "Good Night Lovers", a única canção propriamente dita do disco. Para manter o hábito, o Depeche Mode incluiu, ainda, duas instrumentais, "Easy Tiger" e "The Love Theme". **SM**

Ph.D. em forró

Por favor, não vá pensar que o Mestre Ambrósio surgiu com os universitários sanfoneiros. O grupo, que está lançando seu terceiro disco, tem muita coisa para ensinar a essa turma

Por Spensy Pimentel

Se é possível música ter escolaridade, então se *aprochegue*, porque o negócio aqui é digno de doutor. Uma fornada quentinha de discos aterrissa agora no Sul Maravilha para mostrar que nem só de ritmo seguro e inodoro dos grupos de "forró universitário" vivem os herdeiros da sanfona de Luiz Gonzaga. Com a lama do Capibaribe ainda sob as unhas, mas amargando a poluição paulistana há quatro anos, o Mestre Ambrósio chega a *Terceiro Samba*, seu segundo disco pela Sony. Ao contrário do anterior, o colorido e cheio de efeitos *Fuá Na Casa De Cabral*, aqui os seis rapazes apostaram na simplicidade, simbolizada no tratamento gráfico minimalista, que já pode render ao trabalho o título de "álbum branco" do grupo.

Mas, e aí? É forró, é samba ou é o quê? "Digamos que também tem forró na música da gente. O que o pessoal apresenta por aí como forró é geralmente xote, xaxado, coco e baião. Nós não somos grupo de baile. Trazemos elementos das cirandas, do maracatu, do toré, dos caboclinhos, do cavalo-marinho..." Quem já foi ao carnaval de Pernambuco sabe que não tem fim a lista de Siba, rabequeiro, guitarrista inspirado pelo pop africano, mas com técnica de violeiro, e um dos principais compositores da banda, com o percussionista Cassiano.

Os dois são formados em Música pela Federal de Pernambuco – a mesma escola de Antônio Nóbrega, onde Ariano Suassuna iniciou o Movimento Armorial –, mas garantem que não foi na universidade que aprenderam o forró. "A linha ali é muito européia. As coisas populares ainda são vistas como folclore. Como se acadêmico não fosse parte do povo", ironiza Cassiano.

A formação da banda foi pelos bares, festas e pontos de encontro dessa geração de pernambucanos que já rendeu talentos como Chico Science e Fred Zero Quatro. Por isso mesmo é que o Mestre Ambrósio sente-se, sim, filiado ao mangue beat. "Menos do que tocar esse ou aquele estilo, o mangue foi um resgate da auto-estima", proclama o percussionista.

CULTOS CABOCLOS

Em São Paulo, você pode encontrar um ambrósio em uma roda de capoeira angola, em um terreiro de candomblé ou em uma apresentação do boi maranhense. Uma curiosidade incessante que é certamente a raiz da vitalidade da música do grupo – e de suas impressionantes performances ao vivo, que incluem a dança e beiram o teatro. Siba, discípulo escolado no preconceito contra a religiosidade popular, admite que os cultos caboclos, do xangô à jurema – nomes locais de candomblé e umbanda – são ponto central na obra do Mestre Ambrósio, sobretudo na percussão e na poética.

De fato, o disco está repleto de versos que parecem saídos da boca de um caboclo ou de um preto velho: "Quem rasteja o chão tem medo de ver gavião voar" ("Gavião"), ou "Cada qual saiba do mal, todo alguém caiba no bem" ("Vida"). "Essa herança indígena e negra é um lado do Brasil que não estamos acostumados a aceitar, mas é fundamental para que um dia a gente se entenda como povo", filosofa o rabequeiro.

Enquanto um pé está bem firme na ancestralidade, os ambrósios vão segundo o seu samba. E dão aula de português para quem quiser colocá-los como rivais do forró universitário ou do pagode analfabeto. "Samba, como forró, é para nós um sinônimo de festa, confraternização", diz Siba. Por isso, o *Terceiro Samba*. Como poderia ser terceiro forró, ou terceiro pagode *(vide o par-dos-burros)*. "Não temos pretensão de polemizar. Não penso em forró ou samba para compor, penso em fazer MPB", martela o cantor.

TOM DO APOCALIPSE

Longe de criar inimizades, o grupo está fazendo escola. De Arcoverde, cidade sertaneja na porta de entrada do semi árido pernambucano, vem a agradável surpresa do Cordel Do Fogo Encantado, a lançar agora seu primeiro disco. É a "banda-espelho" do Mestre Ambrósio. "Eles estão para o sertão como nós para o litoral", compara Siba. O Cordel surgiu a partir de um espetáculo teatral que rodou o estado de Pernambuco e desembarcou no festival Rec-Beat, em pleno carnaval olindense de 1999, para ter sua primeira chance em estúdio bancada pelo lendário percussionista Naná Vasconcellos. O sucesso foi tanto que a tiragem inicial se esgotou em duas semanas.

As letras são uma bricolagem de versos populares, cantos religiosos e citações de mitos como Antônio Conselheiro e Lampião, tudo extraído do espetáculo original. O vocalista Lirinha alcança tons de profeta bíblico acompanhado pelo clima soturno do aboio, como em "Cordel Estradeiro", ele parece um anúncio de apocalipse. A música, um misto de violões, viola e percussão para lá de pesada, reforça ainda mais a grandiloqüência.

O grupo faz questão de frisar que a intenção não é "resgatar tradições", muito pelo contrário. "Queremos ser cada vez mais inventivos e pessoais. Não vou passar a carreira dizendo que é de tal ou qual jeito que se toca baião 'de verdade' ou alimentar o estereótipo do sertanejo com gibão, alpercatinha e sanfona", conta Lirinha. Já dizia um poeta que "minhocas arejam o solo; poetas, a linguagem". Esses cabras vieram para oxigenar a fértil música nordestina uma vez mais.

Os ambrósios: sem polemizar, mas deixando claro que são diferentes do que está na moda

"A pedidos", **Jon Bon Jovi** reconhece que um álbum com o registro de uma apresentação requer pouco trabalho, mas é isso que os fãs recentes desejam com todo o ardor

Procurado ao vivo ou morto

Por Daniel Oliveira

Cantos melodicos e ritmos pulsantes simbolizam refrãos contagiantes. Riffs de guitarra e toques de sintetizador elevam a força de melodias inesquecíveis. Milhares de garotas e centenas de garotos (nessa proporção) berram na altura dos alto-falantes. Luzes coloridas e explosões ocasionais transformam o rock'n'roll em um verdadeiro espetáculo visual. Seja bem vindo a um faraônico show do Bon Jovi.

Hoje, quase vinte anos após sua formação, o grupo de Nova Jersey – Jon Bon Jovi (vocal), Richie Sambora (guitarra), David Bryan (teclado) e Tico Torres (bateria) – celebra sua carreira com o disco ao vivo *One Wild Night*. Das melodias soturnas de "It's My Life" e "Wanted Dead Or Alive" às passagens açucaradas de "Runaway" e "Bad Medicine", o trabalho engloba músicas de shows de várias fases da banda.

Não haveria época melhor para atestar uma carreira duradoura e de fama internacional. Com o crescimento da onda alternativa nos anos 90, o Bon Jovi e outros grupos de hard rock perderam popularidade. Com a ressurreição da guitarra pesada no ano 2000, o quarteto voltou ao topo com o disco *Crush*. Graças ao hit "It's My Life", o álbum vendeu mais de 7 milhões de cópias mundialmente e cativou uma nova geração de fãs.

Um dia antes de se apresentar em Toquio, no Japão, Jon ligou para falar de *One Wild Night* e relatar sua vida na estrada. O vocalista discutiu também sua ascendente carreira cinematográfica, destacada pelo filme *U-571*, no qual atuou como um tenente de submarino na Segunda Guerra Mundial.

O que motivou o Bon Jovi a lançar um disco ao vivo?

O sucesso de *Crush* nos trouxe uma geração diferente de fãs. Não imaginávamos que isso fosse acontecer. Apenas lançamos um disco que nos deu orgulho. Fiquei supreso, pois nunca imaginava chegar a uma idade em que conquistaria um novo público. *Crush* saiu cinco anos após *These Days*, e estamos com novos fãs. Então pensamos: de que jeito eles podem conhecer as musicas antigas? Alem disso, como desenvolvemos nossa reputaçao nos palcos, os fãs antigos sempre pediram um album ao vivo. Faz mais sentido do que uma coletânea de hits. Um disco ao vivo requer pouco trabalho, mas estamos dando aos fãs o que eles desejam. É algo que representa bem os nossos shows

Qual é a dessa geração que está descobrindo agora o Bon Jovi?

É difícil dizer, pois ainda não conversei suficientemente com os novos fãs. E também eles estão mais por dentro de "It's My Life" e *Crush*. Eles precisam descobrir o nosso passado para que tenhamos uma conversa inteligente. Os admiradores antigos escolheram as musicas do disco ao vivo, como "Something For The Pain", "In And Out Of Love" e "Runaway". Pessoalmente, gostaria de ter incluido mais hits, como "Lay Your Hands On Me" e "Blaze Of Glory".

Já que estamos falando de shows, como é sua agenda diária em turnê?

Depende de onde estou. Hoje, aqui no Japão, acordei às 8 da manhã e corri por cinco milhas. Dei entrevistas por duas horas a partir das 10. Ao meio-dia, fui me exercitar na sala de ginástica. À 1 da tarde, fui treinar canto e depois saí com os caras da banda. Tomamos alguns drinques e fomos a uma loja de discos piratas em Tóquio. Voltei ao hotel às 5 e dei mais entrevistas até 8h30. Agora são quase 9 da noite. Jantarei e o dia terminará assim. Amanhã é dia de show. Não darei entrevistas, mas farei a maioria das outras coisas antes de ir ao estádio.

O público feminino domina seus shows. Sua mulher fica com ciúme?

Não. Ela está comigo há tanto tempo que se acostumou com a situação. Ela entende que o público quer se aproximar do

Depois de cantar para milhares, uma garrafa de vinho espera pelo cantor no camarim

artista. Não é um grande problema para ela.

Antes de subir ao palco, alguns artistas enchem a cara, enquanto outros apenas relaxam no camarim. Como você se prepara antes de um show? É difícil combater o nervosismo?
Se um artista tem medo de subir ao palco, acho que nem deve fazer shows. Adoro cantar ao vivo. Encaro os shows como campeonatos de peso-pesado. Preciso enfrentar um oponente maior do que eu *(referindo-se ao público)* e vencê-lo. Nunca bebo antes de entrar no palco. Os outros caras na banda podem beber, mas eu não. Já depois dos shows, uma garrafa de vinho me espera no camarim. Assim que esta entrevista terminar, irei ao bar tomar alguns drinques. Não faço isso antes dos shows, pois preciso me concentrar.

De que modo?
Eu concentro no trabalho. Nas passagens de som, ensaio músicas diferentes, incluindo covers. Se hoje fôssemos tocar no Brasil, que é um país que não visitamos há uns dez anos, eu organizaria uma determinada lista de canções. Porem, se o show não estivesse indo bem, eu pediria para a banda tocar outras músicas. Altero as canções no meio das apresentaçoes e, em alguns casos, canto por três horas sem nenhuma interrupção. Desse modo, preciso estar bem concentrado. Não quero rebaixar o público.

O Bon Jovi já tocou em vários países do Terceiro Mundo, como o Brasil. Você abre mão de alguma exigência para viabilizar shows nesses lugares mais pobres?
Não levamos toda a produção de palco. Só abrimos mão disso, porque aumenta muito os custos. Ademais, a distancia dificulta o transporte. Utilizamos o som e as luzes do país que visitamos. Até mesmo no Japão, onde já tocamos umas vinte vezes, essa é a primeira vez que estamos com toda a nossa produção. Gastamos muito dinheiro elaborando o nosso palco para a América e a Europa. Gostaríamos de levá-lo a todos os países. Minha carreira não depende exclusivamente dos shows, mas gostaria de dar ao público o que ele merece pelo valor dos ingressos. Não fomos ao último Rock In Rio unicamente porque estive envolvido em um filme. Mas eu adoraria ter tocado. Não precisamos de todos os apetrechos de palco para expressar nossa música.

"Se um artista tem medo de subir ao palco, acho que nem deve fazer shows. Adoro cantar para o público. Encaro isso como campeonatos de peso-pesado"

Você tem uma carreira cinematográfica paralela. Qual é o ramo mais desafiador: a música ou o cinema?
O ramo musical é mais natural para mim. Expresso minha personalidade ha quase vinte anos. Você está me entrevistando por causa de minha música. O cinema é mais desafiador, pois enfrento obstáculos. Afinal, sou um cantor que deseja atuar e as pessoas não gostam muito disso. Estou tendo oportunidades nas telas devido ao meu respeito e a minha credibilidade. Mas ainda sou um dos milhares de atores que brigam para entrar no ramo. Além disso, na música, eu canto e componho. Os discos são lançados e se tornam populares pelo fruto de meu trabalho. Já no cinema não escrevo os roteiros. Sou apenas mais um belo rosto buscando oportunidades. É uma situação mais difícil.

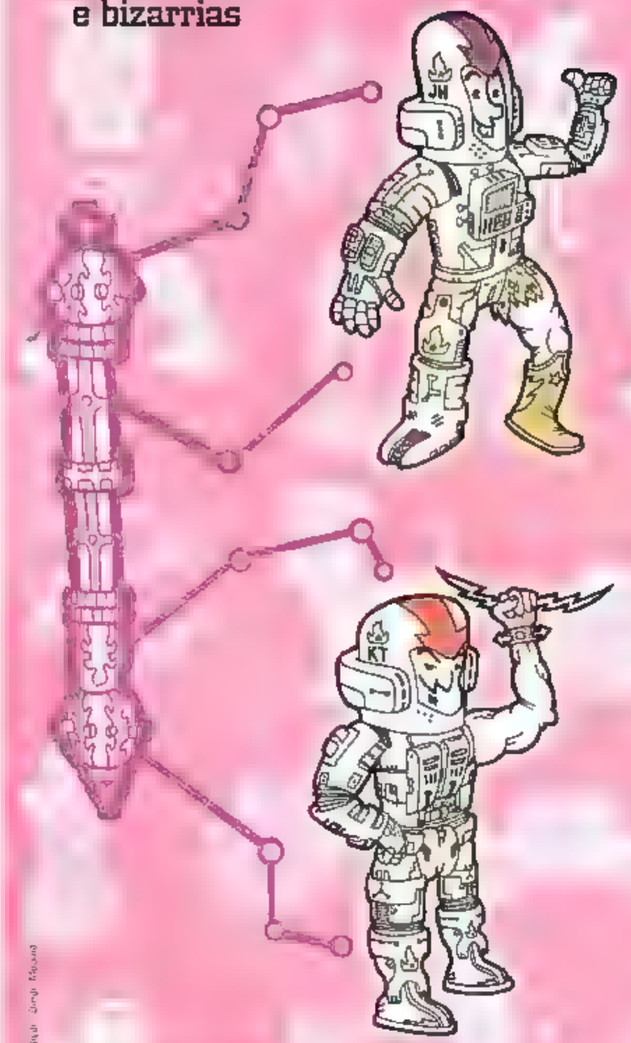
Com o seu crescimento nas telas, principalmente pelo sucesso do filme *U-571*, você teme que sua carreira cinematográfica possa comprometer o Bon Jovi?
Não, porque eu jamais deixaria isso acontecer. Por exemplo, nunca participaria de um musical ou escreveria a trilha de um filme em que fosse atuar. Não quero misturar música e cinema. Se sou um tenente de submarino em 1941 e uma estrela do rock ao mesmo tempo, você pode notar bem a diferença. Esse é um objetivo consciente. Nos meus shows, não quero ver fãs segurando cartazes com o nome de um personagem meu nas telas. Não sou Elvis Presley!

O Bon Jovi é um dos poucos grupos famosos que ainda faz hard rock com baladas. O que você acha de toda a agressividade do rock americano atual?
Não sei se teria uma opinião porque conheço pouco desse estilo. Não tenho discos do Korn ou dos Deftones. Comprei um álbum do Limp Bizkit porque achei o vocalista inteligente. Mas, quando escutei o CD, notei que ele fica reclamando de outros artistas nas músicas. Comprei um CD do Kid Rock, e ele canta: "Você não gosta de mim porque sou um mútil". Essa atitude me surpreende. Se eu fosse perder meu tempo compondo um disco para reclamar de artistas que não gostam de mim, não teria nascido em Nova Jersey *(risos)*. Na minha terra, as pessoas não ficam reclamando ou se defendendo. Elas dizem: "Vão se foder. Querem brigar comigo? Então, venham aqui". Não entendo o espírito dessas bandas. Elas representam uma geração diferente.

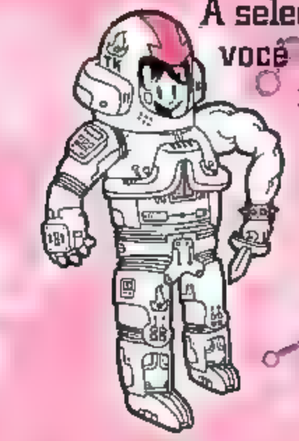
Discofagia

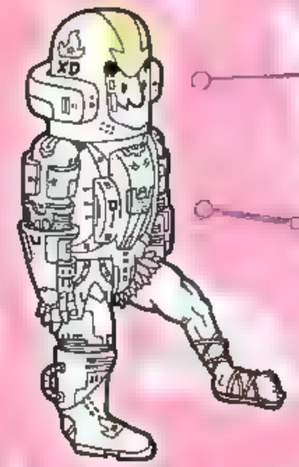
Para quem se alimenta de música

Gabriel, o líder do **Autoramas**, mostra seu acervo de raridades e bizarrias



A seleção perfeita para você entrar de cabeça no **psicodelismo**





Piece Of Mind: o álbum que marcou o ápice do **Iron Maiden**

Pato Fu

Em *Ruído Rosa*, o grupo leva o pop rock para o futuro, abusando do humor e do alto QI

Cotações*
★★★★★ Kung fu
★★★★½ Capoeira
★★★★☆ Luta livre
★★★½☆ [illegible]
★★★☆☆ [illegible]
★★½☆☆ [illegible]
★½☆☆☆ Tae kwon do
☆☆☆☆☆ [illegible]
☆☆☆☆☆ Sumô
☆☆☆☆☆ Jiu-jítsu
*dadas pelos autores das resenhas

Aimee Mann • Aswad • Big Boss Man • Bill Wyman's Rhythm Kings • Blues Etílicos • Bowling For Soup • Criminal D + Gangue De Rua • Dead Prez • Dry & Heavy • Fun Lovin' Criminals • Jill Scott • La Mosca Tsé-Tsé • Les Nubians • Linkin Park • Mano Negra • Pixies • Regular Fries • Rocket From The Crypt • Roland Orzabal • Run DMC • Semisonic • Sly & Robbie • Speedealer • Stereolab • Supergenerous • Swag • Tom Petty And The Heartbreakers • Vast

Xandó, Ricardo, Fernanda e John: mais brits do que japas

Gostosura **inteligente**

★★★★★

Pato Fu
Ruído Rosa
BMG

Vou aplicar aqui o paradoxo do sábio Eduardo Porteira (presidente da Fundação Biblioteca Nacional quando declarou, lá pelos anos 80, que não "era" governo, mas "estava" governo. Confesso que não sou mas estou "Fu". Sim daqui do meu Rio (o aparelho), ouço em MP3 o sexto CD em nove anos de carreira da banda belo-horizontina Pato Fu – calma, BMG, copiei o CD só para ouvir com meus botões! Estar "Fu" é um privilégio porque o novo disco diverte e ilustra... É um álbum gostosinho e pop mesmo, sem abdicar do QI superior

Fato notável é que Pato Fu agora passa por um período de reciclagem. A banda liderada pelo guitarrista e compositor John está menos Pizzicato Five e mais alguma coisa entre vanguarda nova-iorquina e som alternativo britânico, passando por psicodelismos neo-Mutantes.

Scratches, loops e grooves formam a fechadura pela qual podemos espiar o *modus operandi* do quarteto nas 13 faixas de *Ruído Rosa*.

O barulhinho bom fica por conta do produtor Clive Goddard, que já enxertou efeitos em Pulp e Moby. Ele trabalhou num estúdio famoso de Londres (o Strongroom) e mandou de lá eflúvios que grudaram no CD como mel na mosca.

O disco é pontilhado por bons arranjos eletroeletrônicos e, sobretudo, pelo sopranismo preciso da vocalista Fernanda Takai, uma verdadeira Mário Reis (sambista da velha-guarda) da geração anos 90. Como o fundador da bossa no canto, La Takai lere a nota e emociona em canções como o rock "Fu" (dos gaúchos Frank Jorge e Marcelo Birck – veja só, a copa Sul-Minas apenas expressa uma velha associação, basta ouvir Bebo Guedes e Kleiton & Kledir...) o samba "Tribuna De Causas Realmente Pequenas" e os baladões "Ninguém" e "E o Vento Levou..." Há episódios de paródia, como no rock-Mamonas "Sonia, Você Está Sendo Filmado" e no embalo experimental "Day After Day", com participação dos ex-Mulheres Negras André Abujamra e Mauricio Pereira e o engraçado inglês de Fernanda.

A junção de gostosura e inteligência é tão rara no chamado pop nacional que *Ruído Rosa* deve ser celebrado como inauguração de uma fase risonha na história da república. Estejamos todos "Fus" neste momento crucial. Quem só tem carne no coração (como diz Fernanda a certa altura do CD) precisa ouvir e se deliciar com esses mineirinhos geniais

Luis Antônio Giron

★★★½☆

Run DMC
Crown Royal
Arista/BMG
Rappers voltam sem ter mais nada a dizer

Antes de vestir o gorro do materialismo e de rimar a bandidagem corporativa com a violência das bocas-brabas, hip-hop não era movimento. Era uma onda nova chamada rap, a serviço apenas da diversão de blacks, "latinos", "roxos e amarelos" (esta em "Rapper's Delight", 1979 primeiro compacto que comprei com meu próprio dindim). Formado em 1982, o Run DMC surgiu para o mundo em 1986, juntando essa tagarelagem malandra com irresistíveis batidas e riffs de rock. Infelizmente, não podemos deixar de atentar para um triste paradoxo exposto neste trabalho que marca um retorno após oito anos de ostracismo: os três crioulos nova-iorquinos não têm mais nada a dizer. E não estamos falando de mensagem e outras chatices da patrulha hip-hop... Falta gracinha, falta sacanagem. Seria patético se não houvesse duas faixas muito boas: a saudavelmente machista "Them Girls", com Fred Durst, do Limp Bizkit (acredite se quiser), e "Take The Money And Run", com Everlast e a base da música homônima da Steve Miller Band, a mesma que forneceu ao Jota Quest a melodia do "na-na-na-na-na-na" em "De Volta Ao Planeta". E quer saber? Esse negócio de rap sempre foi coisa para single... Quem cai na do álbum cheio ou é otário ou brasileiro.

Pedro Sá

★★★½☆

Aimee Mann
Bachelor Nº 2 Or The Last Remains Of The Dodo
SuperEgo Records/Sum
Cantora pop esbanja talento e sensibilidade

Ex-vocalista do Till Tuesday, que nos anos 80 emplacou o belo hino hit "Voices Carry", Aimee Mann tem talento e sensibilidade, qualidades que a gente já costuma apontar em Aaron Monssette e Eddie Vedder. *Bachelor Nº 2*, seu primeiro disco em cinco anos (ela passou um bom tempo na geladeira, acusada de não ser comercial) tem tudo pelo qual os fãs do bom pop darão um braço para poder saborear belas canções, refrãos ganchudos e letras distantes da banalidade. "Deathly", "Driving Sideways" e "You Do" foram usadas na trilha de *Magnolia*, mas o resto é novinho em folha. Aimee ora despeja influências dos Beatles ("How Am I Different"), ora sua como uma Chrissie Hynde remoçada. Há parceria com Elvis Costello ("The Fall Of The World's Own Optimist"), libelos feministas e recados para os executivos que a encostaram ("Never Good Enough" e "Calling It Quits"). Como consolo para os fãs de Morissette, Vedder & cia., é bom saber que ela teve um passado tenebroso antes de se revelar entre as manchas de seu currículo, estão capas nos piores discos de Cindy Lauper e Rush, além de uma colaboração na trilha de *Melrose Place*.

Sérgio Martins

Para quem gosta de:
Livros do Nick Hornby, Belle & Sebastian, Joni Mitchell

★★★☆☆

Semisonic
All About Chemistry
MCA/Universal
Trio volta temático e com gostinho de anos 80

O trio de Minneapolis entrou na lista dos bem-sucedidos em 1998 com o hit "Closing Time". Mas não há nada à altura em seu terceiro CD. O compositor Dan Wilson optou por um, digamos, inusitado caminho "conceitual". *All About Chemistry* usa *mullet* (aquele corte de cabelo que capricha no rabo e deixa os ouvidos de fora) e outras características que o mundo parecia ter lacrado nos anos 80, tipo bandas mixadas acima da melodia, sonoridade de um disco produzido por Don Was, lamentos da vida de um pop star miserável que prefere estar fazendo outra coisa e metáforas aborrecentes profundas (sei...). Usando o clichê da química amorosa para embalar seu disco, chega a surpreender o fato de Dan Wilson conseguir criar combustão em algumas faixas. "One True Love", em que ele jura trocar as glórias da música por uma relação sincera, foi composta em parceria com a lenda folk Carly Simon, e funciona - James Taylor não faria melhor. Há, ainda, a balada "She's Got My Number" à Tears For Fears, e a faixa de trabalho, "Chemistry", que vence os lugares-comuns com a qualidade melódica que a banda tinha demonstrado em seu trabalho anterior. Wilson quase convence que 10cc, Badfinger e Toto eram boas bandas. E que o filme *Footloose* é o grande cult de sua geração.

Marcel Plasse

Rock à base de **paixão**

★★★★★

Tom Petty And The Heartbreakers
Anthology – Through The Years
MCA/Universal

Em "Even The Losers", Tom Petty canta que até os perdedores dão sorte às vezes. Pois aqui está uma coletânea dupla com o que de melhor o loiro e a banda Heartbreakers produziram em um quarto de século. Quem nunca deu muita trela ao músico americano ganha uma ótima oportunidade. Tom é um dos poucos artistas que ainda conseguem surpreender na seara roqueira. Inclusive, quem quiser lamentar algo sobre essa coletânea pode dizer que ignorar seus últimos três discos não foi nada justo. Pelo menos "You Don't Know How It Feels", do solo *Wildflowers*, "Walls" e "Asshole" (de autoria de Beck), da trilha do filme *Nosso Tipo De Mulher* (*She's The One*), e, no mínimo, uma de *Echo* deveriam ter entrado, até porque já existia um *Greatest Hits* de Tom Petty no mercado, cobrindo a mesma fase da carreira (1976 a meados dos 90).

Compará-lo a Bruce Springsteen não é exagero. Sua importância para a América branca, a sinceridade nas composições e o amor pelo rock e suas raízes são alguns pontos em comum com o "chefe". Tom sempre despertou paixão em sua audiência e um belo exemplo disso está no texto de Cameron Crowe, que salva o raquítico encarte de *Anthology*. O disco abre com "Breakdown" (muito homem de sentimento já cantou a letra para disfarçar desilusões amorosas) e segue fazendo um lindo rastro. Analisando todos os pontos altíssimos de sua carreira, representados por "American Girl", "The Waiting" (que foi hit nas FMs do Rio e de São Paulo, veja só), "Change Of Heart", "Free Fallin'", "I Won't Back Down" (regravada em 2000 por ninguém menos que Johnny Cash), "Two Gunslingers", para citar algumas músicas, dá para perceber que as melhores bandas de atualidade que fazem rock com pretensões folk beberam na obra. Wallflowers e Wilco atestam uma verdade que deveria ser mais conhecida.

José Flávio Júnior

Ele é o "pai" do que de melhor o rock americano produz no momento

★★★½☆

La Mosca Tsé-Tsé
Vísperas De Carnaval
EMI
"Baludos" misturam rock com salsa, ska e bolero

Depois de quase dois anos de seu lançamento, *Vísperas De Carnaval*, segundo disco dos argentinos do La Mosca Tsé-Tsé, chega ao Brasil. O atraso é inexplicável não só pela proximidade dos dois países, mas também porque o álbum tem tudo para emplacar (a banda já ganhou disco de platina na Argentina, Itália e Espanha), apesar da dificuldade do brasileiro, principalmente o jovem, em digerir tudo que *hable español*. Mesmo assim, parece difícil escapar das músicas pegajosas do grupo – "Para No Verte Mas" é uma delas. É uma pena que a música pop argentina, assim como a de toda a América espanhola, sempre enfrente dificuldades de entrar no Brasil. Os hermanos fazem uma mistura interessante de todos os ritmos, passando por ska, reggae, salsa e até samba. E La Mosca é um bom exemplo. Se você é despido de preconceito e não quer saber só de rock, vai gostar do estilo melancólico-feliz (algo como "tô lascado, mas tá limpo, vou pra festa assim mesmo") de Guillermo Novellis e seus dez companheiros. São canções deliciosamente bregas. Em "Gira El Ventilador", por exemplo, Guillermo canta "vou me embebedar para esquecê-la/Não serei capaz de lidar com a situação/De suportar a sensação..." Não se assuste se sua avó disser que já ouviu algo parecido em um bolero. Esse é o espírito.
Guilherme A. Hungria

★★★½☆

Bill Wyman's Rhythm Kings
Groovin'
Ripple Sum
Ex-baixista dos Stones sai com belo trabalho solo

Classe é o que jamais lhe faltou, desde quando dividia a cozinha dos Rolling Stones com Charlie Watts. O curioso é que ambos nunca tiveram uma veia absolutamente roqueira. Mas enquanto o baterista não escondia sua predileção pelo jazz tradicional (basta ouvir seus vários trabalhos individuais), Bill Wyman sempre preferiu colocar o joelho de seu baixo a serviço do mais puro rhythm'n'blues, paixão que o acompanha desde a adolescência. Este novo álbum de Wyman soa até melhor do que os esparsos lançamentos solo de quando ainda fazia parte dos Stones, afinal ele não tem mais aquela espécie de "obrigação" de se assemelhar ao grupo de origem, nem a de gravar esquisitices para se diferenciar, ficando à vontade para fazer um disco de pura curtição. Para tanto, reuniu velhos amigos como Gary Brooker (ex-líder do Procol Harum), o tecladista Georgie Fame e feras da guitarra como Albert Lee e o ex-Stones, Mick Taylor. No repertório, misturou boas composições novas como "Rough Cut Diamond" e "Hole In The Wall", com covers pinçadas de astros cult dos anos 50/60 como Lovin' Spoonful ("Daydream"), Young Rascals (a faixa-título) e Screaming Jay Hawkins ("I Put A Spell On You"), as duas últimas com especial destaque para a cantora Beverley Skeete
Celso Pucci

★★★★☆

Sly & Robbie
Drum & Bass Strip To The Bone
Palm/Trama

Estado **grave**

Drum'n'bass. Mas não o de Roni Size ou DJ Marky. Para merecer o ritmo que batiza o disco (lançado originalmente em 1999), a cozinha mais azeitada da música jamaicana precisa apenas exercer sua especialidade. Bateria e baixo, Sly & Robbie. Tão simples quanto grave. Apesar de ter o nome na capa e tudo, o produtor Howie B (U2, Björk) comporta-se direitinho, fornecendo gordura na medida certa para as levadas da dupla. Essa discrição nos botões ressalta a profundidade de "Ballistic Squeeze", "Exodub Implosion" e "Into Battle". Longas, vão pulando etapas sem que se perceba, levando o ser humano aonde ele jamais esteve. Daí pode emergir um reggae ou uma batida prestes a entrar em ebulição, como em "High Voltage Syndrome". Quando aparece, Howie B desce a mão nas seqüências desconjuntadas de "Drilling For Oil", "Major Magic" e "Fatigue Chic" – sem deixar, no entanto, que soe artificial o encaixe da baixaria sintética com os padrões naturais dos dois músicos. Volume, velocidade e frequências oscilam. Tudo é reduzido para que a mansa "Zen Concrete" inunde o ambiente com a sua leveza: tudo é ampliado para que a jornada se encerre no clímax de "Stripped To The Bone": Sly & Robbie apostando corrida de vibrações com o estúdio, e a gente nem aí para quem vencer, contanto que o efeito duuuuuuure.
Emerson Gasperin

Robbie Shakespeare e Sly Dunbar: cozinha de feras

★★★½☆

Les Nubians
Princesses Nubiennes
Virgin
Francesas fazem a alegria dos modernos fãs de Sade

Lançado em 1998 lá fora, este CD é filho único da dupla francesa formada pelas irmãs Helene e Celia Haussart. Mas não espere picaretagens pop típicas da França. O pai das meninas encantou-se com o balanço da mãe camaronesa, e o resultado foi uma mistura de glamour do seu país com o sangue e a beleza africanos na prole. Musicalmente, *Princesses Nubiennes* não escapa da fusão étnica das autoras, mas há também R&B, jazz, soul, numa sofisticada mistura, digna da culinária local – mas sem o sotaque insuportável dos chefs. A finesse do disco está nos detalhes do arranjo, nas texturas envolventes e na sublime voz das cantoras. É provável que você já conheça "Taboú", que fez relativo sucesso entre o povo moderno. A deliciosa fusão de reggae e R&B é uma versão melhorada de "Sweetest Taboo", da cantora Sade, influência marcante na sonoridade da dupla, além de Soul II Soul e Fela Kuti. Há também "Sourire", um drum'n'bass puxado para o jazz, bem no estilo do brasileiro DJ Patife. No geral, a dupla caprichou na ambiência, dando ares elegantes, suavidade e sensualidade ao que poderia ser world music pocrenta. Para ser ouvido pela manhã, com toda a preguiça que se tem direito, ou na hora de dar aquele trato na patroa.
Luciano Marsiglia

A "alma do Tears For Fears" surpreende solo

Tia sozinha

★★★★½

Roland Orzabal
Tomcats Screaming Outside
Sum

Orzabal sempre foi a alma do megassucesso do Tears For Fears nos anos 80. Que reapareça em versão-solo posicionando vaga entre os melhores CDs de 2001 só pega de surpresa quem não se esbaldou (ou viajou, ou namorou) ao som de "The Hurting", "Pale Shelter", "Head Over Heels" e outras jóias de igual quilate. Evidências não faltam: primeiro o moço não vergou ao ditame oportunista da eletrônica, ainda que o adjetivo "moderno" expresse aqui, sem clichê ou ironia, o que de melhor resulte da equação técnicas de estúdio + produção competente (assinada por ele mesmo). Depois, mesmo recheado de muitas e robustas guitarras, e colorido por refrãos fáceis, *Tomcats...* situa-se num Olimpo imaginário entre o assoviável e o etéreo. Pega "na veia" (e nas cinturas) com o vigor pop de "Ticket To The World" e "For The Love Of Cain", com a nostalgia new romantic de "Bullets For Brains" e com o hard rock sem culpas em "Dandelion"; ao mesmo tempo, amplia os limites do trip hop em "Snowdrop" e "Maybe Our Days Are Numbered" e consegue ser irresistivelmente melódico em experimentalismos bacanas (a hipnótica levada oriental de "Hypnoculture") ou ao flertar com o drum'n'bass ("Hey Andy", "Kill Love"). E, caso pairem dúvidas sobre a qualidade dos escritos do bardo, o anti-hino à pasmaceira globalizada intitulado "Low Life" serve de brevê. Cantando cem vezes melhor que nos tempos do "Tias Fofinhas", Orzabal não merece nem um pouquinho que esse belo trabalho passe despercebido.
Carlos Eduardo Oliveira

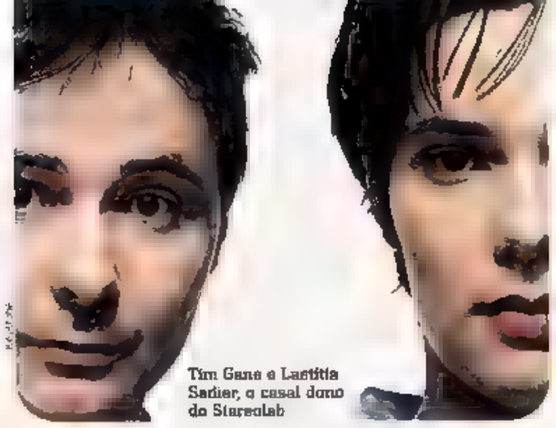
★★★½☆

Criminal D + Gangue Da Rua
O Conteúdo Do Sistema
Trama
Rapper santista capricha na rima para se destacar

A explosão do rap no mercado fonográfico nacional é um caminho de duas vias. Existe uma overdose de informações que nunca seriam veiculadas pela mídia e muitos manos tendo consciência de que a verdade quase nunca é aquilo em que nos fazem acreditar. Mas a superexposição do estilo acaba por embolar o meio-de-campo, segundo quase sempre fórmulas, modelos e conceitos preestabelecidos. E como fazer a diferença no meio da massa? Isso depende da habilidade da metralhadora verborrágica de cada MC e das agulhadas dos DJs. Oriundo de Santos, o ex-boxeador Criminal D estreia com um disco de produção afiada. Se esbarra no mesmo formato de discurso/citações de vários rappers por natureza, surpreende ao trazer muito peso nas batidas e capricho nas texturas harmônicas. Marca, inclusive, alguns pontos positivos ao fazer ziguezague entre o R&B ("Crime Sem Perdão"), o reggae ("Derrota", "Abra O Olho"), o samba ("Crise") e a bossa nova ("Carro Cinza", "A Fome"). Com mais um punhado de refrãos poderosos, acaba passando na prova de fogo do batismo.
Abonico R. Smith

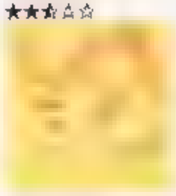
Para quem gosta de:
batidas pesadas e vocais com molho jamaicano

Cabeça **sem** alça



Tim Gane e Laetitia Sadier, o casal dono do Stereolab

★★½☆☆



Stereolab
Peng!
★★½☆☆
Switched On
★★½☆☆
The Group Played Space Age Bachelor
Too Pure/Trama

Banda-cabeça é uma coisa ou outra: ame ou odeie (a não ser que você faça como a absoluta maioria dos mortais e simplesmente a ignore, mas essa é outra história...). O grupo, aí, multicultura. Stereolab é tipo uma das princesinhas de todas as bandas-cabeça, e argumentos a favor de amá-la ou odiá-la não é o que há de faltar. Decida você também entrando na trama da Trama e comprando os recém-lançados por aqui *Peng!* (1992, seu álbum de estréia), *Switched On* (também 1992, uma compilação dos primeiros EPs do grupo) e/ou *The Group Played Space Age Batchelor Pad Music* (1993, o álbum seguinte). Você apanha a banda a partir de seu início e considera que, de lá para cá, em meio a algumas bolas dentro (como *Emperor Tomato Ketchup*, de 1996), o grupo só tem feito realmar e aprofundar as qualidades (?) experimentais daqueles primeiros passos. O que isso significa? Da perspectiva de cá, um amontoado de faixas depressivas em pique meio new age ("K-Stars", "Surrealchemist", "Avant Garde M.O.R."), mais um punhado de canções animadinhas no estilo hiena Hardy ("Perversion", "We're Not Adult Orientated", "Au Grand Jour") cruza de Doors com The Jesus & Mary Chain ("You Little Shits"), mais um porre de experimentalismos de serrote e goteira ("Space Age Bachelor Pad Music") ou maquininha de hipnotizar ("U.H.F. - MFP"). Até aí pode-se achar "estranho", "diferente", "original"..., mas quando bate na chatice propriamente dita (a longuíssima "Contact" por exemplo) não dá mais nada. Socorro, desliga essa coisa. O mais impressionante é lembrar como existe banda indie brasileira copiando essa formulinha de moça desafinada + moço acessório + banda barulhenta + barulhinhos + depressão + som sujo... Se é para falar de banda-cabeça, o Luna dá de dez

Pedro Alexandre Sanches

★★★★☆

Linkin Park
Hybrid Theory
WEA
Vida inteligente no metal alternativo americano

Sim, é verdade: depois dos últimos anos aturando o Korn e o Limp Bizkit gravando os mesmos discos do início de suas carreiras e todos os Papa Roaches e Deftones fazendo o som deles mais malfeito, era impensável que essa geração do tal rap-metal, ou new metal, ou metal alternativo soltasse algo que prestasse. Mas aconteceu: o Linkin Park, cujo disco de estréia, no ano passado, está chegando agora ao Brasil, tem rap, tem esquisitice, tem revolta e ainda assim é bom. Alguns fatores que fazem a diferença: além do cantor Chester Bennington, o japa Mike Shinoda ataca de MC, criando um jogo vocal interessante; os barulhinhos (que às vezes vêm de instrumentos musicais – que boa idéia! –, como piano e violão) são comedidos, entrando de vez em quando, nas horas certas, e a banda tem um feeling pop apurado, criando bons refrãos em canções como "Forgotten" e "Runaway" (que não é regravação do hit do Bon Jovi). As chances são grandes de, daqui a 15 minutos, só sobrar o Linkin Park dentre tantas bandas iguais.

Bernardo Araujo

★★★☆☆

Aswad
25 Live
Sum
"Ao vivo" amparado por anos de amor ao reggae

Em qualquer lugar do mundo, disco ao vivo tem apenas um objetivo: reforçar as vendas do artista, com uma mistura de sucessos de outrora e novas músicas compostas para a ocasião. Depois, é só inventar uma desculpa bacana – no Brasil, por exemplo, o *Acústico MTV* tem funcionado que é uma beleza. A "muleta" do Aswad foi a comemoração dos 25 anos da banda, surgida em Ladbroke Grove, bairro jamaicano de Londres. Reduzido à dupla Tony Gad (baixo e vocais) e Drummie Zeb (vocais e cada vez mais distante da bateria) e longe da época áurea, o grupo ainda sabe como poucos comandar um show de reggae. Eles passeiam do tradicional às mais recentes fusões do gênero sem deixar a peteca cair – uma aula para certos rastafaris nacionais. O Aswad reverencia os mestres do passado ("Roots Revival" e "Thank You Lord", de Bob Marley), solta os bichos na versão dub de "Drum And Bass Line" e manda um reggae pop da melhor qualidade – o hit "Don't Turn Around" e a versão sacolejante de "On And On", do americano brega Stephen Bishop.

Sérgio Martins

Festa **punk**

★★★★½

Speedealer
Here Comes Death
Palm/Trama
Rock rápido e rasteiro, em disco de curta duração

Guitarras sujas. Cabelos compridos e desgrenhados. Liquidificador sônico misturando metal, punk, riffs bluseiros turbinados e vocais berrados até o talo. Não, não retrocedemos dez anos no tempo, apesar de o grunge permanecer como a referência imediata. Essa banda de Dallas, no Texas, tem seu segundo álbum lançado agora no Brasil. Na verdade, *Here Comes Death* já existe há um ano e meio e foi incorporado ao catálogo da Palm após a falência do selo Royalty. O responsável pela "aquisição" é o diretor artístico Michael Alago, que levou Metallica e White Zombie para as *majors* Elektra e Geffen. E Alago realmente continua entendendo das coisas. Contrariando a atual situação do mainstream americano, o Speedealer não tem o menor pudor de manter no frescor a equação tosqueira + punch + boas melodias = rock dos bons. Detonando 17 músicas em menos de 37 minutos, Eric, Jeff, Rodney e Harden provam que ainda é possível ser grande com pequenas pretensões. Basta ouvir faixas como "Hit It And Run", "You Lose, I Win", "1 50am" e "Drunk Me Dead" para continuar pogando com um sorriso bem aberto.

Abonico R. Smith

Para quem gosta de:
Mudhoney, Butthole Surfers, Slayer tocando hardcore

★★★★½

Mano Negra
Lo Mejor De
Virgin

Demorou quase três anos para a coletânea do Mano Negra chegar ao Brasil. Nesse período, o ex-vocalista da banda promoveu sua estréia-solo no país (essa, só um ano atrasada), foi no Jô, tocou para sem-terra e publicitários e bebeu na Lapa, entre outros compromissos sociopolítico-estilísticos. Com o sucessor de *Clandestino* pintando por aí, nada mais oportuno do que a gravadora lançar essa compilação para mostrar aos neófilos a origem de Manu Chao. Formado em 1986 na França, o octeto dava um banho étnico no punk do Clash, incorporando ritmos variados ao tradicional discurso de protesto ou denúncia. Até acabar, em 1994, o grupo caracterizou-se por fundir rock, flamenco, rap, raï, funk, ska, hardcore e vaudeville em diferentes equações e combinações que faziam a festa de skatistas, alternativos, críticos e chatos ideológicos. O álbum que agora pode ser encontrado em edição nacional oferece um painel dessa *patchanka* sônica em grande estilo. Baseado no original europeu (*Lo Mejor De*), com 24 músicas (o *Best Of* americano conta 13), o disco percorre cinco álbuns da banda, mais duas inéditas, "Long Long Nite" e "On Telefon". Há as prolocolares numa seleção do Mano Negra, como "Mala Vida" (aquele refrão é redentor até hoje), "Indios De Barcelona", "Señor Matanza", "King Of Bongo" e "Santa Maradona". Fugindo dos hits, tanto faz em que número o CD-player pára: da latinagem desprocada de "Noche De Accion" à economia de "Sueño De Solentiname", sempre tem alguma coisa que chama a atenção, seja pela escolha de ingredientes para o caldo, seja pela subversão proclamada em francês, espanhol ou inglês. Penhorados, Rage Against The Machine e Los Hermanos – só para dar uma idéia da amplitude que a banda atinge – agradecem

Emerson Gasperin

Combo francês semelhava nos grooves

★★★★☆

Supergenerous
Supergenerous
Blue Note/EMI
Dupla forja instrumentais ousados e agradáveis

Os estereótipos podem nos transformar em ogros preconceituosos. Como, por exemplo, defender a idéia de que um disco lançado pelo selo "cool" de jazz Blue Note reunindo um percussionista paulista e um guitarrista canadense pode ser divertido? Tudo o que vem à mente é um cruzamento "chique" entre os batuques de Carlinhos Brown com solos virtuosísticos e maçantes. Mas *Supergenerous* não é nada disso. A primeira faixa, "The Legend Of Johnny Cactus", poderia filiá-los à corrente pós-rock de climas desolados e melodia progressiva. Mas aí entra um boogie delicadíssimo, "São Paulo Slim", que leva o ouvinte para outras plagas. O disco tem o subtítulo de *As Coisas De Cyro Baptista E As Cordas De Kevin Breit*, referindo-se ao arsenal de bugigangas percussivas e cordas que os dois colocam a serviço de um instrumental ousado, inteligente e agradável – mas nunca "cabeçudo". O que mais impressiona no disco é o talento de Baptista (que já tocou com Cassandra Wilson e Paul Simon) e Kevin Breit (kd lang, Janis Ian) em extrair timbres agradáveis e musitados de seus instrumentos, utilizando sempre o mínimo, sem se repetir ou se tornarem flácidos. Às vezes, a música mais moderna e inquietante vem de onde menos se espera.

Ricardo Alexandre

Beca, Wareham (ex-Galaxie 500 e atual Luna) diz qual é a boa

O ANDA

***Discovery*, Daft Punk** "O álbum recebeu ótimas críticas, então o comprei. Na verdade, gostei de uma faixa ou outra. Minha favorita é 'Digital Love'. Acho que tem coisas boas vindo da França, como a banda Phoenix, por exemplo."

***Lift Your Skinny Fists Like Antennas To Heaven*, Godspeed You Black Emperor!** "Eu os vi tocando ao vivo e gostei muito. Mas é só porque ninguém mais soa como eles."

***Stephen Malkmus*, Stephen Malkmus** "Gosto muito do que ele escreve. Adorava as músicas do Pavement, principalmente as letras. Acho o trabalho-solo dele muito bom."

★★★★☆

Blues Etílicos
Águas Barrentas Ao Vivo
Eldorado

Quinteto carioca celebra aniversário no palco

O Blues Etílicos não é apenas um dinossauro, mas também o melhor e mais produtivo grupo do gênero – o CD, gravado em São Paulo no ano passado, é o sétimo. Para comemorar o aniversário de 15 anos, foram escolhidas quinze músicas, algumas das quais podem ser consideradas clássicos do blues nacional, como "Louco da Cidade", "O Sol Também Me Levanta", "Cerveja" e "Canceriano Sem Lar". Três são méditas: "Luz De Maluco", "Camelo" e "Na Pele". Os etílicos foram dos primeiros a fazer fusões com ritmos como baião ("Águas Barrentas") e capoeira ("Dente De Ouro"). E souberam enfrentar a armadilha de compor blues em português recorrendo a letristas como Bernardo Vilhena e Fausto Fawcett. Só resta dar os parabéns.

Helton Ribeiro

★★★★☆

Regular Fries
War On Plastic Plants
JBO/Sum

Punk eletrônico movido a guitarras e sintetizadores

Dave Fridmann, produtor de recentes preciosidades como *Deserter's Songs* (Mercury Rev) e *Soft Bulletin* (Flaming Lips), é uma das chaves por trás do sucesso do segundo álbum do Regular Fries, septeto inglês que pegou carona no space rock, com pitadas de psicodelia e direcionamento pop. Se a estréia em *Accept The Signal* prometia, o trabalho sucessor fez o grupo dar alguns passos à frente. Burilados por Fridmann, os mântricos arranjos repletos de guitarras e sintetizadores batem ponto, mas existem novos elementos. O hip-hop e o big beat vêm a cargo de "Supersonic Waves" e "Africa Take Me Back". Já "Brantucket" e "Fused" fazem a banda pisar fundo no acelerador do punk eletrônico. Festa e viagem garantidas.

Abonico R. Smith

★★★½☆

Jill Scott
Who Is Jill Scott? Words And Sounds Vol. 1
Sony

Baladas e raps certeiros sobre relacionamentos

Crítico de música americano adora comparar cantora novata com Billie Holiday, seja pelo timbre de voz, pelo tom "confessional" das letras ou pela postura de diva. A mais nova candidata ao posto é Jill Scott. Menina talentosa, ela certamente não tem uma migalha da categoria de Lady Day, mas certamente é uma boa promessa. Seu disco de estréia, *Who Is Jill Scott?*, foi produzido pelo DJ Jazzy Jeff (ex-parceiro de ladainha do dublê de rapper e ator Will Smith) e se divide entre baladas e raps certeiros sobre relacionamentos amorosos. No primeiro quesito, o destaque é "A Long Walk", em que Scott tece loas à sua nova paixão. As melhores rimas do álbum estão escondidas nos momentos finais do CD: trata-se de uma nova versão de "Love Rain", enriquecida pelo rapper Mos Def.

Sérgio Martins

★★★★½☆

Bowling For Soup
Let's Do It For Johnny
Jive/Virgin

Discípulos do Green Day vêm cheios de gracinhas

Não é sério. Quem alugou *100 Garotas* ou surfou as séries teens da TV a cabo já ouviu Bowling For Soup. A banda texana faz parte dessa geração que enxagua seu punk pop com baladinhas descoloridas e uma gota de ska, da qual fazem parte Blink-182, Goldfinger e Save Ferris. O CD é cheio de gracinhas. A maior: um cover histérico de "Summer Of 69", de ninguém menos que o boçal Bryan Adams. Discípulos de Green Day, conseguem se destacar da leva punk pop com refrãos infecciosos. A animada "Suckerpunch" resume capítulos e capítulos de drama adolescente em horário nobre. "The Birch Song", cujo título poderia ofender feministas, é o grande hit. Vale ainda ouvir "You And Me", feita sob medida para fãs do Weezer, e "Valentino", que resume a moral do grupo: "Eu só queria uma nova namorada... que risse de mim".

Marcel Plasse

O melhor do mês passado

IDÉIA

***Know Your Enemy*, Manic Street Preachers** Um dos melhores discos do ano. O trio do País de Gales volta às raízes hard rock, dando ênfase às melodias e às letras antiimperialismo americano

***Mama's Gun*, Erykah Badu** Após ouvir o segundo disco de Erykah, você passa a usar a palavra diva com maior comedimento. Certas coisas são para quem pode, não para quem quer

***Legal Man*, Belle & Sebastian** Alegre single que destoa do resto da obra, mas que poderia muito bem moldar o futuro dos escoceses

★★★★★

Pixies
Complete B Sides
4AD/Sum

Suas sobras são o sonho de qualquer banda

Um disco de lados B de singles do Pixies é melhor que 99% da produção mundial do chamado rock alternativo. *Complete B Sides* reúne 19 faixas que estiveram nos compactos da banda lançados na Inglaterra e mais uma, de brinde, de um single americano. O que dizer da estupenda regravação de "River Euphrates" de "Vamos" e de "In Heaven (Lady In The Radiator Song)"? Mas isso é só o começo: entre covers de Neil Young ("Winterlong," e uma genial versão para a melhor música da primeira fase do canadense, "I've Been Waiting For You", cantada com impressionante doçura pela baixista Kim Deal), instrumentais ("Velvety", "Theme From Narc") e clássicos relidos ("Wave Of Mutilation – UK Surf", "The Thing"), o álbum mostra a força impressionante de uma banda que com o passar dos anos não ficou nem um pouco diluída. Como se não bastasse, o disco traz "Make Believe", surpreendentemente cantada pelo baterista David Lovering; "Bailey's Walk", a história de um cara que caminhava de um jeito engraçado e que o vocalista e guitarrista Black Francis conheceu numa de suas temporadas em San Juan; e "Into The White", a favorita do grupo nos shows, com uma das melhores linhas de guitarra da história, cortesia do habilidade de Joey Santiago.

Luciano Vianna

★★★★½☆

Vast
Music For People
Warner

Americano abre leque de influências e acerta

Vast é, na verdade, Jon Crosby, um jovem californiano que não tem vergonha de esconder o seu amor pelo Cure e acaba de lançar seu segundo album. Assim como fez o R.E.M. com o termo Rapid Eye Movement, ele pegou a combinação das quatro primeiras letras de Visual Audio Sensory Theatre para dar nome a sua banda. Misturando diversos ritmos e elementos sonoros, Vast fez de seu novo trabalho uma estranha porém eficaz colagem do rock dos anos 80 e 90. Guitarras pesadas e um vocal obscuro deixam "The Gates Of Rock'N'Roll" soar como um hino de rock de arena. Já em "Free" e em "What Else Do I Need", elementos eletrônicos se entrelaçam com intensos arranjos de cordas, guitarras e samples de corais de igreja. E, acredite, funciona. As baladas "Blue", "Land Of Shame" e "A Better Place" são os pontos altos do disco, que tem como tema a vontade de se sentir livre, de escapar deste mundo. Em todos os cantos de *Music For People* é possível sentir um leve cheiro de pretensão, dramaticidade e vaidade. Jon Crosby pode não ser de todo autêntico, mas ao menos foi esperto o suficiente para não cometer exageros.

Juliano Zappia

Para quem gosta de:

Placebo, Nine Inch Nails, U2, Depeche Mode

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

Seus olhos são mais verdes do que a grama em que seu corpo repousa na capa do disco. A voz é de um timbre deliciosamente agudo, que carrega uma meninice que só uma garota de 21 anos poderia ter. Nascida no Canadá, a faceira **Nelly Furtado** escreveu seu álbum de estréia, *Whoa, Nelly!* (Dreamworks/Universal), sob forte influência de Cornershop, Beck, Portishead, TLC, bossa nova, hip-hop e fado português (culpa de seus pais açorianos). Composições ótimas, com total apelo pop, como "I'm Like A Bird" e "Shit On The Radio", estão fazendo a fama da garota nos Estados Unidos e na Europa. Para provocar, ela chupa piolé numa das fotos do disco e canta versos em português nas ultimas três faixas – destaque para "I Will Make U Cry".

● **Em um outro extremo está o grupo italiano Lacuna Coil lançando *Unleashed Memories* (Century Media). O disco é uma amostra do que anda acontecendo com o heavy metal nos rincões (leste europeu, península ibérica, São Paulo) em que Limp Bizkit e Korn não pegaram. Existem os grupos de peso melódico e medieval e os que unem atmosfera gótica a vocal feminino (quase sempre). O Lacuna Coil se encaixa no segundo caso e faz muito sucesso em seu séquito. Se você conhece e gosta dos holandeses do Gathering, pode ir de olhos fechados.**

● A leva de discos bacanas suscitados pela saga do espião **Austin Powers** parece não ter fim. Desta vez, é *International Man Of Mystery & The Spy Who Shagged Me Original Motion Picture Scores* (BMG). Uma compilação de músicas incidentais dos dois filmes de Austin. A responsabilidade é do craque George Clinton, que no meio das "caminhas sonoras" não esqueceu de incluir a famosa "Soul Bossa Nova", de Quincy Jones. Mais um produto *shaggadélico*.

● ***Formica Blues* (Sum), do pouco conhecido grupo pop/eletrônico Mono chega ao Brasil naquele esquema "atrasado, difícil de achar e sem porquê". Estranho... Mas o som é bem simples e não ofusca (graças ao pouco brilho). É como um Portishead, menos soturno e bem menos inspirado. Vamos repetir para ninguém reclamar depois: beeem menos inspirado.**

● Quatro trabalhos da série ***¡Cubanismo!*** (Trama) aterrissam no país: *¡Cubanismo!* (1995), *Matembe* (1996), *Reencarnación* (1997) e *Mardi Gras Mambo ¡Cubanismo! In New Orleans* (2000). Conduzidos pelo trompetista cubano Jesus Alemañy, os trabalhos foram sendo gravados conforme a música da ilha de Fidel ia invadindo os continentes. Vá atrás para não ficar para trás.

● **Por último, vale citar os relançamentos de rap da gravadora Sum. Pena que para cada clássico como *Fine Malt Lyrics*, do House Of Pain, saia uma discografia completa do Naughty By Nature (só os singles de "O.P.P." e de "Hip Hop Hooray" já bastavam). Tem também o *All Hail To The Queen*, da Queen Latifah e os CDs da caixa *Greatest Beats*, com o melhor da Tommy Boy, gravadora que trabalhava basicamente com hip-hop (mas que tinha no catálogo o Information Society, cuja estrela também está sendo relançada por aqui!). O maior atrativo da coleção é um programa de computador que vem grátis e permite remixar uma das faixas, além de assistir ao clipe.**

IMPORTE-

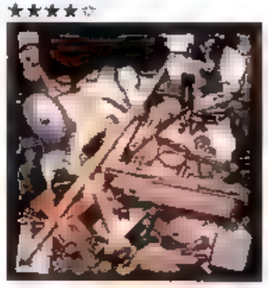
Os lançamentos gringos que a alfândega esqueceu de confiscar

★★★★☆

Dead Prez
Let's Get Free
Loud Records
Som e fúria dos rappers sem perder a ternura

A dupla Dead Prez não esta para brincadeiras e sua estréia, *Let's Get Free*, deixa isso bem claro. Herdeiros diretos do rap combativo e radical do Public Enemy, os nova-iorquinos Stic.man e M1 vão direto ao assunto, pregando a revolução em suas letras simples e contundentes. O disco é assumidamente panfletário, corajoso, sem medo de soar ingênuo ou fora de propósito no universo cínico da indústria musical. Em "I'm A African", que surge logo após uma parábola de impacto contada por um importante líder da comunidade negra (Omali Yeshitela), propagam que não são afro-americanos, mas africanos mesmo, sem essa de rótulos intermediários. Trata-se da melhor faixa do disco, com os scratches eficazes de Mista Sinista (dos sensacionais e pouco conhecidos X-ecutioners). "They' Schools" ataca o sistema de ensino dos Estados Unidos. A polícia, claro, não podia ficar de fora: é massacrada em "Police State", com uma veemência que há muito o rap não mostrava. Mas nem só de dureza vive o Dead Prez. Há ternura, como bem recomendava um dos heróis da dupla, Che Guevara. "Mind Sex" sugere que se faça amor com respeito e carinho, num discurso que faria rir o Tigrão, mas que certamente vai encontrar respaldo entre as mulheres. É um disco previsível, sim, sem lugar para humor, sofisticação ou firulas, mas cheio de som e fúria. Indignação justa é isso. O resto é conversa.
Daniel Benevides

★★★★☆



Swag
Catchall
Yep Roc
Pop de franjinhas faz a festa da superbanda indie

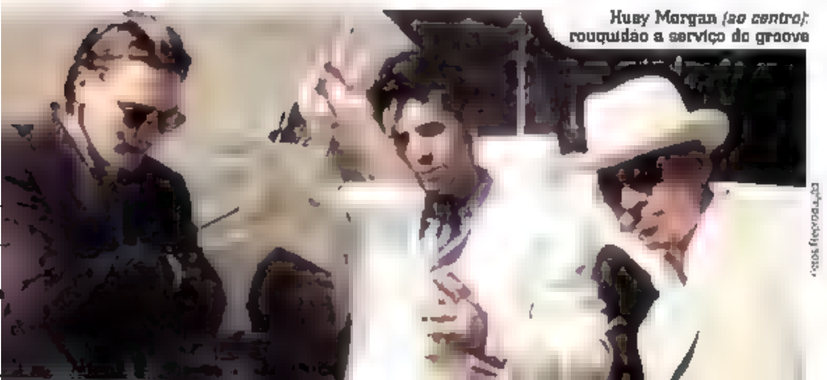
Para quem não se formou em pop, *swag* significa contas e espelhos, camisetas e CDs promocionais, tudo o que a indústria empurra para jornalistas rapunas. Os integrantes do Swag conhecem bem o babado. Embora *Catchall* seja seu primeiro CD, estão na estrada a tempo suficiente para já sentir enjôo. O grupo foi formado num ônibus de excursão dos Mavericks pelo baterista do grupo e o tecladista do Suspence None the Richer. Começou numa brincadeira, em que a dupla se dispôs a cantar clássicos da música pop anos 60, todos. A idéia ganhou a simpatia do baixista do Cheap Trick e do baterista do Wilco. Assim Swag veio ao mundo, a primeira superbanda do século 21, sem contrato com multinacional ou pretensão de lotar estádios. Mas o resultado supera o que os grupos dos integrantes andam lançando. O CD é viciado no pop de franjinhas – Hollies, Byrds, Zombies, Beach Boys, Small Faces, *early* Beatles e os sobrinhos dos anos 70, B.g Star. A única faixa introspectiva, "Near Perfect Smile", alude ao divórcio do idealizador da banda, o cantor e guitarrista Robert Reynolds (que toca baixo nos Mavericks), recém-separado da estrela country Trisha Yearwood. O resto são garotas, sorvetes e diversão. Saudosistas lembrarão que algo tão puro assim não surgia desde o solitário album do grupo The La's (1990). Pena que Swag seja apenas um projeto paralelo.
Marcel Plasse

No macio, **no gostoso**

★★★★★

Fun Lovin' Criminals
Loco
Chrysalis/EMI

Americano é trouxa mesmo. Enquanto aluga-se com blinks e bizkits, deixa escapar esse trio de Nova York, que encontrou na Europa quem saiba apreciar seu balanço fino e envolvente. Foi assim com o refrescante EP *Mimosa* (1999) – lançado até na Argentina, mas não nos Estados Unidos –, e desse jeito (por enquanto) com *Loco*. Pior para os eleitores de Bush, que também vão precisar importar o terceiro disco do grupo se não quiserem perder o melhor da festa. Não há banda no mundo como o Fun Lovin' Criminals. Para eles, não existe tempo ruim. Na imagem, a opção pelo prazer reflete-se através do estilão jovem boêmio, sempre alinhado como mafiosos, com o copo na mão e disposto a amanhecer na gandaia. Na música, a onda traduz-se em levadas quentes, que propiciam climas para todas as etapas do acasalamento. Inicia a abordagem pelo rap manhoso de "The Biz", seguido do astral blaxploitation de "Run Daddy Run". A sinuosidade continua em "Swashbuckin' In Brooklyn" e "Bump", com o vocal rouco de Huey Morgan dando o tom sobre as colchas tecidas pelo multiinstrumentista Brian Leiser (o baterista Mackie estréia nesse disco). Quando chega a hora das inevitáveis lentinhas, "Underground" e "Half A Block" fornecem a inspiração necessária para o ataque definitivo. No final, depois de passar por muito funk e soul, "Little Song" proporciona o relax do guerreiro. Para mais uma, é só começar de novo.
Emerson Gasperin



Huey Morgan *(ao centro)*: rouquidão a serviço do groove

Fotos Reprodução

★★★★½

Dry & Heavy
King Jammy Meets Dry & Heavy In The Jaws Of The Tiger
Beat
Dupla de japas mergulha fundo nos confins do dub

Há muitos anos, li não sei onde que para fazer reggae direito era preciso mamar no peito de uma jamaicana. Ou seja, que os criadores do lance são mestres insuperáveis naquele som baixudo, deslizante, simples nas partituras e cheio de sofisticação no sangue. Nunca pensei que um dia fosse recomendar reggae de japonês. Pois bem: a dupla Dry & Heavy (Seco & Pesado!) é uma das melhores coisas do gênero. Seu novo álbum, que leva a assinatura de um mestre jamaicano nas mixagens (Prince Jammy, recém-promovido a King), é uma ruptura, uma Hiroshima na suposta reserva de mercado da Jamaica. Shigemoto Nanao (o Dry, baterista) e Takeshi Akimoto (o Heavy, baixista) não estão sozinhos nesse ataque: os vocais de Lakkie Ma...a (menina da turma) e Ao Inoue fazem uma competente caricatura da roots music, lembrando Horace Andy e Hugh Mundell, só para ficar em duas boas referências. As músicas são as mesmas de discos anteriores (*Dry & Heavy*, de 1997, *One Punch*, de 1998 e *Full Contact*, de 2000), mas em versões dub, com ecos, efeitos especiais e emoções alternativas. Estou para descobrir agora o que as mamães japonesas andam colocando no leite.
Otávio Rodrigues

Contos da **cripta**

Grupo insiste em sobreviver numa America burra

★★★★☆

Rocket From The Crypt
Group Sounds
Vagrant Records

Antes de qualquer coisa, vale ressaltar que o Rocket From The Crypt é um grupo sobrevivente daquela safra indie que conheceu o sucesso no começo dos anos 90. Graças ao Nirvana (não existe teoria melhor) muitas bandas maravilhosas que davam sangue no underground americano emplacaram seus clipes exibidos na MTV, tocaram em festivais bacanas como o Lollapalooza e desfrutaram o conforto de uma grande gravadora. Daí, o grunge morreu e surgiram as derivativas boys bands (Matchbox 20, Creed, etc), o Eminem, o metal de mano... E a América virou um cemitério. Todo mês morre uma banda que não agüenta o baque de retornar ao porão. Nativo de San Diego, Califórnia, o filho de pescadores portugueses Speedo fez de tudo para manter o Rocket From The Crypt rolando. Além de uma turnê em que os ingressos eram grátis, o vocalista, guitarrista e líder do grupo decidiu que quem tiver o símbolo do grupo tatuado no corpo entra sem pagar nos shows. Medidas como essa fizeram o sexteto atravessar uma década e ainda exalar energia e empolgação. *Group Sounds* é o Rocket de sempre: rock cru, temperado pelos indefectíveis sopros. Tudo muito veloz e com riffs grudentos, como atesta a melhor do disco, "Came Voodoo". Só resta dizer que, de volta a um selo pequeno (foram cuspidos da Interscope, gravadora de... Eminem!), a banda segurou o pique. Vai daqui um parabéns pelo tufano.
Jose Flávio Júnior

★★★★½

Big Boss Man
Humanize
Blow Up Records
Um pouco de calor humano para as pistas

É fácil explicar o som do Big Boss Man – música de interminho dos anos 60, com balanço funkão/latino, órgão Hammond virtuoso, guitarras psicodélicas, mas sem ranço saudosista. Difícil é imaginar o quão divertido, possante, inventivo e elegante é sua estréia, *Humanize*. "Big Boss Man", por exemplo, consegue ser dançante e experimental ao mesmo tempo – algo como se o big beat de Fatboy Slim tivesse sido criado na mesma cena que deu ao mundo os Yardbirds e o Cream. A canção de abertura é um arrasa-quarteirão que remete a uma trombada entre "Fire", de Jimi Hendrix, e os mais ensandecidos solos do organista Jimmy Smith. "Party 7" é mais tranchã, com clima de festa a go-go e guitarrinhas de jazz latino. O mais legal é ver que este quarteto inglês passa ao largo dos maneirismos do falido britpop e mais ao largo ainda do rock "alternativo" americano. Ao contrário, já surgiram envoltos em seus próprios domínios (os mesmos da noitada Blow Up, no Wag Club de Londres) e acabaram sendo acolhidos na cena dance inglesa com a maior naturalidade. Bacana, as pistas precisavam mesmo de um pouco de calor humano e diversão.
Ricardo Alexandre

Para quem gosta de:
Money Mark, Booker T, Beck, Medeski, Martin & Wood

Ficaremos sorrindo e eu darei com carinho uma flor pra você

Hendrix: cada corda da sua guitarra aciona uma região diferente do cérebro

Você quer experimentar?

Assimilando influências que iam do cinema à literatura, a música psicodélica conquistou artistas de diversos estilos, sempre em busca da melhor viagem

Não há exatamente um ponto inicial do que ficou conhecido como "musica psicodelica", mas costuma-se atribuir o mérito a "Eight Miles High" ("A Oito Milhas De Altura", sacou?), dos Byrds. Como esta gravação do fim de 1965 ficou engavetada por anos, os louros acabaram disputados pelos Beach Boys, com seu single "Good Vibrations", por "Visions Of Johanna", de Bob Dylan, e pela mordaz "Paperback Writer", dos Beatles. Tanto faz. O fato é que a lisergia caiu como uma luva para os que buscavam soar originais e surpreendentes – e, acredite, eles eram a maioria naqueles tempos.

As possibilidades abertas pelos aditivos químicos foram fundamentais para que o pop tomasse a importância que tomou nos anos 60. Artistas gráficos, cineastas, agitadores e vagabundos em geral passaram a ver na música o canal para centralizar suas ideias e aspirações. Pela primeira vez, uma canção revelava-se capaz de assimilar influências não só musicais, mas literárias, geográficas, cinematográficas, etc.

Havia uma bifurcação inicial na música muito louca. Para um lado, ela caminhava mais bucolica, frugal, com raizes no hippismo de São Francisco, no violãozinho dos Mamas & Papas e nas completas modulações harmônicas dos Beach Boys. O outro caminho da lisergia era denso, rude e pesado, partindo da fuzarca sonora de Jimi Hendrix e reverberado nas garagens de todo o país como registrado na antológica coletânea *Nuggets*, de 1972.

Claro que a rapaziada caiu na real logo que os primeiros martires começaram a surgir – tanto os que empacotaram (Hendrix, Janis Joplin, Brian Jones) quanto os que ficaram mentalmente comprometidos, (Syd Barrett, Brian Wilson, Rocky Erickson). Depois, a psicodelia foi pervertida no escapismo progressivo e na bobagem heavy metal. Mas, de qualquer forma, seu conceito original segue influenciando mundo afora, arrojado, sem amarras com tradição, sem compromisso com legitimidade ou com o "rock de verdade". Da mente para a mente, sem intermediários.

Ricardo Alexandre

Beatles
Revolver (1966)
Ainda hoje, *Revolver* soa fresco, intrincado e assustadoramente criativo. Nunca um grupo estabelecido embicou com tanto gosto em direção à vanguarda de sua época. De fato, os Beatles estavam inspirados – McCartney soando quase barroco ("Eleanor Rigby", "For No One"), Lennon fazendo o chapadão vanguardista ("I'm Only Sleeping"), falando do *Livro Tibetano dos Mortos* ("Tomorrow Never Knows") e ate de seu traficante ("Dr. Robert").

Beach Boys
Smile (1967)
Após lançar *Pet Sounds*, Brian Wilson queria ir além e criar o álbum definitivo da era psicodélica. Entupindo-se de drogas e indo contra a gravadora e os outros beach boys, o rapaz trancou-se no estúdio para criar *Smile*. Quase no fim, surtou violentamente e largou o projeto. Talento em estado bruto, música no limite da sanidade e do controle emocional – virou tudo alvo fácil para piratas e colecionadores. Confira em www.rocksument.com/SmileSessions.html

Pink Floyd
The Piper At Gates Of Dawn (1967)
O mais perto que se poderia chegar musicalmente da experiencia de entrar na cabeça de alguém. A cachola em questão é de Syd Barrett, líder original do Floyd, antes que seu cérebro derretesse de tanto acido. As canções são flashes de seus sentimentos mais conflitantes – há espaço para histórias em quadrinhos, conquistas espaciais, saude, sociologia e uma dose intrigante de infantilismo. Um disco que oscila entre o lúdico e o assustador, mas sempre inesquecivel.

Love
Forever Changes (1967)
Considerando que o Experience de Hendrix era inglês, então o mais importante grupo da psicodelia americana foi o Love. Primeiro, por refletir o jeito hanque de ver a coisa – como um dândi chapado ouvindo um velho disco de country, um de blues, um de jazz e um de Frank Sinatra (tudo torto e ao mesmo tempo). Mas principalmente por acrescentar sotaques latinos, um groove particularíssimo e uma poética refinada, ainda que, vez por outra, impenetravel.

Violeta De Outono
Violeta De Outono (1986)
O trio paulistano ousou registrar em seu EP de estréia o que nenhum outro grupo pos-punk teve coragem: lisergia para os anos 80. Apesar de descaradamente influenciado por Syd Barrett, Gong e Soft Machine, o Violeta De Outono em nenhum momento parecia retrô ou distante da cena em que nasceu. Lançado de forma independente, há pouco tempo este disco ganhou edição em CD, com nove faixas bônus. Muitas a mais para a sua viagem.

Flaming Lips
Zaireeka (1997)
Depois de percorrer a trilha das bandas experimentais surgidas na cola do Sonic Youth, o Flaming Lips ganhou personalidade própria à custa da maluquice de seu líder, Wayne Coyne. *Zaireeka* é um álbum quadruplo, feito para o ouvinte interagir com o produto, disparando os quatro CDs simultaneamente. Os cacos de música altamente lisérgica e inventiva deixam claro que nem a originalidade nem o conceito de *happening* ficaram perdidos nos anos 60.

Jimi Hendrix
Are You Experienced? 1967.
Em sua estréia, cada corda da guitarra de Hendrix parece acionar uma região diferente do cérebro do ouvinte. Noel Redding e Mitch Mitchel produzem uma base segura e fluida, construída sobre o mais sungado R&B britânico, num show de virtuosismo e consistencia sempre imitado, mas (la vem o cliché) jamais igualado. Rock extremamente futurista, divertido, pesado e distorcido (e agradavel aos ouvidos) em um dos discos emblematicos de seu tempo. Impressionante.

Lula Côrtes e Zé Ramalho
Paêbirú (1975)
Todos os tropicalistas (Gal Costa e Mutantes, principalmente) flertaram com o acid rock, mas ninguém passou nem perto do que os nordestinos Zé Ramalho e Lula Côrtes reservariam em sua estréia. Perto das alucinações sonoras que os dois amigos pernambucanos praticam aqui, todos os acidos ingeridos pelos hippies gringos tem o efeito de uma bala Juquinha. Extremamente mistico (mas nem um pouco reverente), *Paêbirú* consegue ser agreste e supersônico.

Primal Scream
Screamadelica (1991)
Tomando emprestado o gosto pela psicodelia dos Stone Roses e Happy Mondays, o Primal Scream amadureceu o conceito de pop muito doido para as pistas de dança da Inglaterra no início dos anos 90. Basicamente, a receita era esta: pegue o melhor do rock lisergico dos anos 60, nao esqueça a simplicidade do punk e utilize todos os recursos tecnológicos. E acrescente o ecstasy, claro. O resultado será "Come Together", "Loaded" e outras maravilhas da década.

Mercury Rev
Deserter's Songs (1998)
Diferentemente de outros grupos psicodelicos dos anos 90, como os ótimos Olivia Tremor Control ou Apples In Stereo, o Mercury Rev conseguiu forjar seu som sem reverenciar demais os ícones de outrora. Sua obra-prima guarda mais relação com, digamos, o filme *O Estranho Mundo De Jack* do que com o Pink Floyd ou os Beatles. Melodias sinuosas e arranjos sinfônicos bizarros fazem de cada música uma pequena jóia, de beleza turva, mas evidentemente valiosa.

DISCOFAGIA

Uma vasculhada no arsenal de uma de garoto famoso

CDs, demos e síndrome de rato de sebo

Os compactos de rock brasileiro encontrados em lojas de usados são o charme do acervo de Gabriel, guitarrista e vocalista dos Autoramas, que não dispensa vinis fora de catálogo e fitinhas de muitas bandas que hoje são famosas

Raridade
A coletânea *Hardcore Mix* comprou no auge do rock brasiliense "Pague 40 mil cruzeiros, o que hoje seriam alguns centavos. Mas, se você for nas Galerias, em São Paulo, não leva este disco por menos de 300 reais. Tem Finis Africae, Dento Federal e as únicas gravações do Escola De Escândalo."

Ela sabe alguns fãs dizem que, apesar de queridos, são emprestados sem frescura

Recém-chegado a um novo apartamento em Copacabana, o vocalista e guitarrista dos Autoramas, Gabriel, anda preocupado com as inúmeras mudanças que sua coleção de discos vem sofrendo. "De 1996 até hoje, estou morando no quinto lugar diferente. Tem muita coisa que ainda está encaixotada e mofando", explica. São mais de 2 mil LPs, mil compactos (sim, aqueles vinis pequenos de sete polegadas) e apenas uns 300 CDs – preconceito, porque o chique mesmo em seu acervo são as raridades de rock brasileiro, registrados quase que exclusivamente em vinil. "Naquela época, 1983, 1984, eu comprava tudo o que saía, de curiosidade. E também porque era muito barato. Um disquinho custava o mesmo que uma Coca-Cola. Assim, consegui os primeiros compactos dos Paralamas Do Sucesso, dos Rapazes De Vida Fácil e dos Inocentes com encarte de xerox", conta.

No meio dessas raridades, todas organizadas em ordem alfabética, aparece um vinil de 1983 de Eduardo Dusek, *Cantando No Banheiro*, com participação dos Miquinhos Amestrados, um compacto do Tokio, de 1985, que trazia "Humanos" como lado B ("o Supla colocou a melhor música como a menos importante!!!") com uma foto da banda no verso da capa, ainda com Bidi (hoje produtor em São Paulo) na formação. Mas o disco que Gabriel acredita ter inaugurado sua coleção é a trilha sonora de *Vila Sésamo*, de 1974, composto pelos irmãos Marcos e Paulo César Valle. "Ganhei da minha mãe e tenho até hoje."

Anos depois, ele começou a comprar álbuns por conta própria. Com o crescimento da sua coleção, passou a tomar mais cuidado com seus discos: Comprar plástico para embalá-los, limpar os vinis regularmente... Com a maioria de suas bolachas em bom estado, o vocalista diz não ter frescura: empresta na boa e garante nunca ter perdido nada. "Também pego um monte de coisa emprestado, principalmente CDs. Adoro fazer coletâneas para mim e para minha namorada, a Gabriela."

Gabriel acabou de trocar seu equipamento de som por uma pick-up Technics para poder escutar seus LPs. "Comecei a levar minha coleção a sério mesmo em 1987. O rock brasileiro que eu comprava antes estava parado e só se ouvia lambada ou acid house", lembra. Sem as facilidades de hoje, como internet e Napster, o jeito era pegar vinis emprestados dos amigos para gravar fitinhas. Foi quando ele comprou os discos que mais adora, os três primeiros Gang Of Four: *Entertainment*, *Solid Gold* e *Songs Of The Free*.

O guitarrista tem uma seção enorme de curiosidades, "bizarrices", como ele chama. "São coisas que acho em sebos. Fiz toda a minha coleção em lojas de discos em Brasília, São Paulo e no Rio de Janeiro. Sou acostumado a ficar fuçando, comigo não tem essa de loja de CDs de hoje em dia, toda divididinha em seções. Sou rato de sebo." E olha que ele fuçou direitinho *(dê uma olhada nos bonés)*. Apesar disso, Gabriel garante não ter um disco ou CD em sua coleção que sinta vergonha de mostrar. "O que não gosto levo aos sebos e troco", diz.

Dentro do seu armário há um bom espaço para as coisas de suas bandas. São 51 fitas do Little Quail ao vivo, de demos ou ensaios. Tem ainda uma fita da seu grupo de hardcore de 1987, chamada *AX BAX*. Do Autoramas, os registros já estão em CDR.

O moço não faz distinção entre vinil, CD e fita. "Cara, a molecada hoje em dia está muito mal-acostumada. Na minha época, se alguém falasse de uma banda que eu não conhecia, corria atrás e acabava conseguindo, nem que fosse em fita. Hoje, a molecada adora Green Day, mas nem sabe o que é Fuzzbox, The Muffs e Rocket From The Crypt. Se ouvissem, iriam acabar gostando."

Rodrigo Lariú

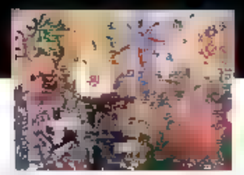
O primeiro disco
A trilha sonora do programa infantil *Vila Sésamo* Gabriel morre de rir com a música que abre o lado B "Funga Funga" que diz "sou o Funga Funga e sou um cara diferente." "Tá vendo? Essa música inspirou um monte de gente!" comenta ele

Xodó
No meio das fitas e CDs nacionais, o único disco do Oz, *Sangre De Dios* "Ainda é uma das melhores bandas e este um dos melhores discos do rock nacional de todos os tempos."

Bizarrices
Compacto do **Capitão Gay** (personagem de Jô Soares nos programas humorísticos da Globo da década de 80) **Sidney Magal** em 45 RPM com quatro faixas (entre elas "Sandra Rosa Madalena"), **Silliard**, cinco compactos de **Gretchen**, vinil do **Trio Los Angeles** e do **Vestidos De Espaço**, da infame "Seu Pipi No Meu Popô, Meu Popô No Seu Pipi", produzido pelo ex-mutante e atual diretor artístico da Sony, Liminha

Amor, Estranho Amor
O maxi-single de 1986 do **Fuzzbox** com a música "Love Is The Slug". Comprado em 1988, Gabriel o escutou durante muito tempo numa fitinha Basf com Stray Cats (o primeiro disco) no lado B. Até hoje ele procura o álbum *We've Got A Fuzzbox And We're Gonna Use It*

Brasil em 7 polegadas
Os compactos do rock brasileiro dos anos 80: o Tokio de Supla e Bidi, Rapazes De Vida Fácil de Alvin L. (que já compôs para Marina Lima e Capital Inicial) e o mais adorado, Miséria E Fome dos Inocentes. "O encarte deste disco é de xerox e tem um PS batido em máquina de escrever. 'Por favor mande envelope selado, pois somos uma banda pobre.' É assim que era na minha época."



Relíquias
Tem a primeira fita dos **Raimundos**, umas 15 demos do **Boi Mamão** e a primeira do **Dash** (banda punk onde tocava Simone, atual baixista e vocalista do Autoramas). Mas há umas novidades também: a banda **Go!** que, segundo Gabriel, é uma boa surpresa surf-punk do Rio de Janeiro e as demos do **Theo Butcher's Orchestra** (banda garageira de São Paulo, uma das melhores do Brasil hoje para o vocalista). Tem uma do **Disk Putas** também *(foto)*, banda trash da Priscila Farias, ex-editora da revista de quadrinhos *Animal*, que "roubei do *(produtor)* Pena Schmidt. Mas não publica isso porque senão ele vai querer de volta."

Alta Rotação
Wannadies de 1997, "que tem 'You & Me Song'", explica Gabriel, os **Guitar Wolf** *Jet Generation* e *Planet Of The Wolves* e o RFTC (1998, do **Rocket From The Crypt**)

Metal radiofônico que passa longe da farofa

Com o chefão Steve Harris afrouxando um pouco o controle, todos os integrantes do Iron Maiden acabaram brilhando em *Piece Of Mind*, o segundo disco da banda com o vocalista Bruce Dickinson

Ano de lançamento: 1983
Produção: Martin Birch
Músicas: "Where Eagles Dare" • "Revelations" • "Flight Of Icarus" • "Die With Your Boots On" • "The Trooper" • "Still Life" • "Quest For Fire" • "Sun And Steel" • "To Tame A Land"

Pela primeira vez, um disco do Iron Maiden incluía sobras. "Quest For Fire" e "Sun And Steel". Como a maioria das canções que o quinteto teve tempo para compor tornaram-se clássicos, os próprios músicos admitem abertamente a estratégia usada para completar o álbum, alegando que na época estavam na correria das turnês.

O começo já foi complicado: no fim dos anos 70, quando o quente na Inglaterra era ser punk, um maluco resolveu formar uma banda de rock pesado, com canções melódicas e um pé firme na vertente progressiva adotada por UFO e Jethro Tull. Por incrível que possa parecer, o grupo, chamado de Iron Maiden, foi crescendo, meio aos trancos e barrancos, com mudanças na formação a cada dez minutos. O tal chefão, o baixista Steve Harris, não tolerava drogas, doenças, casamentos ou qualquer outra coisa que pudesse prejudicar a coletividade, daí a dispensa do ex-skinhead e atual assíduo frequentador da noite paulistana Paul Di'Anno (que alguns saudosistas insistem em apontar como o melhor cantor que a banda já teve – isso, claro, porque ninguém ouviu Dennis Wilcock, mesmo porque ele não chegou a gravar), do guitarrista Dennis Stratton e do baterista Clive Burr.

Depois de conquistar o mundo britânico, o Iron Maiden confirmou a liderança na Nova Onda do Heavy Metal de lá (que de onda não teve muita coisa: rendeu o Def Leppard, o Saxon e quem mais? O Diamond Head? O Anvil?), mas foi Steve quem mais. Mandou Di'Anno para o espaço e colocou em seu lugar o homem a quem deve ser creditada grande parte da conquista do planeta pelo Maiden: Paul Bruce Dickinson. Vindo do grupo Samson, ele adicionou melodias assobiáveis e gritos operísticos ao som da banda, tornando-a, aí sim, uma máquina de heavy metal. O primeiro disco do Maiden com Bruce, *The Number Of The Beast*, de 1982, foi o passaporte para o sucesso, com clássicos como a faixa-título e "Run To The Hills".

Então tudo bem, não há mais como crescer, ou há? Em matéria de sucesso, sim – ainda que em uma época complicada, em que o mundo não estava assim tão ao alcance de todos (o Iron, aliás, foi um dos primeiros a se apresentar nos países, então comunistas, da Europa Oriental, na célebre turnê Behind The Iron Curtain) –, mas principalmente em qualidade. Em *Piece Of Mind*, Steve Harris pela primeira vez permitiu que outros integrantes participassem ativamente das composições. Aí, Bruce tirou da manga "Flight Of Icarus", que, ao mesmo tempo, era a cara do grupo, com sua temática mitológica (Harris é fã do negócio e Bruce, por uma feliz coincidência, é formado em História), e tornou o som do Maiden radiofônico, sem farofar.

Sozinho, o vocalista enfiou-se novamente em seus livros e fez a bela "Revelations" – atualmente as duas estão fora dos shows, mas chefe é chefe, né? Não que o patrão não estivesse inspirado: Steve compareceu com, possivelmente, a canção que melhor define o Iron Maiden: "The Trooper", até hoje uma das favoritas dos fãs, um avassalador ataque da cavalaria, e rocks mais diretos como "Die With Your Boots On", em parceria com Bruce e com o guitarrista Adrian Smith, e "Where Eagles Dare". A tentativa de-se-fazer-heavy-metal-a-partir-de-literatura da vez, "To Tame A Land", baseada em *Duna*, não emplacou, mas ajudou a dar um charme extra ao disco.

Sob uma tutela menos pesada de Steve, o Iron Maiden pôde descobrir que berros no meio das canções não são imprescindíveis para se fazer música pesada. Além de Bruce, que põe as manguinhas de fora ao compor e interpretar, os guitarristas Dave Murray e Smith soltam os dedos nas harmonias dobradas que são a marca registrada da banda. E, apesar de não aparecer tanto para a arquibancada, faz diferença a técnica do veterano Nicko McBrain, que o Maiden foi buscar na bateria da banda francesa Trust (do sucesso "Anti-Social", regravado pelo Anthrax). Sem demonstrar o virtuosismo que exibiria mais tarde, ele segura a onda com personalidade, completando a formação clássica da banda. É bem verdade que o Maiden que entrou para a história revelou sua cara em *The Number Of The Beast* e conquistou o mundo em *Powerslave*, mas a banda só é o que é porque gravou *Piece Of Mind* entre os dois.

Bernardo Araujo

Murray, Bickinson, Harris, McBrain e Smith: formação que fez história

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines
envie para Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP

Os gaúchos não escondem a paixão por Tim Maia e Jorge Ben das antigas

Sempre groove

Desde a adolescência, Lao e Japones (vocalistas), dois gaúchos amigos e apaixonados por funk e black music, planejavam ter uma banda. Não eram músicos, mas já sabiam que som queriam fazer e que nome dariam ao projeto: **Groove James**. Finalmente, em 1997, o sonho dos guris começou a se concretizar. Entraram para a faculdade e, entre os corredores dos cursos de publicidade, jornalismo e relações públicas, conheceram mais meia dúzia de estudantes fãs de Tim Maia e Jorge Ben, já munidos de algum instrumento e com a mesma vontade de tocar profissionalmente. Com o passar do tempo, foram ficando mais entrosados, até acharem que era hora de entrar em um estúdio para registrar algo. Então, em 1999, lançaram um CD demo com duas músicas, "Ouça Nossa Melodia" e "Eu Não Vou Sair", produzidas por Fred Endres, guitarrista da Comunidade Nin Jitsu, que no mesmo dia começaram a tocar nas rádios de pop e rock de Porto Alegre. "Depois disso, os shows foram enchendo de pessoas que a gente nunca tinha visto na vida", acrescenta o baterista Christian (carinhosamente chamado de Tião). Todos os elogios e a resposta positiva do público encheram a banda de gás. No ano seguinte, após conhecerem a dupla de músicos e produtores gaúchos Flu e 4nazzo (ex-integrantes do De Falla) resolveram gravar "Chuca Felina", um "mambo caliente" cantado em espanhol pela voz sedutora de Lica. A música foi hit do verão no Rio Grande do Sul, marcando presença diária no rádio. Hoje, auto-intitulados uma banda de "groove-hiphopr&bfunk", estão preparando o primeiro álbum, que deve sair no meio do ano pelo selo Bufe & Batarinha. Então, prepare-se para dançar!

Contatos: tel. (51) 9965-2530, e-mail: groovejames@hotmail.com

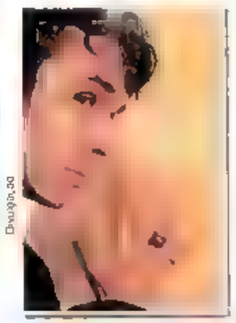
Psicodiversidade

A **Justa Causa** surgiu em 1986 na cena punk gaúcha. No entanto, em 1997 o guitarrista Gustavo "X" Aguirre assumiu os vocais e o som mudou um pouco, ficando mais psicodélico. É como se fosse outra banda. X, Marcelo Mendes (baixo) e Duda Dolls (bateria) foram para São Paulo e, agora com influências do passado, querem dar uma cara nova ao rock brasileiro. "A música feita na maior parte do Brasil é meio quadrada, não viaja. Todo mundo quer ser o Charlie Brown Jr. ou os Paralamas Do Sucesso. Pelo menos, as bandas do Sul são mais ousadas", afirma Duda. E, se falta ousadia, eles têm a solução: *Ultra Swing Sideral* (seu terceiro álbum, mas o primeiro da nova fase), lançado em 2000 e produzido pelo velho amigo Edu K. Está tudo lá. Mutantes e o psicodelismo dos anos 60, com toques de Led Zepellin, Deep Purple, Doors e T. Rex. "Jupiter Apple disse que era a primeira vez que ele consegue ouvir um disco inteiro, por causa da diversidade. As músicas são bem diferentes umas das outras. Têm influências de hard rock, soul, punk, reggae e tudo que a gente ouve", completa o baterista. "Sonoridade e atitude para sacudir traseiros e o acomodado pop rock nacional." **Contatos**: tel. (11) 5549-9843, e-mail: justacausa@zaz.com.br

Marcelo, X e Duda querem mais ousadia no rock nacional

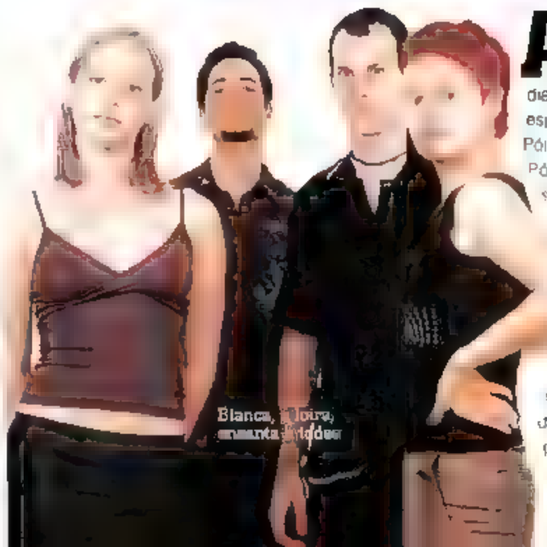
Pop sem molde

Longe das panelinhas indies do Rio, o cantor, compositor e guitarrista Flavio Abbes, ou apenas **Abbes**, lançou, no ano passado, seu primeiro trabalho-solo, *Pensamento Inconstante Fluentes*. Aos 31 anos, ele resolveu encarar sozinho a tarefa de compor e gravar um disco experimental independente no Brasil. "Toquei durante dez anos em várias bandas, o que acabou lapidando o compositor que sou hoje. A intenção era fazer um trabalho mais orquestral, mais grandioso, mais canção, menos rock, com liberdade total", orgulha-se o músico. De fato, sua música pouco se prende a formatos, estruturas ou fórmulas de composição, influência do ídolo Joe Jackson e de grandes inspiradores como Neu!, Sonic Youth, David Bowie e Depeche Mode. As canções são quebradas, intercalando melodias pop, guitarras distorcidas e viagens progressivas recheadas de muito teclado, cordas, efeitos e improvisações, além de letras com alguma pretensão poética. Difícil de entender? É exatamente a sensação que se tem ao ouvir o trabalho de Abbes. O próprio criador admite: "Em termos de mercado, a coisa fica meio complicada, mas estou totalmente realizado". **Contatos**: tel. (21) 226-5505, e-mail: abbes@openlink.com.br



Divulgação

Loirinha explode coração



A vocalista da banda **Leela**, Bianca Jordão (guitarra e voz) já vez seja a pininha mais assediada do cenário indie carioca. Os mais espertos já a conhecem há três anos do Pólux, grupo punk que em 1999 virou Pólem e, até acabar definitivamente seis meses mais tarde, Bia e o guitarrista Rodrigo resolveram começar, em 2000, um projeto mais pop, de arranjos elaborados e melodias assobiáveis. Apesar de trabalharmos com som simples, é bem mais difícil fazer pop do que punk. Nos preocupamos muito com a produção desde a aparência do material impresso até detalhes na gravação", diz Bianca. O grupo, que conta também com Kátia Dolle (baixo) e Jocanic Grossman (bateria), lançou um CD com três faixas, mas já tem repertório para um álbum. As novas canções estão sendo arranjadas por um dos maiores fãs de made in Rio (original ou não): Bebel Gilberto. Pois é, o cara foi enfeitiçado por Bianca e, além de convencê-la a participar da ópera rock que produziu no ano passado, ainda está colaborando com o quarteto. Segundo ele, uma nova musa está prestes a nascer. É a garota endossa: "Recebo vários e-mails e cartas de fãs apaixonados. Em alguns shows, eles querem beijar em mim, tirar fotos, ou pedem beijos e autógrafos no corpo". Será ela a nova Paula Toller? **Contatos**: (21) 512-4548, e-mail: leela@terra.com.br

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

Com dificuldade para encontrar informações da sua banda independente favorita? O **ShowZ** (www.showz.com.br) está aí para ajudar. Idealizado pelos gaúchos Gustavo Caleffi (27 anos) e Maurício Wolf (26), o site está no ar desde setembro de 2000 e se propõe a ser o melhor guia musical sobre artistas e bandas de vários estilos que ainda não foram descobertos por uma grande gravadora. Já são mais de 1.300 cadastrados de todo o Brasil, o que os torna os maiores da América Latina no seguimento. Textos, fotos, contatos e músicas para guardar ou ouvir na hora: tudo fácil de achar através de um sistema de busca. O mais interessante é que você pode organizar sua própria coletânea e depois encomendar seu CD. Treze músicas de artistas diferentes chegam à sua casa por 25 reais, mais o frete de 2,90 reais para qualquer lugar do país. Fora isso, uma espécie de assessoria de produção está funcionando para quem precisa de opinião profissional boa e barata sobre seu trabalho. "Foi a forma que encontramos para ajudar o cenário. O objetivo é profissionalizar o mercado independente e mostrar que ele pode ser lucrativo", declara Gustavo. Dê uma olhadinha no site para maiores informações. ● **Este mês está fervendo de eventos. Festas, shows e, principalmente, festivais vão sacudir todos os cantos do país. Os dois melhores devem acontecer em Goiás e no Rio Grande do Norte.**
Do cerrado, o pessoal da Monstro Discos (www.monstrodiscos.com.br) vai aprontar mais uma: o Bananada 2001.
Programado para os dias 17, 18, 19 e 20 no Garage Café, a terceira edição do festival vai levar a Goiânia os gaúchos do Irmãos Rochal e o grande Frank Jorge (ex-Graforréia Xilarmônica), os paulistas do Momento 68 e Pin Ups, Relespública (Curitiba), Superoniques (Recife), Bois De Gerião (Brasília), mais bandas locais, do Rio de Janeiro e de Santa Catarina. Fora isso, dois grupos americanos estão confirmados: Trans AM e Man... Or Astroman? No mesmo fim de semana, em Natal, rola o MADA (Música Alimento Da Alma) no bairro antigo da Ribeira. Entre as atrações, os locais General Junkie e Brigite Beréu, os cariocas do Leela, os paraibanos do Lunik e o ex-Plebe Rude Philippe Seabra. Mais informações no site www.mada.com.br. ● BIZZ conferiu alguns ótimos shows independentes neste último mês e recomenda: **Red Meat**, banda paulistana à clássica no circuito alternativo. **Motormama** (Ribeirão Preto, SP) e **Wonkavision** (Porto Alegre, RS) pela primeira vez na capital paulista. **Justa Causa, Astromato e Maybees** lançando seus últimos elogiados trabalhos: *Ultra Swing Sideral*, *Melodias De Uma Estrela Falsa* e *Picture Perfect*, respectivamente.

A mesma nota rá-tá-tá-tá

Sempre soube que a música "Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles E Os Rolling Stones", que ficou famosa com os Engenheiros Do Hawaii, na verdade não foi composta pela banda gaúcha e que tinha sido gravada anteriormente pelos Incríveis. Qual a discografia dessa banda e em qual disco a música aparece?

Lucas S. Garcia – Belo Horizonte, MG

"Era Um Garoto..." é uma composição italiana da década de 60 da dupla M. Lusini e F. Migliacci. Humberto Gessinger e companhia não foram os primeiros a fazer sucesso com a regravação da canção em português. Em 1967, um dos principais representantes da jovem guarda já se utilizava de seus versos emocionados para conquistar os brasileiros. Os Incríveis, que começaram como The Clevers. A música está no LP *Para Os Jovens Que Amam Os Beatles E Os Rolling Stones*. Como The Clevers, lançaram: *Encontro Com The Clevers – Twist* (1963); *Os Incríveis* (1964); *Os Incríveis Vol. 2* (1964); *Dançando Com The Clevers – Incríveis Vol. 3* (1965). Como Os Incríveis: *Os Incríveis* (1966), *Milionário* (1965); *Os Incríveis Nesse Mundo Louco* (1967); *Para Os Jovens...* (1967); *Os Incríveis The Clevers* (1968); *Os Incríveis Internacionais* (1968); *Os Incríveis* (1969); *Os Incríveis* (1970); *1910* (1971); *Os Incríveis Mungo, Nenê e Risonho* (1973); *Isso É Felicidade* (1975); *Disco De Ouro* (coletânea – 1977); *Os Incríveis E Seus Sucessos Da Parada* (1979); *Os Incríveis* (1981); *Os Incríveis E Seus Maiores Sucessos Vol. 2* (1981).

A loira e o fera

Sou apaixonada pelos Eurythmics, mas conheci a dupla tarde demais, pois sou muito nova. Gostaria de saber a discografia completa deles e das carreiras-solo de Anne Lennox e Dave Stewart.

Carolina Antonionna – Brasília, DF

Antes tarde do que nunca, certo, Carolina? Aqui vão as discografias que você pediu. Eurythmics: *In The Garden* (1981); *Sweet Dreams (Are Made Of This)* (1983); *Touch* (1983); *1984: For The Love Of Big Brother* (trilha sonora do filme *1984 1984*); *Be Yourself Tonight* (1985); *Revenge* (1986); *Savage* (1987); *We Too Are One* (1989); *Greatest Hits* (1991); *Live 1983 1989* (1993); *Peace* (1999). Anne Lennox solo: *Diva* (1992); *Medusa* (1995). Dave Stewart solo: *Lily Was Here* (trilha sonora para o filme de mesmo nome – 1990); *Greetings From The Gutter* (1995); *Sly-Fi* (1998). Dave Stewart com o Spiritual Cowboys: *Dave Stewart And The Spiritual Cowboys* (1990); *Honest* (1991)

Inimigo público número 1

Gostaria que vocês publicassem a discografia de uma das principais bandas do rap mundial, o Public Enemy.

William da Silva Moreira – São Paulo, SP

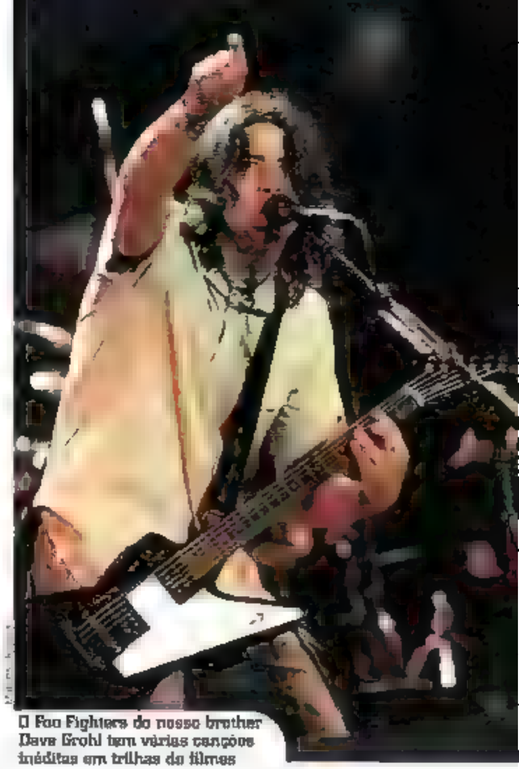
O grupo lançou os seguintes álbuns: *Yo! Bum Rush The Show* (1987); *It Takes A Nation Of Millions To Hold Us Back* (1988); *Fear Of A Black Planet* (1990); *Apocalypse 91... The Enemy Strikes Black* (1991); *Greatest Misses* (1992); *Muse Sick-N-Hour Mess Age* (1994); *He Got Game* (1998); *There's A Poison Goin On...* (1999)

Em busca da faixa perdida

Quais singles os Foo Fighters lançaram? Onde posso encontrar gravações que não sejam dos álbuns de carreira?

Alex Rocha – Cruzeiro, SP

A primeira gravação da, na época, "recém-formada banda do ex-baterista do Nirvana" foi o single promocional "Exhausted", lançado só em vinil, em junho de 1995. Depois vieram os singles de "This Is A Call", "I'll Stick Around", "For All The Cows" e "Big Me", tirados do disco de estréia. Do trabalho seguinte, *The Color And The Shape* (1997), os singles foram "Monkey Wrench" e "Everlong". "My Hero" e "Walking After You". Do terceiro álbum, *There Is Nothing Left To Lose* (1999), apenas três singles (os únicos que ainda estão em catálogo): "Learn To Fly", "Stacked Actors" e "Generator". Em 1996, regravaram "Down In The Park", de Gary Numan, para o disco *Songs In The Key Of X*, uma coletânea de músicas feitas para ou inspiradas no serial *Arquivo X*. Dois anos depois, participaram de um álbum duplo de covers lançado pela EMI, em comemoração aos 100 anos da gravadora. A música escolhida pela banda foi "Baker Street", sucesso do cantor escocês Gerry Rafferty no final dos anos 70. Além disso, "Dear Lover" está na trilha sonora de *Pânico 2* (1997), "A320", na trilha de *Godzilla* (1998), e a versão de "Have A Cigar", do Pink Floyd, foi gravada ao lado do ex-Queen Brian May para a trilha de *Missão: Impossível 2* (2000). Os singles do Foo Fighters possuem outros "lados B" inéditos. Mas a boa é visitar a seção audio/video do site oficial www.foofighters.com.br ou buscar no Napster as covers improváveis que a banda já mandou ao vivo. Elton John, Creed, Backstreet Boys e Travis estão entre os homenageados.



O Foo Fighters do nosso brother Dave Grohl tem várias canções inéditas em trilhas de filmes

A pedido da leitora Evelyn Cristina de Carvalho, de Vitória, ES

FICHA

O grupo foi o que mais emplacou na new wave

Importância

O final dos anos 70 e o começo dos 80 foi a época da avacalhação punk e do glamour do movimento new wave. Grupos como Blondie, B-52's, Talking Heads e, claro, The Cars eram os queridinhos do público e da crítica. Inspirados no rock de garagem, no pop bubblegum e no próprio punk, Ric Ocasek e companhia emplacaram várias músicas na parada de sucesso americana o que lhes rendeu um nome de respeito na história do rock, além de um bom número de discos de platina.

Biografia

O Cars foi formado em 1976 por Ric Ocasek (vocal e guitarra) e Ben Orr (vocal e baixo) – dois amigos que já se conheciam há dez anos e haviam gravado dois discos com o trio folk Milkwood – mais Elliot Easton (guitarra), Greg Hawkes (teclados) e David Robinson (ex-Modern Lovers – bateria). Em 1977, produziram uma demo com a música "Just What I Need", que acabou tendo uma boa execução nas rádios de Boston e levou a banda a conseguir um contrato com a Elektra em novembro do mesmo ano. O álbum de estréia, *The Cars*, foi gravado em apenas duas semanas e "Just What I Need", lançado como single no ano seguinte, entrou no top 30 norte-americano. O segundo trabalho, *Candy-O*, alcançou o terceiro posto na parada, em 1979, e acabou vendendo mais de 6 milhões de cópias, consolidando o Cars como um dos grupos mais bem-sucedidos da new wave nos Estados Unidos. Tanto é que, no mesmo ano, apresentaram-se para 500 mil pessoas num show no Central Park, em Nova York. *Panorama* (1980) ficou em quinto lugar nos Estados Unidos, mesmo sem nenhum hit. Antes da gravação do quarto álbum, os integrantes começaram a se dedicar a projetos fora da banda. Ocasek passou a trabalhar como produtor no mesmo ano em que o grupo comprou um estúdio em Boston e gravou parte do disco seguinte, *Shake It Up* (1982). Em seguida, o vocalista lançou seu primeiro disco-solo, *Beatitude*, e em 1984 veio o maior sucesso dos Cars, *Heartbeat City*, que teve quatro hits: "You Might Think", "Magic", "Hello Again" e "Drive", faixa cantada por Ben Orr e que acabou se tornando a música mais conhecida do grupo. Em 1986, Orr seguiu o exemplo do amigo Ric e lançou *The Lace*. Em 1987, o Cars veio com *Door To Door* e anunciou seu fim em fevereiro do ano seguinte. Todos os membros, especialmente Ocasek, continuaram compondo, produzindo e lançando trabalhos-solo. Seu currículo é muito respeitado como produtor. Durante a carreira, trabalhou com Suicide, Romeo Void, Bad Religion, Weezer, Nada Surf, Guided By Voices e outros. Ben Orr morreu de câncer no dia 3 de outubro de 2000.

Discografia

The Cars (1978), *Candy-O* (1979); *Panorama* (1980); *Shake It Up* (1981); *Heartbeat City* (1984); *Greatest Hits* (1985); *Door To Door* (1987), *Just What I Needed – Anthology* (1995, *Cars – Deluxe Edition* (1999)

Ric Ocasek: *Beatitude* (1982); *This Side Of Paradise* (1986), *Fireball Zone* (1991), *Quick Change World* (1993), *Negative Theater* (1993); *Getchertikitz* (1996); *Troublizing* (1997)

Ben Orr: *The Lace* (1986).

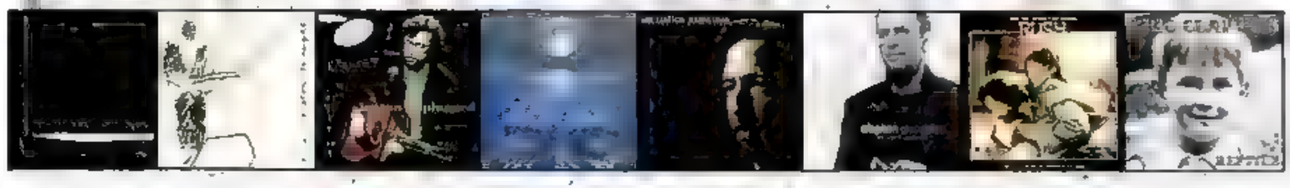
Elliot Easton: *Change No Change* (1985).

Greg Hawkes: *Niagara Falls* (1985)

Promoção Promoção Promoção

Eric Clapton nosso que estais no céu...

Erguei as mãos e dai glória a BIZZ, que está com 40 CDs do deus da guitarra, Eric Clapton, em busca de donos piedosos. São cinco kits, cada um incluindo os seguintes discos: *From The Cradle*, *24 Nights*, *Unplugged MTV*, *Pilgrim*, *Journeyman*, *Clapton Chronicles: The Best Of Eric Clapton 1981-1999*, *Rush* (trilha sonora original) e o recém-lançado *Reptile*. Tudo o que você tem a fazer para ser abençoado com os oito CDs é bolar uma reza (isso mesmo, uma oração) bem bacana para Eric Clapton (tente não ultrapassar dez linhas). Os cinco mais criativos vão receber em casa o pacotão, cortesia da gravadora Warner. Mande sua resposta para a Promoção Warner/BIZZ/Eric Clapton, Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000 ou para o e-mail showbizz@simbolo.com.br. O prazo final é dia 30 de maio e o resultado sai em julho. Amém.



Promoção Promoção Promoção

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Defesa do consumidor

Parabéns pela BIZZ de abril. As matérias foram perfeitamente costuradas e maravilhosamente diferentes. Um dos ingredientes que mais chamou minha atenção foi a criatividade dos textos. Comecei a comprar a revista em 1990 – quem estava na capa era Marisa Monte. Ambos (eu e a revista) crescemos e aprendemos muito nestes dez anos. Uma das coisas que aprendi foi sempre respeitar vocês. Até os defendo em discussões sobre o papel da mídia diante dos consumidores de música.

Danial Silva – São Paulo, SP

Cegos do castelo

É isso, senhores, essa é a penúltima edição de BIZZ que compro. Tanta coisa acontecendo e vocês não cansam de falar de Legião Urbana, Aerosmith, Beatles e outros dinossauros!!! Nada contra, apesar de não fazerem parte da minha discoteca básica. Mas eu quero é novidade!!! Sou leitor da revista desde o número zero e por várias vezes pensei em parar de comprá-la, mas desta vez é sério. Comprarei o próximo número cheio de esperança e ávido por coisas novas. Será que os amigos perderão (se é que isso ainda tem algum valor no meio de tantos exemplares vendidos) um dos leitores mais antigos desta revista?

Michael Soares – Rio de Janeiro, RJ

Caro leitor: será que você está lendo seus exemplares com atenção? Ou Astromato, Bebel Gilberto e Le Tigre (só para citar artistas com matérias na edição criticada) são dinossauros para você? E se Beatles não faz parte de sua discoteca, desculpa aí, mas o azar é seu.

A plebe se levanta

Sou consumidor assíduo de rock e, é claro, não poderia deixar de adquirir mensalmente a publicação de vocês, que por sinal sempre retrata fielmente aquilo que queremos ler. Na verdade, quase. Porque faltam mais reportagens sobre bandas brasileiras que querem dar certo ou que deram certo um dia. Tudo bem que os últimos números foram ótimos, com Legião Urbana e Capital Inicial na capa. Que tal agora uma reportagem sobre bandas como a Plebe Rude? Informação: o fã-clube oficial do Capital está organizando um abaixo-assinado com mais de 15 mil assinaturas, para que a gravadora Universal relance os quatro primeiros discos da banda.

Wallace De Mello – Belo Horizonte, MG

Entendendo a religião

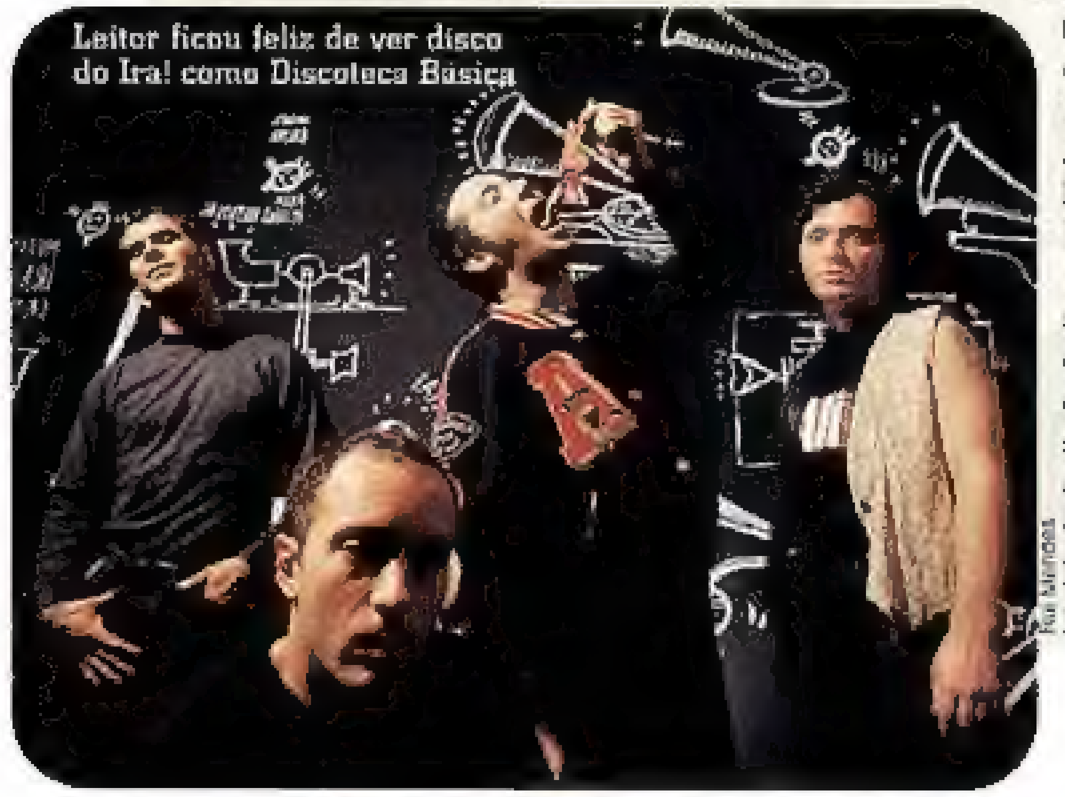
Sempre me perguntei por que o R.E.M., uma das bandas mais influentes do mundo do rock, é tão pouco conhecida no Brasil. Talvez tenha encontrado a resposta ao ler a crítica de José Flávio Júnior a dois discos do Ramones (edição de fevereiro). O motivo que faz a melhor banda de rock do mundo, o R.E.M., ser desconhecida no Brasil é o

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

Finalmente, experimentei uma satisfação que há muito não sentia como leitor da revista. Eu sempre duvidei de que algum dia a BIZZ publicaria uma matéria sobre o *Psicoacústica* (1988), essa raridade do IRA!, ainda mais como Discoteca Básica... O artigo trouxe informações preciosas, mostrando um trabalho do tempo em que ainda se fazia rock com identidade própria, com propostas diferentes e ousadas, sem se preocupar com quantas mil cópias iam vender. A matéria foi mais do que justa, resgatando e reafirmando o valor de uma das bandas mais dignas e íntegras do rock nacional. A quem interessar possa: é importante ressaltar que esse LP foi lançado, junto com o *Meninos Da Rua Paulo* (1991), num só CD, pertencente à coleção *Dois É Demais!* pela gravadora WEA em 1998, sendo ainda possível encontrá-lo em algumas lojas. Garanto que vale o esforço!

Davi Miranda Monteiro – Brasília, DF



Leitor ficou feliz de ver disco do Ira! como Discoteca Básica

SÍMBOLO
Diretora-Presidente Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bucco
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Hudi
Diretora Jurídica: Henrieuta Pezelli

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Laís de Castro
Diretora de Arte de Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flávio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Alberico R. Smith, Bernardo Araujo, Caio Vilela, Camilo Rocha, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Daniel Benevides, Daniel Oliveira (Los Angeles), Fabiano Batistela, Guilherme A. Hungria, Helton Ribeiro, Juliano Zappia, Luciano Marsiglia, Luciano Vianna, Marcel Plasse, Otávio Rodrigues, Pedro Alexandre Sanches, Pedro Só, Ricardo Alexandre, Sérgio Martins **Fotografia:** Ado Hennchs, Daniel Oliveira, Marcelo Leão, Marcos Hermes, Matias Maxx, Nuno Andrés **Ilustração:** Diego Medina **Revisão:** Zuzima Turano
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Flávia Levonn, Andréa Levonn (coordenadora)
Símbolo Press: Ana Carolina Oliveiro

PUBLICIDADE
Gerente de Agências: Claudia Di Camo • **Executivos de Negócios:** Cidinha Castro, Luciana Bergamasco, Marisa de Souza, Renato Mascarenhas e Sibele Resende • **Gerente de Diretas:** Luciana Ville • **Executivos de Negócios:** Andrea Branco, Rosangela Fernandes, Nadia Bronze, Cristiana Galeb e Fernando Picorone • **Gerente de Representantes:** André Barreiros • **Representantes** • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS - qd. 701, Bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (61) 322-2034, fax (61) 314-1541 – Ulysses Cava • **Interior de SP:** F&C Representações, R. Casemiro, 1.230, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14030-000, tel./fax (16) 620-2702 – Fernando Campos; F&C Representações, R. Felisberto Fiorlezze, 226, Campinas, SP, CEP 13084-790, tel./fax (19) 3289-1661 – Lucione Dias • **Minas Gerais:** Magalhães Epock Ltda., Av. do Contorno, 8000, s. 605, Bairro de Lourdes, Belo Horizonte, MG, CEP 30110-120, tel. (31) 3291-4929, Cibele Magalhães • **Paraná:** Yahn Repres. Comercial Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 808, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (41) 212-3466, fax (41) 232-0737 – Célia Yahn • **Rio de Janeiro:** Marca 21 Comunicações, R. Voluntários da Pátria, 45, cj. 401/402, RJ, CEP 22270-000, tel. (21) 579-2230, fax (21) 579-2240 – Carla Torres e Marta Pimentel **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tel./fax (51) 233-1513, – Andréa Iopper; Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (51) 582-1120, fax (51) 594-9089 – Claudia Krine • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, cj 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel/fax (48) 222-4355 – Adriano Kall

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Eduardo Keppler
Gerente Administrativo: Fátima Faria

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2255, fax (0xx11) 287-4579. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque) somente através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVC

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1255 (Grande São Paulo), 0800-150022 (outros estados), ou pelo e-mail: assinat@simbolo.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 253-9134 ou pelo fax (0xx11) 251-5458

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal

Viva News

INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO VIVA E DEIXE VIVER Nº 1

Editorial

Esta história começa assim...

Desde 1993 vinha ajudando as crianças do I.I. Emílio Ribas de diversas formas: comprando brinquedos para festas que periodicamente eram realizadas, contribuindo para os bingos e doando mensalmente tíquete-refeição para a compra de leite. Porém, sentia vontade de conhecer um pouco mais as crianças que estava ajudando.

Um dia, falando ao telefone com minha sobrinha, Violeta, comentei sobre como um ambiente hospitalar, que sempre produz medo nas crianças, poderia ser mais legal. Ela disse uma simples frase, mas que me fez parar para refletir: "Leia para elas".

Então, comecei a me preparar. Comprei livros, planejei a forma de contar histórias e ensaiei na véspera de minha apresentação.

Depois, desplanejei tudo!

E querem saber por quê? Por causa de uma conversa com o Wellington Nogueira, amigo pra lá de 15 anos, que é também o Dr. Zinho, dos Doutores da Alegria. Aprendi com ele que a criança não tem essa de planejamento. Tudo vale. Quando ligamos o motor da atenção e do respeito que elas merecem, qualquer lugar pode se transformar em um mundo encantado.

Dei asas à minha imaginação

Dia 17 de agosto de 1997 teve início o que posso chamar de um salto quântico em minha vida.

Passei a ouvir mais e falar o essencial. Ter mais cuidado com minhas palavras... Permitir que Pinóquio e Gepeto possam ter a ajuda dos Power Rangers para sair da barriga da baleia, que a Cinderela possa até ter joanete (esta é uma outra história, que um dia eu conto) e me sentir feliz ao ouvir um não ("Não, hoje eu não quero ouvir história").

Isso mesmo. Dizer não a um contador de histórias é muito importante para quem não pode dizer "não" para as agulhas, os remédios, os tratamentos.

Nosso trabalho

A Associação Viva e Deixe Viver é uma sociedade civil sem fins lucrativos, que conta com o apoio de voluntários para alcançar suas metas:

VISÃO – Desenvolver e capacitar o indivíduo para o cumprimento do trabalho voluntário no Brasil, de maneira consciente, comprometida e constante.

MISSÃO – Promover o entretenimento e a informação educacional, visando a transformar a internação da criança no hospital e a vivência em sua casa de apoio em um momento mais leve, agradável e alegre.

CAUSA – Contribuir para a humanização dos hospitais e casas de apoio, fortalecendo valores e princípios essenciais do ser humano: amor, responsabilidade, organização, transparência, respeito, paz, cooperação e união.

TRABALHO VOLUNTÁRIO – Primeiros passos na direção de um trabalho construtivo, desafiante e agradável.

QUEM É O VOLUNTÁRIO? É a pessoa que, motivada por valores de participação e solidariedade, doa seu TEMPO, TRABALHO e TALENTO.

QUALIDADE – O conceito moderno de voluntariado está muito ligado à execução de um trabalho de qualidade, que leva em conta o talento e as habilidades de quem o exercita, na busca da excelência do serviço prestado.

RESPONSABILIDADE – É o resultado de um trabalho que tem compromisso com o êxito, com o sucesso, e respeita o trabalho que já foi feito até então.

SATISFAÇÃO – É um trabalho exercido com prazer, garra, que fascina e dá um sentimento de plenitude para quem o faz. Um trabalho não remunerado, mas muito gratificante.

É a soma desses êxitos que fará a diferença na comunidade.

Valdir Cimino
Diretor-Fundador

Apoio: SÍMBOLO GARILLI

Para saber mais sobre o Viva, fale com a gente! Telefone (0XX11) 3865-2613 - site: www.vivaedeixeviver.org.br
Rua Venâncio Aires, 157, CEP 05024-030 - Perdizes - São Paulo - SP

☐ **Sim, eu quero ajudar a Associação Viva e Deixe Viver a alegrar a vida de muitas crianças hospitalizadas.**

Nome: ______
Endereço: ______ Bairro: ______ Cidade: ______ Estado: ______
CEP: ______ Telefone: ______ Fax: ______ e-mail: ______
DOAÇÃO MENSAL: ☐ R$ 20,00 ☐ mais de R$ 20,00
☐ CARTÃO DE CRÉDITO ☐ Mastercard ☐ Visa ☐ American Express Nº do Cartão: ______ Validade: ___/___
☐ BOLETO BANCÁRIO CPF Nº ______ ASSINATURA ______

mesmo que faz bandas como Ramones, Iron Maiden, Guns N'Roses e outras ainda terem tanto sucesso no país: atraso!!!
Luis Carlos – São Paulo, SP

Guns'N'Fuckin'Roses

Engraçado, mas um leitor disse que só no Brasil o Guns N' Roses conseguiria tamanha atenção da mídia e do público. O que ele deve ter pensado quando leu que os ingressos dos shows na Europa já estão quase todos vendidos? É uma interessante pergunta a ser feita, não acham? A verdade é que o Guns é um pouco maior do que nós, fãs, imaginávamos e muito maior do que a crítica brasileira gostaria que fosse.
Márcio Silva Gonçalves – São Paulo, SP

BIZZ agora é alternativa

Sou fã de bandas como Smashing Pumpkins e Radiohead, gosto muito de rock alternativo, mas tudo que é em demasia é prejudicial. A revista parece sempre se importar menos com certas bandas simplesmente pelo sucesso comercial delas. Alguém pode me explicar por que diabos vocês publicam resenhas de discos do Quasi, Add N To X, Goldfrapp e de coletâneas como *Phat Global #1*, sendo que não vi na mesma seção os últimos discos de estúdio de Charlie Brown Jr., Raimundos, O Rappa, Tihuana, Creed, Lenny Kravitz, Live e várias outras bandas famosas e importantes (ou só famosas)? Não que eu goste de todos esses artistas; alguns renegados pela revista chegam a me dar nojo. Mas acho que vocês devem entender que a maioria do público quer ver discos dessas bandas mais famosas resenhados. Claro que há grupos alternativos pouco conhecidos que merecem destaque, mas o exagero chega a irritar.
Rick Corgan – Salvador, BA

Parabéns, Corgan. Você é um leitor atento. Quer dizer... nem tanto, já que o último disco do Rappa foi o grande destaque da edição 171 (outubro de 1999). Live, Tihuana, Lenny Kravitz, Raimundos e outros artistas que ficaram sem resenha na seção de discos ganharam reportagens (e até capa) na época que lançaram seus trabalhos recentes. E os outros discos citados (exceto o Quasi) tiveram resenha simplesmente por terem ganhado edição nacional e serem relevantes. Só isso.

Correções:

• É óbvio que o álbum de estréia de Bebel Gilberto encontrou 350 mil compradores mundo afora, e não míseros 350, como está na página 54 da edição 189.

• Na mesma edição, no boxe da matéria do Pantera (página 47), as datas dos textos da terceira e da quarta foto estão erradas. O certo seria 1993 e 1995, respectivamente.

Promoção: Com a Melissa tem esquema?

Eis os leitores que foram mais criativos ao responder a pergunta "Qual seria seu esquema para faturar a Melissa?" e vão receber os CDs de Mundo Livre S/A e Bidê Ou Balde. Detalhe: a musa gaúcha Melissa ajudou a selecionar os vencedores.

Alessandra Gomes – Recife, PE
Alessandra Vagliengo – São Paulo, SP
Ana Camila Carrari – Pedreira, SP
Ana Cláudia de Queiroz – São Paulo, SP
Anderson Fiuza Pereira – Caxias do Sul, RS
Antônio Marcos da Rosa – Guarapuava, PR
Carlos Henrique Caetano – Campinas, SP
Daniel Cardoso Gonçalves – Curitiba, PR
Diogo Surdi – Capinzal, SC
Felipe de Mattos – Águas de Lindóia, SP
Francisco Eduardo Freitas Silva – Brejo, MA
Helio Luis Medina – Paulínia, SP
Irineu Simões Silva Filho – Catanduva, SP
José Allan de Luna Ribeiro – Recife, PE
José Wilson Souza – Itapetininga, SP
Kamila Viana – Ferraz de Vasconcelos, SP
Laura Souza e Silva – Juiz de Fora, MG
Lisiane Müller da Silva – Alvorada, RS
Luciana Munhoz Schuler – São Paulo, SP
Ricardo Chicuta – Criciúma, SC
Ricardo Danias – São Lourenço, MG
Ricardo Santos de Carvalho – São Luís, MA
Rodrigo Andery – Poços de Caldas, MG
Rostein Lourenço – Itaquaquecetuba, SP
Thiago Werminghoff – Getúlio Vargas, RS

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Aerosmith: Josué Leite da Silva – Rua das Merces, 6 – Guarulhos, SP – CEP 07083-100

Doors: Kátia Mayro Lopes Batista – Av. Presidente Getúlio Vargas, 305 – Munhoz de Mello, PR – CEP 86760-000

Cure: Mário Alvim – Rua 23 de Julho, 70 – Diadema, SP – CEP 09941-610 – E-mail: cure-sp@uol.com.br

Echo And The Bunnymen e INXS: Josias de Souza – Rua Alonso de Mena, 273, Jardim Marília – São Paulo, SP – CEP 03579-080

Elliott Smith e Mogwai: Saulo Araujo – Rua Uvaiá, 147 – Itaquaquecetuba, SP – CEP 08598-000

Green Day: Pripunk Holland – Rua Doutor Gonçalves Lima, 504, casa 1 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21555-500

Hole e Jewel: Marina Phillippe – Rua Francisco Marques, 333, ap. 204 – Rio Grande, RS – CEP 96200-150

Jean Michel Jarre: Leonardo Prata Jammal – Rua Marechal Deodoro, 573 – Uberaba, MG – CEP 38022-170

Led Zeppelin: Renato Soares Reis – Estr. Boiúna, 2.356 E – Taquara, RJ – CEP 22723-020

Legião Urbana: Danilo Araujo Reis – Rua José Joaquim, 101 – Ubatuba, SP – CEP 11680-000

Nirvana: Glaucia Holanda da Silva – Rua Campo Erê, 38, Vila Cisper – São Paulo, SP – CEP 03817-170

Pink Floyd: Fábio Yukio Iaguchi – Ehime-Ken-Hodo-Shi Nakani- Chiuiti, 501-4 – Lady Campus Sakudo, 102 – Japão

Queens Of The Stone Age: Felipe Leonardo de Mattos – Rua Mato Grosso, 274 – Águas de Lindóia, SP – CEP 13940-000 – E-mail: flpmts@yahoo.com.br

Radiohead: Rodrigo Cliff – Rua Maria José Ribeiro, 526 – Conceição do Rio Verde, MG – CEP 37430-000

Red Hot Chili Peppers: Eduard Louis Severson – Rua Açucena, 255 – Vila Velha, ES – CEP 29104-120

FÃS-CLUBES

Guns N' Roses: Official Fan Club – Rua Chapadinha, 15, ap. 401 – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21051-300

Nando Reis: Fã-Clube Oficial – Av. São Matheus, 284 – Jacareí, SP – CEP 12327-661 – E-mail: fclub-oficialnandoreis@bol.com.br

Eddie e a Donzela de Ferro.
Se não fosse heavy metal, seria um conto de fadas.
Bizz Extra
IRON MAIDEN
SÍMBOLO
Ano 1 – nº 6
R$ 2,50
25 anos de puro metal!
Em maio de 1976, surge a banda que iria mandar na música pesada até hoje
Todos os pontos altos que fizeram a história do grupo
Discografia completa e comentada
Revista-pôster
As metamorfoses de Eddie, o monstro-mascote que os fãs adoram
Já nas bancas!
SÍMBOLO

A marca registrada da Jovem Guarda

Convidado para tocar piano no disco de Erasmo Carlos, Lafayette esbarrou em um órgão Hammond B3 no estúdio e criou o som típico do movimento que surgia

Experimente lembrar da música "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno", de Roberto Carlos. Qual o som que veio primeiro à sua cabeça? Isso mesmo! Aquele órgão "choroso", anônimo na ficha técnica do LP e também ignorado nas reedições em CD. Pois esse órgão tem dono e a sonoridade que ele produziu transformou-se em marca registrada da Jovem Guarda. Estamos falando do tecladista Lafayette, que gravou com a maioria dos grandes ídolos do movimento. Ele está presente em todos os discos de Roberto Carlos até onde interessa, ou seja, o fim dos anos 60. E também nos álbuns de Erasmo Carlos, Wanderléa e Vips, para ficar nos mais óbvios. Entre 1965 e 1970, Lafayette gravou com muita gente que "tocava o dia inteiro no rádio". Sem contar os seus próprios discos, que apenas da série *Lafayette Apresenta Os Sucessos* teve mais de 50 lançamentos, no Brasil e no exterior.

Era o ano de 1965, e Erasmo Carlos tinha sido contratado pela RGE para gravar o seu primeiro LP, *A Pescaria*, lançado em maio daquele ano. Amigo de Lafayette e vizinho do bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, Erasmo chamou o então pianista para tocar no disco. Marcado o dia da gravação, foram os dois para o estúdio com a idéia de utilizar as habilidades de Lafayette na introdução do rock "Terror Dos Namorados". Chegando lá, no entanto, aconteceu algo que mudou o arranjo da canção e, mais do que isso, a história da música jovem brasileira.

Com a palavra, o próprio Lafayette: "O Erasmo era muito amigo meu. Um dia, ele foi lá em casa e disse: 'Vou gravar um disco e queria que você participasse tocando piano. Marcamos o dia e fui à RGE gravar. Entrando no estúdio, vimos um negócio, tipo um instrumento, jogado num canto. Era um órgão. Eu nunca tinha tocado órgão, mas achava o instrumento maravilhoso. Liguei e comecei a tocar umas músicas de Natal, de igreja, aquelas coisas típicas de órgão mesmo. O Erasmo, que naquela época já tinha umas idéias avançadas, disse: 'Puxa, bicho, que tal a gente fazer um negócio diferente, trocar o piano pelo órgão?'. O pessoal (da gravadora) chiou: 'Órgão em rock, em música jovem?'. Erasmo disse: 'Não, vamos experimentar'. A gente gravou 'Terror Dos Namorados' e 'A Pescaria'. Ouvimos a gravação e achamos que tinha ficado ótimo. Aí o Erasmo disse: 'Puxa vida, é isso aí que eu quero'".

A obra do tecladista — aqui, em dois momentos de sua coleção *Apresenta Os Sucessos* — continua sendo muito procurada nos sebos de vinil

Reprodução

Apesar de precoce, Lafayette tinha sua história. Começara a estudar piano clássico aos 4 anos, com a explosão do rock 'n'roll de Elvis Presley, Little Richard, Jerry Lee Lewis e outros heróis. Em 1958, com o grupo The Blue Jeans Rockers, gravou "Here Is The Blue Jeans Rockers", o primeiro registro de um rock instrumental em território brasileiro. Outro feito da banda, possivelmente o primeiro grupo de rock do país, foi acompanhar Neil Sedaka quando o cantor americano se apresentou no Rio.

O envolvimento de Lafayette com a Jovem Guarda continuou com Roberto Carlos. "Quando o disco do Erasmo ficou pronto, ele chamou o Roberto para mostrar a gravação e disse: 'Olha só que novidade vou lançar'. O Roberto ouviu, ficou maluco e falou: 'No meu próximo disco, também quero um órgão'. 'Então, vai lá', disse o Erasmo, 'fala com o Lafa'. Em seguida, Roberto me telefonou", conta.

Lafayette participou do disco *Roberto Carlos Canta Para A Juventude*, que, curiosamente, saiu um mês antes do LP de estréia de Erasmo Carlos. É dele o órgão em "Não Quero Ver Você Triste", com o Rei apenas declamando e assobiando. Roberto tinha apenas a letra e a primeira metade da música. Lafayette fez o complemento ao vivo no estúdio e, claro, sem crédito. Não por maldade, mas porque, como ele diz, "naquela época a gente não tinha essa idéia comercial".

O arranjo funcionou e a música fez sucesso, mas o impacto definitivo mesmo veio em seguida, com o clássico "Quero Que Vá Tudo Pro Inferno", do álbum *Jovem Guarda*, lançado em novembro de 1965. "Fui muito feliz em achar aquele som certo do órgão", lembra Lafayette. Esse "som certo" nasceu de um Hammond modelo B3, com uma caixa Leslie. Lafayette faz questão de dizer que deve muito daquela sonoridade "aos técnicos da CBS. Eles melhoravam muito o som do órgão, botavam um tipo de eco e davam uma equalização. Aquilo tudo ajudou a produzir aquele timbre legal".

Assim, a Jovem Guarda ganhava uma espécie de co-inventor, apesar de muito pouco lembrado e menos ainda creditado pela sua invenção. Uma espécie de *cult hero* brasileiro vivo nos sebos de vinil, onde seus álbuns são caçados até hoje.

Fernando Rosa

ESQUEÇA OS IMPORTADOS

TORTOISE
Standards

THE SEA AND CAKE
Oui

COUCH
Fantasy

KHAN
1-900-GET-KHAN

THE MODERNIST
Explosion

MOUNT FLORIDA
Arrived Phoenix

BAD ROCKETS
Transition

THE WISDOM OF HARRY
House of Binary

SOLEX
Pick Up

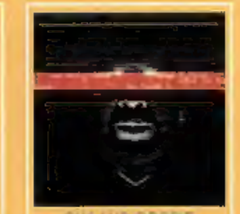
MATERIAL
Intonarumori

THE PHARCYDE
Plain Rap

LIVE HUMAN
Elefish Jellyphant

JOSH ROUSE
Home

OCEAN WORKER
Aural & Hearty


BLY AND ROBBE
Drum & Bass
Strip to The Bone by Howie B

LUNA
The Days of Our Nights

GALAXIE 500
The Portable Galaxie 500

CORNELIUS
Fantasma

CAT POWER
The Covers Record

YO LA TENGO
Mishmoshi-Moshi

PIZZICATO FIVE
The Fifth Release from Matador

STEPHEN MALKMUS
Stephen Malkmus

MORPHINE
Bootleg Detroit

STEREOLAB
Space Age Bachelor Pad Music

MEAT PUPPETS
Live in Montana

Nas melhores lojas
www.trama.com.br

Delicious Vinyl · too pure · Matador · Slow River · Ryko · Palm · Trama

Você tem certeza que sua coleção está completa?

BELLE AND SEBASTIAN

Legal Man

This Is Just A Modern Rock Song

Lazy Line Painter Jane – caixa com os três primeiros singles da banda: Dog On Wheels, Lazy Line Painter Jane e 3.. 6.. 9 Seconds Of Light

Tigermilk

If You're Feeling Sinister

The Boy with The Arab Strap

Fold Your Hands Child, You Walk Like A Peasant

Jeepster

nas melhores lojas www.trama.com.br

TRAMA